

Mickael Gonçalves Rodrigues

**TOULOUSE, LE MIRAIL: A INFLUÊNCIA DA CULTURA MAGREBINA NA
APROPRIAÇÃO DO HABITAT EM BELLEFONTAINE**

Dissertação de Mestrado. FAUP. 2011/2012

Orientação: Professores Rui Jorge Garcia Ramos (FAUP) e Remi Papillault (ENSAT)

RESUMO

Esta dissertação tem por objectivo principal determinar as relações existentes entre a cultura Magrebina e as apropriações do habitat realizadas pelos habitantes no bairro de Bellefontaine, em Toulouse – Le Mirail. Com uma população maioritariamente oriunda dos países do Norte de África, este bairro torna-se o palco de recomposições, destruições e reconstruções de uma cultura de origem dos habitantes, que são fermentadas, ou pelo contrário travadas, pelos próprios elementos que constituem este habitat. Para responder a este tema, o habitat foi dividido em três escalas de análise. A **primeira é a escala do Bairro** e faz referência às transformações e apropriações das ruas, dos espaços públicos etc. A **segunda escala diz respeito à envolvente próxima dos edifícios**. São compostos pelos jardins comuns aos habitantes de um mesmo edifício, aos átrios de entrada e aos corredores exteriores. Por fim a última. A **terceira escala de análise corresponde à casa** propriamente dita, onde a apropriação atinge o seu valor mais elevado. Esta análise foi realizada através de vários métodos. Observações objectivas da realidade, efectuadas em diversos dias permitiram compreender as transformações das diversas escalas estudadas ao longo do tempo. A participação em diversas reuniões de moradores permitiu interrogar os habitantes deste bairro e questioná-los directamente sobre o tema desenvolvido. A participação em duas sessões de apresentação que reuniram habitantes, arquitectos e representantes do município, organizadas pelo gabinete de arquitectura responsável pela requalificação do bairro de Bellefontaine permitiram ouvir as opiniões dos diversos habitantes e arquitectos relativamente aos projectos realizados ou a serem desenvolvidos. As influências exercidas pelos habitantes sobre as diversas escalas do habitat - e vice-versa - centram-se geralmente em torno das questões da sexualização do espaço. A cultura Magrebina dita regras de conduta e modos de utilização do espaço para cada um dos sexos, os quais os habitantes tendem a aplicar, entrando por vezes em confronto com a realidade idealizada pelos arquitectos e urbanistas. Para estes, uma melhor compreensão dessa cultura permitiria introduzir nos projectos elementos que poderiam melhorar as condições de vida de todos os habitantes.

ABSTRACT

The purpose of this thesis is to determine relationships between Maghrebians culture and appropriations of the habitat performed by residents of Bellefontaine, in Toulouse - Le Mirail. Being the population mainly native from countries of North Africa, this neighborhood becomes the scene of recompositions, destructions and reconstructions of the culture of origin of the inhabitants, which are fermented or otherwise delayed by the elements that constitute this habitat. To answer this question, the habitat was divided into three levels of analysis. **The first level is related to the neighborhood** and refers to the transformation and appropriations of streets, public spaces etc. **The second refers to the outside space, near buildings.** The former level is related to common gardens of residents living in the same building, entrance lobbies and access corridors. **The third and final level of analysis is the house itself**, where ownership is reached in its greatest extent. This analysis was conducted through several methods. Objective observations of reality made over several days helped to understand the transformations of various scales of the habitat through time. Participation in several neighborhood meetings allowed to question directly the inhabitants regarding the subjects of this work. The participation in two sessions that gathered residents, architects and managers of the municipalities gave the possibility of hearing the point of views of both residents and architects concerning the finalized or ongoing projects in Bellefontaine. The influence exercised by residents in the several levels of the habitat - and vice versa - is mainly concentrated on the sexualization of space. The Maghrebian culture dictates rules of conduct and behaviors inherent to each gender, which are followed by local residents, and occasionally lead to a confrontation with the idealized vision of architects and urbanists. To the former, a better understanding of this culture would introduce new elements to projects, which could improve the way of living of all residents.

RESUME

Ce mémoire a pour objectif déterminer les relations existantes entre la culture Maghrébine e les appropriations de l'habité réalisées par les habitants du quartier de Bellefontaine, à Toulouse – Le Mirail. Possédant une population majoritairement issus des pays d'Afrique du Nord, ce quartier est l'objet de recompositions, de destructions et de reconstructions de la culture d'origine des habitants, qui sont facilitées, ou au contraire difficultés, par les propres éléments qui constituent cet habitat. Pour répondre à cette question, l'habité a été divisé en trois échelles d'analyse. **La première est l'échelle du quartier** et fait référence à la transformation e aux appropriations des rues, des espaces publics etc. **La seconde fait référence aux abords de l'habitation** qui correspondent aux jardins communs aux habitants d'un même édifice, aux halls d'entrée et aux coursives extérieures. **La troisième et dernière échelle d'analyse correspond à la maison** proprement dite, où l'appropriation atteint sa plus grande ampleur. Cette analyse a été réalisée au travers de plusieurs méthodes. Des observations objectives de la réalité, effectuées sur plusieurs jours, ont permis de comprendre les transformations des diverses échelles de l'habité en tenant compte de la temporalité. La participation à plusieurs réunions de quartier a permis d'interroger directement les habitants sur plusieurs thèmes abordés dans ce travail. La participation à deux sessions de présentation de projets qui ont réunis habitants, architectes et responsables de la Municipalités ont permis d'entendre les opinions des habitants et des architectes concernant les projets qui ont été ou qui seront réalisés à Bellefontaine. L'influence exercée par les habitants sur les diverses échelles de l'habité - et vice-versa - se concentrent majoritairement autour des questions de la sexualisation de l'espace. La culture Maghrébine dicte des conduites à avoir ainsi que des modes d'utilisation de l'espace pour chacun des sexes, que les habitants tentent d'appliquer, et qui se confrontent parfois aux visions des architectes et urbanistes. Pour eux, une meilleure compréhension de cette culture permettrait d'introduire dans les projets de nouveaux éléments qui pourraient améliorer la vie de tous les habitants.

Dedico esta dissertação aos meus pais e irmã,
como forma da minha gratidão.

AGRADECIMENTOS

Finalizada uma etapa particularmente importante da minha vida, eis que chegou o momento de expressar sinceros agradecimentos a todos aqueles que, de alguma forma, me apoiaram nesta longa jornada e toraram possível a realização deste trabalho.

Ao Professor Doutor Rui Jorge Garcia Ramos, orientador desta dissertação, agradeço o apoio, a partilha do saber e as valiosas contribuições para o trabalho. Acima de tudo, obrigado por ter estimulado o meu interesse por um tema particularmente novo em Portugal.

Ao Professor Doutor Rémi Papillault, na qualidade de co-orientador, sou inteiramente grato pelo apoio incondicional e pelos inúmeros e inesquecíveis diálogos que acompanharam o desenvolvimento deste trabalho. Acima de tudo agradeço o privilégio de ter trabalhado num tema para o qual tanto tem contribuído.

Ao arquitecto Benoît Chansson, agradeço a partilha de documentação e a disponibilidade manifestada.

Aos habitantes do bairro de Bellefontaine, e especialmente à Karima, agradeço a paciência e a disponibilidade.

Aos meus amigos de sempre e para sempre – Arménio, Carlos, Christian, João, Marga, Margarida e claro, Sílvia - que iniciaram comigo esta jornada, agradeço a força e a amizade demonstrada em todos os momentos dos últimos anos.

Por último, mas não menos importante, manifesto um profundo e genuíno reconhecimento à minha família. Ao meu pai, Alberto, agradeço por me ter ensinado uma das maiores lições da minha vida: ser bom, nunca é suficiente. À minha mãe, Helena, agradeço o carinho e a atenção sem reservas que sempre me dedicou. A ambos, simplesmente agradeço, por tudo...

À minha irmã, Élodie, agradeço a eterna e incondicional cumplicidade que nos tem unido em todos os momentos e em todas as circunstâncias das nossas vidas.

A todos aqueles que me ajudaram a ser quem sou, que depositaram confiança em mim e para os quais sou uma esperança, resta-me agora não vos desiludir. A todos, muito obrigado.

MOTIVAÇÃO

Ao longo dos últimos quatro anos de percurso académico na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, os trabalhos elaborados consistiram sempre na análise e na crítica de um elemento arquitectónico isolado – o monumento, o edifício, a casa: o particular – unicamente do ponto de vista de profissionais ou de estudantes em arquitectura. Desse modo, no ano de conclusão manifestou-se a vontade de ultrapassar a ideia do objecto arquitectónico, como simples criação de um profissional, e de devolver ao utilizador a devida importância na criação e na definição dos espaços que constituem a Arquitectura. Assim, nasceu a vontade de analisar, de pensar e de reflectir sobre a importância do Homem que permite favorecer, ou pelo contrário piorar, as condições de vida, pois é ele que, graças à sua intervenção, configura os espaços do objecto arquitectónico, tornando-o assim num lugar de práticas sociais.

A conclusão deste percurso académico na Escola Nacional Superior de Arquitectura de Toulouse era então o pretexto ideal para pôr em prática essa vontade. De facto, a história de Toulouse foi marcada, na década de 60, pela construção de um bairro pensado, sonhado, *nascido através de sentimentos de amor, de liberdade, e de igualdade*¹. Idealizado sob a direcção do arquitecto Georges Candilis², este bairro chamado Le Mirail possui hoje, com quase meio século de história e de vida, uma realidade bem diferente daquela idealizada pelos profissionais durante a sua construção. Este bairro de Toulouse, *símbolo de uma formidável aventura urbana e humana, que terminou mal, ... continua a ser hoje, um laboratório urbano fascinante*³.

¹ CANDILIS, Georges. *Bâtir la vie. Un architecte témoin de son temps*. Stock., 1977, p.254.

² Nascido em Backou em 1913, muda-se com a idade de 12 anos para a Grécia onde se torna arquitecto na escola Politécnica de Atenas. Em 1945, uma bolsa do Estado Francês permite-lhe mudar-se para a cidade com que sempre sonhou: Paris. Georges Candilis perseguiu durante toda a sua carreira um sonho: pôr a sua arquitectura ao serviço dos mais pobres. As suas pesquisas tiveram, durante toda a sua vida de arquitecto, um mesmo tema: construir habitações “ricas” para os pobres, lugares que sirvam e respeitem o homem. A 10 de Maio 1995, Georges Candilis morre em Paris.

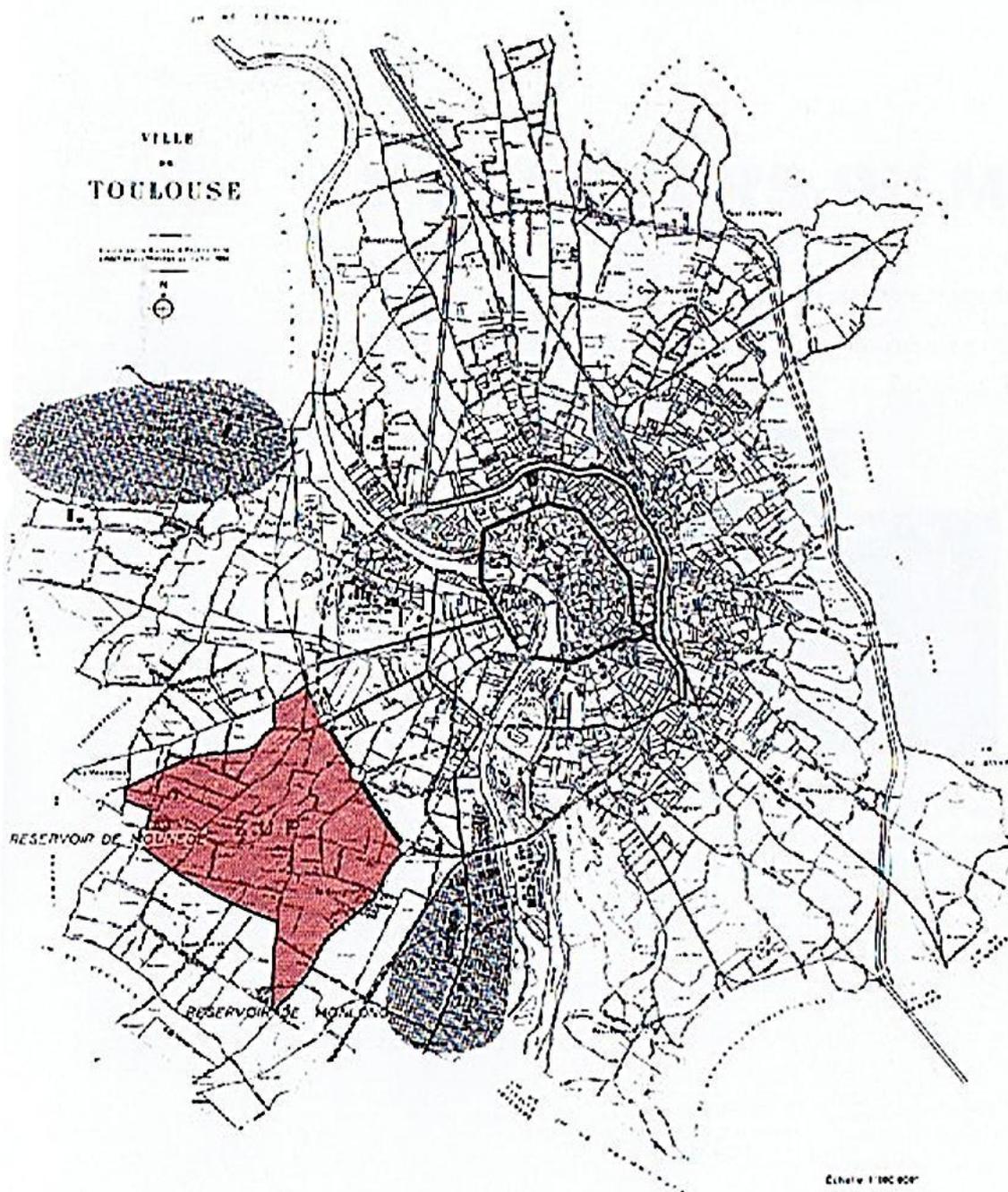
³ Revista bimestral. *Revue Urbanisme. Grand Toulouse, métropole en projets*, n°40. Paris, Publications d'Architecture et d'Urbanisme, 2011, p.30.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	17
Problemática	27
O bairro.....	29
A envolvente próxima.....	29
A casa	35
Território de estudo	37
O edifício Louis Pergaud.....	39
O edifício Le Tintoret	41
Método de análise	43
A observação das diversas escalas do habitat e o encontro com os habitantes.....	43
Os pontos comuns.....	45
Limatações	47
O BAIRRO DE BELLEFONTAIN	49
A evolução de um projecto desmedido	51
O projecto construído	51
As campanhas de renovação urbana	65
A relação com o espaço público	69
Bellefontaine: uma cidade dentro de outra.....	71
A praça de Bellefontaine: um território masculino.....	73
O parque de Bellefontaine: um território feminino	81
OS ESPAÇOS INTEMÉDIOS	87
Os espaços exteriores comuns: territórios de aprendizagem	91
Os elementos de circulação	107
A CASA	115
A apropriação da habitação	117
As células de habitação do bairro de Bellefontaine	119
A tipologia de Georges Candilis	119
A tipologia da APA.....	129
A casa: um território proibido para o homem “estrangeiro”	131
Limitações do estudo.....	131
As transformações das células de habitação	135
Os espaços de estar: o desnível posto em causa.....	135
As loggias: um espaço exterior desnecessário?.....	143
Os espaços de higiene íntima.....	147
CONCLUSÃO	151

1. INTRODUÇÃO

Z.U.P. TOULOUSE LE MIRAIL



3. Situação de Le Mirail – a vermelho - em relação à restante cidade de Toulouse.

Fonte: GRUET, Stéphane et PAPILLAULT, Rémi. *Le Mirail, Mémoire d'une ville*. Edições Poiésis, Toulouse, 2008, p.49.

INTRODUÇÃO



1. Vista aérea sobre França.
A vermelho: a cidade de Toulouse.
Fonte: Mickael R.



2. Louis Bazerque.
Fonte: Artigo, *Un pari tenu: Le Mirail*. *Entreprise* n°744, Dezembro 1969, p.2.

A construção deste bairro, *de uma modernidade excepcional*¹ para a sua época, foi o resultado de um contexto social, político e económico bem particular. *No final dos anos cinquenta, Toulouse (imagem 1) foi confrontada a uma expansão demográfica sem precedentes na sua história*². Ao forte aumento do êxodo rural, juntou-se o final da guerra de Argélia, devido ao qual *se previa a chagada massiva dos “pieds-noirs” que se iriam instalar no sul de França*³. A lotação excessiva da cidade de Toulouse, que conduziu a uma grande falta de alojamento, levou o Socialista Louis Bazerque, (imagem 2) então Presidente da Câmara, a criar em 1960 uma Zona a Urbanizar em Prioridade (ZUP). Tratava-se de um procedimento administrativo que pretendia a criação de um novo bairro que contivesse não só habitações mas também equipamentos, comércio e infra-estruturas que permitissem a sua ligação à cidade existente. O objectivo deste procedimento era por isso responder a uma forte necessidade de habitações, mas também de corrigir a falta de alguns serviços, que conduziam ao isolamento de famílias em “bairros dormitórios”. *Não se tratava apenas de encontrar um lugar para o homem, tratava-se de lhe dar a sua dignidade e o seu lugar numa nova sociedade*⁴.

Em Toulouse, o sítio destinado à criação desse novo bairro chamava-se Le Mirail. Com uma superfície de cerca de 700 hectares, situado a sul do rio Garonne e delimitado, a Norte pelo canal, a Sul por uma estrada nacional e a Leste por uma estrada existente, deveria acolher cerca de 25000 habitações, para receber 100000 pessoas. (imagem 3)

¹ COHEN, Pierre. In, GRUET, Stéphane et PAPILLAULT, Rémi. *Le Mirail, Mémoire d'une ville*. Edições Poiésis, Toulouse, 2008.

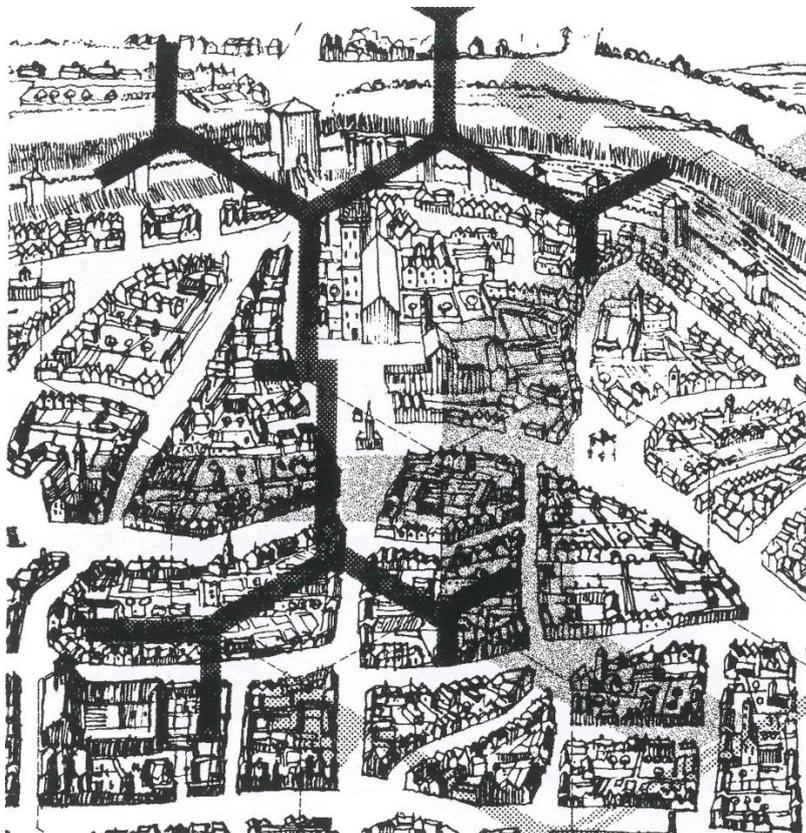
² GRUET, Stéphane et PAPILLAULT, Rémi. *Le Mirail, Mémoire d'une ville*. Edições Poiésis, Toulouse, 2008, p.40.

³ CANDILIS, Georges. *Bâtir la vie. Un architecte témoin de son temps*. Stock., 1977, p.245.

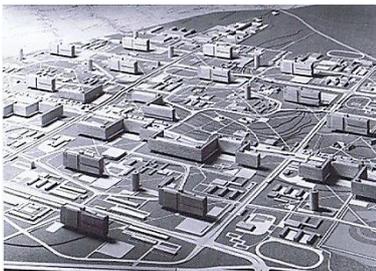
⁴ MARRET, Mario. Filme, *Le Mirail année zéro : 1970-1971*.



6. Fotografia da maquete apresentada pela equipa de Georges Candilis.
Fonte: Artigo, *Un pari tenu: Le Mirail*. *Entreprise* nº744, Dezembro 1969, p.5.



7. A forma tripartida de Toulouse-Le Mirail aplicada à cidade antiga de Toulouse.
Fonte: GRUET, Stéphane et PAPILLAULT, Rémi. *Le Mirail, Mémoire d'une ville*. Edições Poésis, Toulouse, 2008, p.82.



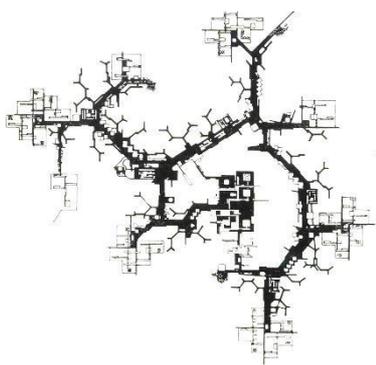
4. Maqueta da proposição da equipa de Le Corbusier.

Fonte: GRUET, Stéphane et PAPILLAULT, Rémi. *Le Mirail, Mémoire d'une ville*. Edições Poiésis, Toulouse, 2008, p.58.



5. Fotografia Georges Candilis.

Fonte: Artigo. *M. Louis Bazerque aux promoteurs toulousains: "C'est le moment d'intervenir au Mirail"*, *Officiel du bâtiment et des travaux publics de Toulouse*, nº67, Fevereiro 1970, p. 24.



8. Esquema: a estrutura do centro linear.

Fonte: Documentos apresentados no concurso, Candilis, Josic, Woods. Março 1961, p.1.

Para a construção do Mirail, participaram ao concurso lançado pela Câmara Municipal e apoiado pelo Estado, 53 equipas das quais uma composta por arquitectos locais dirigidos pelo próprio Le Corbusier. (imagem 4) O concurso foi vencido por uma equipa dirigida pelo arquitecto grego Georges Candilis (imagem 5) (Bakou, 1913 – Paris, 1995) associado aos arquitectos Alexis Josic e Shadrach Woods, em Janeiro de 1962. (imagem 6)

*Os vencedores reintroduziram neste projecto noções esquecidas como por exemplo as de centralidade de um bairro, de hierarquia dos espaços, de continuidade do construído, de ruas, transcrevendo-as em dispositivos originais tais como o "Cluster" (agrupamento), o "Stem" (centro linear) e o "Web" (trama)*⁵, que foram objecto de um longo estudo no passado por parte da equipa de Georges Candilis e que foram sintetizados no projecto do Mirail. A ideia principal do projecto *partiu de uma pesquisa sobre o passado da identidade de Toulouse*⁶. (imagem 7) Esta identidade consistia *numa espécie de coluna vertebral da cidade*⁷ constituída pelos canais, as avenidas, as ruas, as praças, os jardins, etc. O projecto do Mirail reforçava essa ideia de coluna vertebral de modo a reforçar o facto de que esta nova zona pertencia efectivamente à cidade de Toulouse.

Tendo em conta as particularidades do sítio, uma nova coluna vertebral foi traçada. Tratava-se de um centro linear (imagem 8) que percorria a totalidade do projecto, de modo a ligar todos as zonas (5 no total) deste novo bairro e ao longo do qual se articulavam prédios agrupados. Graças a esse centro linear, todos os habitantes beneficiavam das mesmas condições de vida e da mesma quantidade de equipamentos de modo a evitar o isolamento de algumas zonas.

Uma das particularidades do projecto está na clara separação entre o Homem e o carro. Ao longo desse centro linear e na base dos edifícios, encontra-se uma *dalle*⁸ que assegura essa separação. (imagem 9)

⁵ PAPILLAULT, Rémi. *Toulouse 1945/1975 ; la ville mise à jour*. Edições Loubatieres, Toulouse, 2009, p.145.

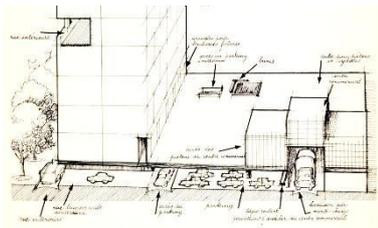
⁶ CANDILIS, Georges. *Bâtir la vie. Un architecte témoin de son temps*. Stock., 1977, p.246.

⁷ Ibid.

⁸ Optar-se à por utilizar neste trabalho o termo francês deste elemento por não haver na língua portuguesa nenhuma palavra que possa corresponder à tradução exacta. Trata-se de uma laje, que cobre uma vasta extensão por baixo da qual se efectua a circulação automóvel bem como o estacionamento, e por cima da qual se situa o espaço público onde se efectuam as circulações pedonais.

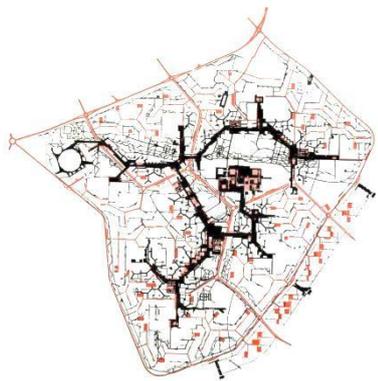


12. Planta da primeira parte da construção de Le Mirail que deveria ser composta por 3 bairros. Destaca-se o bairro de Bellefontaine que correspondeu ao primeiro a ser construído.
Fonte: Artigo, *Un pari tenu: Le Mirail*. Entreprise n°744, Dezembro 1969, p.1.



9. Esquema: o conceito de dalle.

Fonte: Artigo, *Une ville nouvelle, Toulouse – Le Mirail*. Documentation Géographique pédagogique, nº 183, Fevereiro 1971, p. 6.



10. Esquema. A organização das circulações automóveis a vermelho e pedonais a preto.

Fonte: Artigo, *Paris parallèle, Architecture d'aujourd'hui*, nº 101, Abril e Maio de 1962.



11. Fotografia aérea. À direita: os edifícios de grande dimensão; à esquerda: os edifícios de tamanho médio.

Fonte: Artigo, *Ville ou quartier? Toulouse – Le Mirail*. Bâtir nº162, Dezembro 1967, p. 80.

Sobre essa *dalle*, encontra-se os equipamentos, e por baixo, os carros, de modo a permitir aos habitantes percorrer a pé a totalidade da zona de modo seguro sem cruzar os automóveis. (imagem 10) O funcionamento dessa *dalle* não correspondeu, infelizmente, às ambições dos arquitectos e a sua utilidade foi posta em causa, o que conduziu à destruição quase total dessa *dalle*.

Várias tipologias de habitação foram também criadas: grandes prédios⁹, edifícios de tamanho médio¹⁰ (imagem 11) e moradias individuais (imagem 12) organizavam-se em torno de amplos espaços verdes, idealizados em conjunto de modo a satisfazer a maior quantidade de pessoas. A primeira parte do projecto foi realizada em 1964, antes mesmo do final do estudo definitivo. A municipalidade já adquirira uma parte do sítio, chamada Bellefontaine, (imagem 12) que permitiria acolher cerca de 20000 pessoas. Essa parte, agora chamado bairro de Bellefontaine, *foi o único a ser construído sob a direcção dos arquitectos e conforme aos princípios iniciais de Candilis*¹¹, e é por essa razão que o presente estudo se limitará a esse bairro piloto.

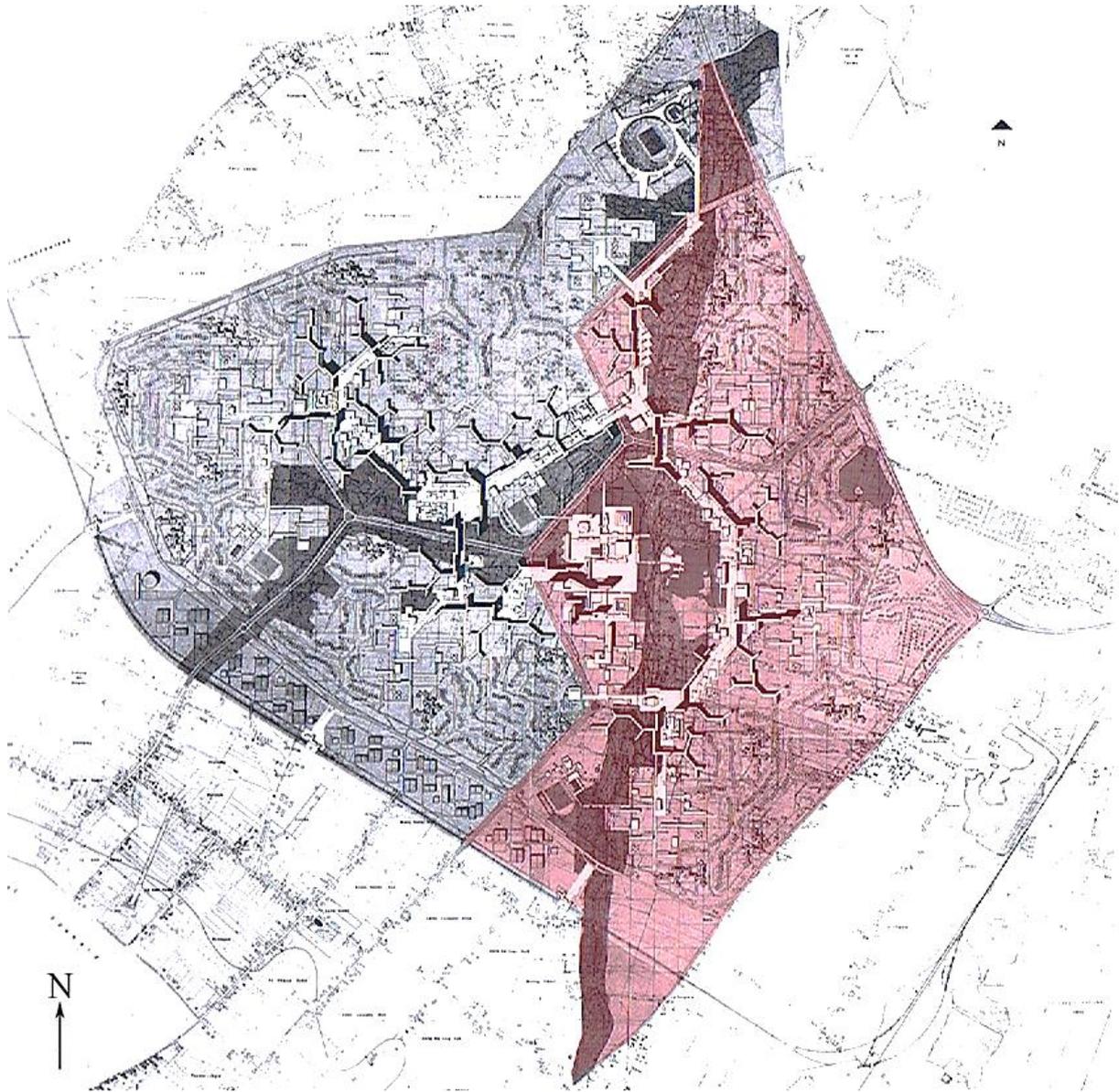
Inicialmente concebido com o objectivo de acolher a grande quantidade de populações derivadas do êxodo rural bem como as populações vindas do norte de África, o bairro de Bellefontaine viu a sua população modificar-se ao longo dos últimos trinta anos. Até aos anos 80, as políticas de alojamento social presentes nesse bairro conduziam à concentração de populações com grandes dificuldades financeiras. *As famílias de classe média, que trabalhavam nas empresas e fábricas próximas do bairro, acabavam por investir em habitações próprias na periferia e, fermentado pelos valores de agrupamento familiar, as populações derivadas da imigração começaram a chegar massivamente a Bellefontaine*¹². A população de Bellefontaine é assim, na sua maior

⁹ Considerar-se-á como grandes prédios, todos os edifícios cuja laje inferior do último piso se situe a mais de 28 metros acima do nível de piso utilizável pelos meios de serviço público e de combate ao incêndio na época da sua construção. Neste caso de estudo, considerar-se-á como tal, todos os edifícios cuja altura se situe entre 9 e 14 pisos acima do nível do solo.

¹⁰ Considerar-se-á como edifícios de tamanho médio todos os edifícios cuja altura não ultrapasse os 6 pisos para 12 habitações.

¹¹ PAPILLAULT, Rémi. *Toulouse 1945/1975 ; la ville mise à jour*. Edições Loubatieres, Toulouse, 2009, p.145.

¹² Revista bimestral. *Revue Urbanisme. Grand Toulouse, métropole en projets, nº40*. Paris, Publications d'Architecture et d'Urbanisme, 2011, p.31.



13. Projecto original de Georges Candilis para Toulouse – Le Mirail.

A vermelho: a zona que corresponde à primeira fase da construção.

Fonte: GRUET, Stéphane et PAPILLAULT, Rémi. *Le Mirail, Mémoire d'une ville*. Edições Poiésis, Toulouse, 2008, p.79.



12. Fotografia das moradias individuais.

Fonte: Artigo, *Ville ou quartier? Toulouse – Le Mirail*. Bâtir n°162, Dezembro 1967, p. 80.

parte derivada da imigração de primeira ou segunda geração. Segundo um estudo realizado em 2004 pelo Centro Interdisciplinar de Pesquisas Urbanas e Sociológicas¹³, encontram-se neste bairro habitantes oriundos de todos os continentes, no entanto, a população Magrebina representa cerca de 60% dessa população. Os nomes inscritos nas caixas de correio, bem como os idiomas falados nas ruas e nos edifícios desse bairro são testemunhos da forte presença dessa população em Bellefontaine.

Com quase meio século de história e de vida, a diferença entre o projecto original de G. Candilis, (imagem 13) que pretendia *criar o habitat de uma comunidade de 20000 pessoas, vivendo nas mesmas condições, ao abrigo de qualquer segregação*¹⁴, e a realidade de hoje, é bem diferente. Le Mirail é hoje um “*quartier sensible*”¹⁵, *marginalizado na realidade e nas representações dos habitantes de Toulouse*¹⁶.

Uma das grandes riquezas desse bairro encontra-se ao nível dos espaços do habitat – os edifícios mas também a sua envolvente próxima – e é nesses espaços que as diferenças entre o projecto vencedor e a realidade de hoje parecem maiores. Ao observar a sucessão de espaços que levam à habitação, a influência do habitante na apropriação e na transformação dos espaços é notável.

A forte presença da cultura Magrebina em Bellefontaine abre assim a possibilidade de que as transformações e as apropriações dos espaços do habitat podem estar directamente ligadas à cultura de origem do habitante.

¹³ DESBORDES, F ; JACQUIN, J ; JAILLET, M.C ; LAUMIERE, F ; et DE SORBIER, P. *Infléchir les politiques de peuplement dans les quartiers de Reynerie et de Bellefontaine*. Relatório realizado pelos finalistas de 2003-2004 do DESS : Habitat e políticas de planeamento., Centre interdisciplinaire de Recherches Urbaines et Sociologiques, Toulouse, 2004.

¹⁴ CANDILIS, Georges. *Bâtir la vie. Un architecte témoin de son temps*. Stock., 1977, p.254.

¹⁵ Designação utilizada em França para designar os bairros problemáticos das cidades.

¹⁶ Revista bimestral. *Revue Urbanisme. Grand Toulouse, métropole en projets, n°40*. Paris, Publications d'Architecture et d'Urbanisme, 2011, p.32.

A habitação é de facto *um lugar de recomposição, de desconstrução e de reconstrução de uma cultura de origem*¹⁷. Este processo de reconstrução de identidade pelo qual passam essas famílias, no país diferente daquele que conhecem, dá ao habitat uma importância excepcional. É aqui, que o habitante transforma o espaço, deixa o espaço transformá-lo, ou cria simplesmente uma hibridação dos espaços e dos lugares.

Coloca-se então uma questão: do bairro à habitação, qual é a influência da cultura Magrebina nas transformações e nas apropriações dos espaços do habitat em Bellefontaine?

PROBLEMÁTICA

Para responder à pergunta anteriormente colocada, é necessário desconstruí-la. De facto, a noção de habitat *ultrapassa amplamente as noções de casa e de habitação, e passa a envolver a repartição espacial dos habitantes, a paisagem, os espaços urbanos, a população e o seu modo de vida. O habitat é assim uma expressão da mentalidade dos habitantes e das suas relações com o meio envolvente*¹⁸. A relação entre a esfera privada e a esfera pública do habitat, permanece fortemente presente, e desse modo, não é possível fazer referência ao “dentro” sem referenciar também o “fora”. Assim, a tentativa de responder a esta questão, necessita de uma divisão do habitat em três escalas de análise.

¹⁷ BEKAR, Rabia ; BOUMAZA, Nadir e PINSON, Daniel. *Familles maghrébines en France, l'épreuve de la ville*. Presse Universitaires de France, Paris, 1999, p.2.

¹⁸ SERFATY – GARZON, Perla. *Le Chez-soi : habitat et intimité*. In BRUN, Jacques ; DRIANT, Jean-Claude e SEGAUD, Marion. *Dictionnaire critique de l'habitat et du logement*. Edições Armand Colin, Paris, 2003, p.65.

O bairro

A primeira escala de análise é a escala do bairro de Bellefontaine. Esta faz referência às transformações, apropriações e utilizações das ruas, das praças, dos parques, em suma: do espaço público. Esta distinção entre o espaço público e o espaço privado constitui *um processo de análise pertinente, mas é no entanto necessário conceber essa separação sem se abstrair das relações que estes dois universos mantêm entre eles*¹⁹.

O espaço público possui na cultura Magrebina uma importância tão elevada quanto a habitação. Ele é de alguma forma, o símbolo das divergências existentes nessa cultura entre os homens e as mulheres. Por um lado, é o palco das relações sociais e da vida em comunidade para o sexo masculino, e por outro, é também um território que o sexo feminino deve evitar a todo custo de modo a evitar conflitos. A compreensão das relações estabelecidas entre os habitantes e o espaço público poderá ajudar a reflectir sobre a importância desses espaços na comunidade Magrebina e vice-versa. Numa época em que este bairro é alvo de vários projectos de reestruturação, este será sem dúvida um tema a ter em conta de modo a pensar o espaço sem entrar em confronto com os habitantes.

A envolvente próxima

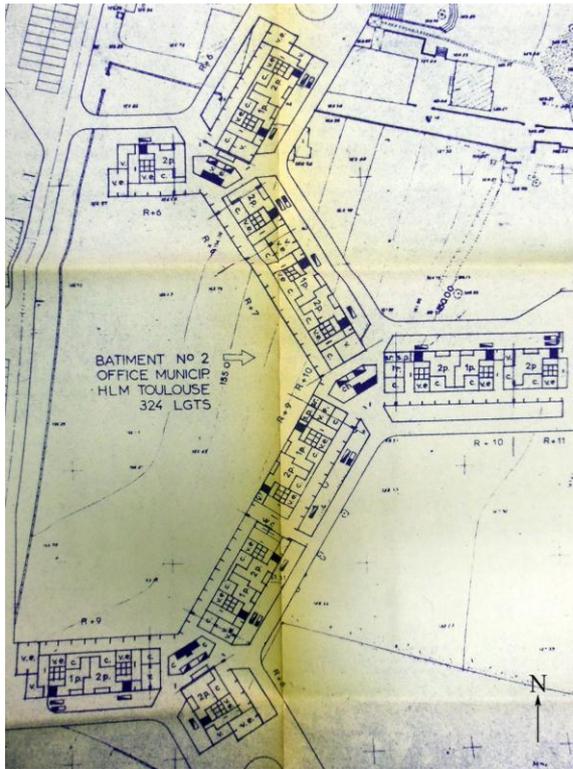
A envolvente próxima, cujo termo exacto seria “*les abords du chez-soi*”, é definida por Christian Moley²⁰ como sendo *os espaços situados entre a esfera privativa da casa e o espaço público*²¹. Para este autor, estes são por exemplo as entradas dos edifícios, *lugares de conflito que deram origem a uma lei que aí proíbe os encontros de grupos, desagradáveis para os habitantes*²². São também os espaços colectivos e os vazios entre os diversos edifícios, por fim, na maior parte dos casos são também os espaços exteriores, anexados à propriedade privada dos edifícios, e que permitem uma separação com a via pública.

¹⁹ BEKAR, Rabia ; BOUMAZA, Nadir e PINSON, Daniel. *Familles maghrébines en France, l'épreuve de la ville*. Presse Universitaires de France, Paris, 1999,p.69.

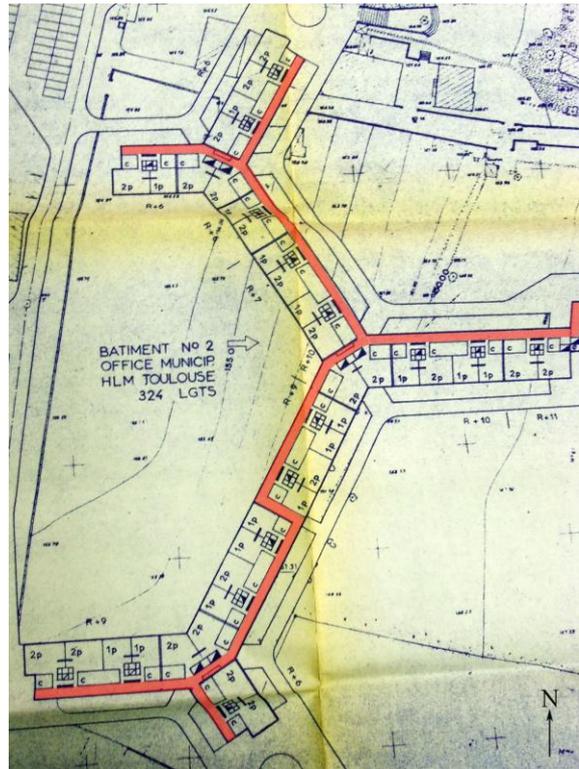
²⁰ Arquitecto, Doutor em antropologia social e histórica, professor na escola Nacional Superior de Arquitectura de Paris La Villette. Investigador e consultor em organismos ou ministérios, e especialista em questões do habitat. Autor do livro: *Les abords du chez-soi, en quête d'espaces intermédiaires*. Edições de la Vilette, Paris, 2006.

²¹ MOLEY, Christian. *Les abords du chez-soi, en quête d'espaces intermédiaires*. Edições de la Vilette, Paris, 2006, p.5.

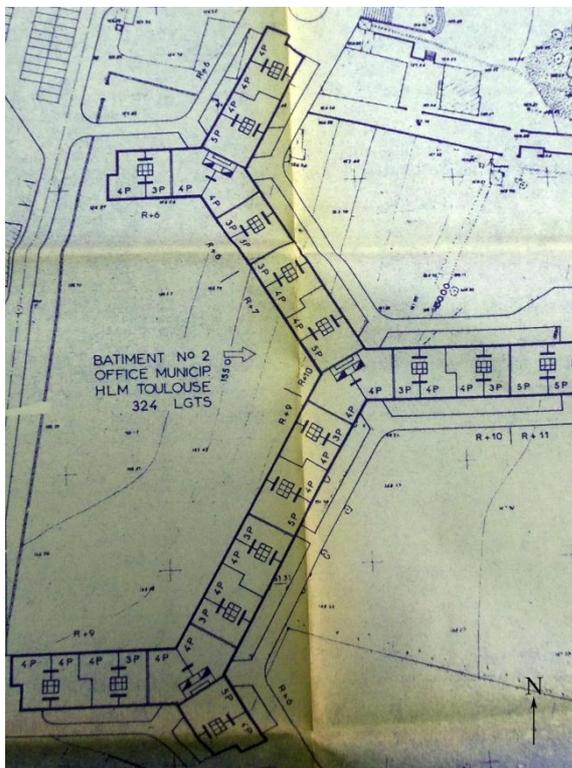
²² Ibid.



15. Fotografia da planta original do rés-do-chão de um dos edifícios do bairro de Bellefontaine.
 Fonte: Arquivo Municipal da cidade de Toulouse.



16. Fotografia da planta original do piso da “rua aérea”- 6º, 9º e 13º pisos - de um dos edifícios do bairro de Bellefontaine. A vermelho: a “rua aérea”.
 Fonte: Arquivo Municipal da cidade de Toulouse.



17. Fotografia da planta original do piso tipo de um dos edifícios do bairro de Bellefontaine.
 Fonte: Arquivo Municipal da cidade de Toulouse.

Neste caso de estudo, a envolvente próxima da habitação é constituída por uma série de espaços que levam à esfera privada da casa, e cuja realidade de hoje parece não estar totalmente em acordo com os princípios enunciados por Georges Candilis. De facto, parecem existir diferenças significativas entre a realidade actual do bairro de Bellefontaine e o bairro idealizado pelo arquitecto.



14. Fotografia de um dos jardins de Bellefontaine.
Fonte: Mickael R.

Na base dos edifícios encontram-se os jardins “sonhados” por G. Candilis, *jardins para todos, onde não é proibido pisar a relva, jardins onde podemos permanecer, jardins que “consumimos” e que utilizamos, e não apenas jardins por onde passamos!*²³ Esta era a vontade do arquitecto mas o habitante, enquanto utilizador, tem a possibilidade de decidir agir de outra forma. (imagem 14)

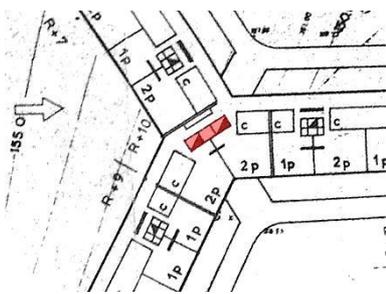
Ao observar a fachada dos edifícios, é possível notar a importância do Homem na definição desse limite entre o exterior e o interior. *A fachada é alterada constantemente pelos habitantes graças à utilização de painéis deslizantes, assim como a vida atrás das fachadas se altera*²⁴. Mas essas alterações parecem ir mais longe, cada habitante dispõe da possibilidade de transformar a pequena extensão de fachada de que dispõe adicionando-lhe novos elementos, ultrapassando assim os limites do privado.

À entrada dos edifícios, as transições entre o espaço público e o espaço privado parecem ser autênticos espaços de encontro. Frente ao átrio de entrada dos edifícios ou nas partes exteriores cobertas, é possível denotar rapidamente a presença de vários habitantes reunidos naqueles que *a priori* deveriam ser simples espaços de transição mas que, graças à transformação das suas funções, se tornam espaços de práticas sociais.

Ao penetrar no interior dos edifícios, é então possível descobrir a complexidade do sistema de distribuição. (imagens 15, 16, 17) Para subir até à habitação, o habitante dispõe de vários percursos possíveis. O primeiro consiste em subir através da caixa de escadas verticalmente alinhada com a sua habitação, o que torna este percurso exaustivo quando a sua habitação se encontra num piso elevado.

²³ CANDILIS, Georges. *Bâtir la vie. Un architecte témoin de son temps*. Stock., 1977, p.261.

²⁴ MARRET, Mario. Filme, *Le Mirail année zéro : 1970-1971*.



18. Excerto da imagem 16.
Os elevadores – a vermelho – situavam-se unicamente nas articulações dos edifícios.
Fonte: Arquivo Municipal de Toulouse.



19. Fotografia do “andar rua”.
Fonte: Mickael R.

A segunda possibilidade consiste em utilizar os elevadores que, devido a razões económicas, se encontram apenas nos ângulos tripartidos dos edifícios (imagem 18) e que servem os “andares rua”²⁵. (imagem 19) Esta tipologia de circulação consistia na utilização de passagens horizontais, ruas que ligavam os edifícios entre eles, no 5º, no 9º e no 13º andar. Estas ruas elevadas permitiam não só aos habitantes aceder às suas habitações como também lhes davam a possibilidade de passar de um edifício para outro. Facilitavam assim as comunicações sem ter de passar novamente pelo rés-do-chão²⁶. Hoje, as ligações entre os diversos edifícios efectuadas através desse sistema foram quase todas encerradas por diversas razões.

A envolvente próxima dos edifícios de Bellefontaine é constituída por lugares cuja definição enquanto espaço é ambígua. Esses espaços comuns de carácter privado agem como espaços-tampão, *são uma partição clara entre o público e o privado, nascidos de uma preocupação tanto ao nível de gestão como de segurança*²⁷. Para os arquitectos, esses espaços são uma passagem progressiva entre o espaço público e o limiar da habitação. Conduzem lentamente do exterior para o interior ou vice-versa, abrem a habitação para a rua e tornam-se então numa espécie de “entre dois” comumente chamados “espaços intermédios”. Em Bellefontaine, estes espaços parecem à primeira vista um prolongamento da habitação para o exterior. Os limites do apartamento parecem estender-se para o exterior, onde o homem tenta aos poucos conquistar um espaço que não lhe pertence. As apropriações desses espaços parecem vastas e trata-se não só a transformações físicas, mas dizem também respeito à esfera social da habitação. São também lugares de encontros e permanência muitas vezes estigmatizados.

*Na cultura Magrebina, a frequência dos espaços exteriores confirma a maior prática do espaço de proximidade pelos homens, e a clausura das mulheres pontuada de raras saídas ao centro da cidade*²⁸. De facto,

²⁵ Noção utilizada por Georges Candilis na memória descritiva do projecto datada de 1965.

²⁶ CANDILIS, Georges. *Bâtir la vie. Un architecte témoin de son temps*. Stock., 1977, p.256.

²⁷ Ibid, p.256.

²⁸ BEKAR, Rabia ; BOUMAZA, Nadir e PINSON, Daniel. *Familles maghrébines en France, l'épreuve de la ville*. Presse Universitaires de France, Paris, 1999, p.84.

os espaços do habitat serão, na cultura Magrebina distinguidos entre espaços masculinos e espaços femininos.

*Poderíamos falar, no caso das mulheres, de um certo encerramento dentro do espaço doméstico*²⁹ enquanto os homens que frequentam demasiado este espaço seriam mal vistos dentro da comunidade. Várias perguntas se colocam então: Qual a importância desses espaços para os habitantes? De que modo são esses espaços apropriados em função da cultura de origem do habitante? Serão os espaços do habitat espaços sexuais? E que importâncias devem ter esses espaços no pensamento dos arquitectos, na hora onde se multiplicam os projectos de renovação urbana em Le Mirail?

A casa

A terceira escala do habitat analisada é a própria casa. Parece necessário analisar as transformações e as apropriações efectuadas pelos habitantes nas suas habitações porque, mesmo sendo a influência dos habitantes notável nas diversas partes comuns dos edifícios, é no seu meio mais privado, que esta apropriação atinge o seu valor mais elevado. De facto, *a habitação pressupõe sempre a apropriação,E não faz referência apenas ao que se encontra entre as suas paredes ou à organização que é própria ao habitante deste espaço. Faz também referência à consciência do habitante da sua própria interioridade, à sua vida familiar e doméstica, ...em suma, à sua intimidade*³⁰.

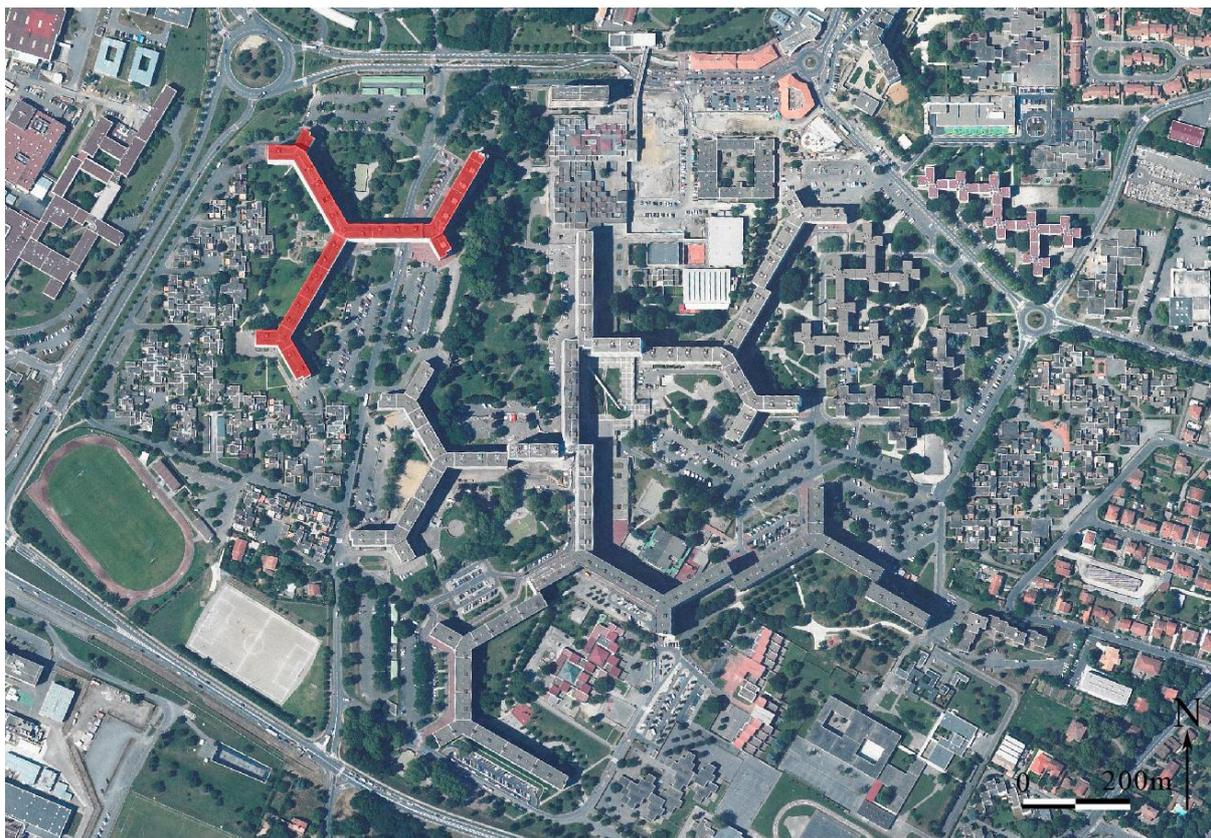
No projecto de Georges Candilis, os apartamentos deveriam *permitir aos habitantes tornarem-se arquitectos nas suas próprias habitações, e alojar-se “à medida”*³¹. Através de um sistema de painéis deslizantes, o arquitecto pretendia *dar à habitação um espaço flexível*³², capaz de se adaptar às alterações constantes das famílias. No entanto, mais uma vez, o desejo do arquitecto parece não corresponder à realidade, uma vez que essa “flexibilidade” da habitação é na maioria dos casos posta em causa

²⁹ BEKAR, Rabia ; BOUMAZA, Nadir e PINSON, Daniel. *Familles maghrébines en France, l'épreuve de la ville*. Presse Universitaires de France, Paris, 1999, P.150.

³⁰ SERFATY – GARZON, Perla. *Le Chez-soi : habitat et intimité*. In BRUN, Jacques ; DRIANT, Jean-Claude e SEGAUD, Marion. *Dictionnaire critique de l'habitat et du logement*. Edições Armand Colin, Paris, 2003. P.69.

³¹ CANDILIS, Georges. *Bâtir la vie. Un architecte témoin de son temps*. Stock., 1977, p.257.

³² Ibid



21. Vista aérea sobre o bairro de Bellefontaine antes da campanha de renovação urbana que levou à destruição de alguns edifícios.

A vermelho: o edifício Louis Pergaud.

Fonte: Câmara Municipal de Toulouse.



22. Vista aérea sobre o bairro de Bellefontaine depois da campanha de renovação urbana que levou à destruição de alguns edifícios.

A vermelho: o edifício Louis Pergaud que foi dividido em duas partes.

Fonte: Câmara Municipal de Toulouse.

pelos habitantes. Cada apartamento torna-se assim ao longo dos anos um lugar de práticas, apropriado e transformado pelos habitantes, de modo a responder eficazmente às suas reais necessidades. Para Georges Candilis, a classificação dos apartamentos por tipologias como por exemplo T3 ou T4 não fazia sentido. Considerava que as habitações não eram compostas de quartos mas sim de lugares que, independentemente do seu carácter flexível, são também o cenário de *uma recomposição da cultura de origem*³³, e parece então necessário para compreender a habitação, compreender também os habitantes.

Partindo então da ideia de que as habitações evoluem para acompanhar as transformações das famílias, essas transformações tornam-se então um tema de estudo. De que modo os habitantes se apropriaram as habitações? Que transformações físicas ou funcionais dos espaços realizaram? Que relações têm essas transformações com a cultura de origem dos habitantes? De que modo as habitações de Bellefontaine se adaptam aos habitantes de origem Magrebina? Será a arquitectura de Bellefontaine uma barreira à recomposição da cultura de origem na habitação? Partindo da hipótese de que existe uma serie de mecanismos de transformações aplicados em diversos casos pelos habitantes, seria então possível desenvolver uma nova tipologia de habitação que hoje, poderia satisfazer a maior parte dos habitantes derivados dessa população.

TERRITÓRIO DE ESTUDO

De modo a poder desenvolver este estudo, é necessário seleccionar alguns edifícios que caracterizem o bairro de Bellefontaine e cujas observações possam, enquanto exemplo, ser aplicadas aos outros edifícios do bairro. A maior parte dos edifícios deste bairro são habitações sociais, os chamados HLM³⁴. É por essa razão que este estudo se limitará às habitações que beneficiem da ajuda do estado. Os edifícios HLM do bairro de Bellefontaine foram o resultado de um concurso ao

³³ BEKAR, Rabia ; BOUMAZA, Nadir e PINSON, Daniel. *Familles maghrébines en France, l'épreuve de la ville*. Presse Universitaires de France, Paris, 1999, p.187.

³⁴ Designação para *Habitation à Loyer Modéré*. Trata-se de habitações sociais cuja renda é estabelecida pelo Estado.



23. Planta do apartamento tipo do edifício Louis Pergaud. Arquitecto G. Candilis. Escala: 1/150
Fonte: Mickael G.

qual participaram várias equipas de arquitectos. Distinguem-se neste bairro as realizações de dois importantes escritórios de arquitectura daquela época, l'APA³⁵ e o escritório do próprio Georges Candilis³⁶. As realizações destes dois escritórios representam a quase totalidade das habitações presentes no bairro de Bellefontaine. Dado ao facto de que as habitações assim como o sistema distributivo é idêntico para cada um dos edifícios de um mesmo escritório de arquitectura, parece óbvio a necessidade de escolher um edifício que represente cada um dos gabinetes. Assim, dois grandes edifícios de habitação social foram seleccionados como amostra característica do bairro de Bellefontaine.

O edifício Louis Pergaud



20. Fotografia aérea do edifício Louis Pergaud.
Fonte: Bing Maps.

Situado a este da rua de la Tourasse, este edifício (imagem 20) cujo projecto data de 1965 e cuja construção se iniciou em 1966, foi o resultado de uma ampla pesquisa por parte do seu arquitecto, G. Candilis. Composto hoje por 247 habitações, contendo tipologias que variam entre o T0 e o T4, e cuja altura varia entre 6 e 10 pisos *de modo ao escapar ao gigantismo uniforme*³⁷, é hoje administrado pela sociedade *Patrimoine SA languedocienne* e fazia parte, durante a sua construção, de um edifício maior. As campanhas de renovação urbana deste bairro conduziram à destruição de parte deste edifício, dividindo-o assim em duas partes. (imagens 21 e 22) O complexo sistema de distribuição utilizado neste edifício corresponde àquele idealizado pelo seu arquitecto, contendo “ruas aéreas” que o ligavam aos outros edifícios.

Uma das grandes riquezas deste edifício situa-se sem dúvida ao nível das habitações que constituem *uma das células de habitação mas sábias daquela época*³⁸. Estes apartamentos (imagem 23) são não só o resultado de inúmeras pesquisas por parte do arquitecto G. Candilis, mas também de inúmeras restrições regulamentares e orçamentais³⁹ que deram a estas

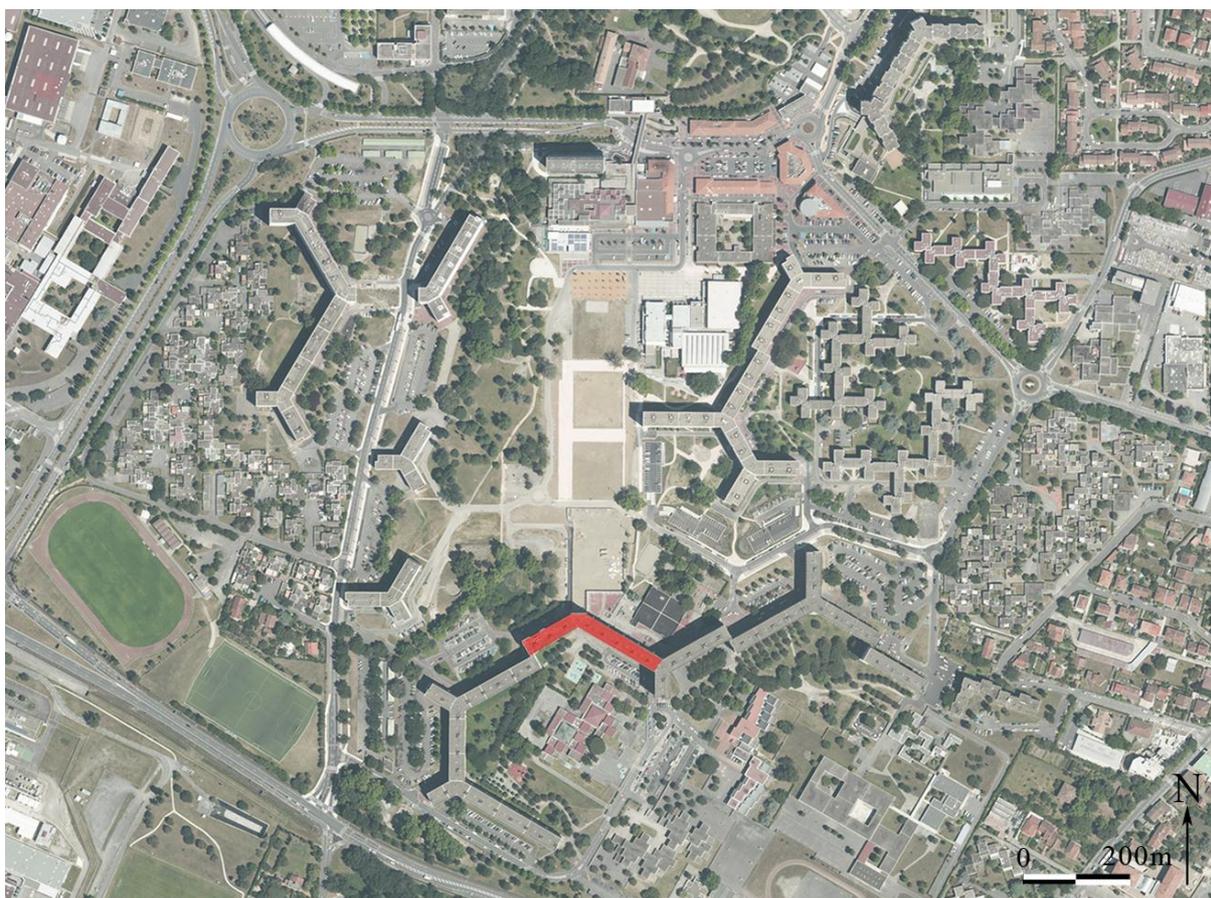
³⁵ Association Paritaire d'Architectes.

³⁶ Em colaboração com os arquitectos MM. Allet, Barbu, Castaing, de Noyers, Gardia, Genard, et Valle.

³⁷ CANDILIS, Georges. *Bâtir la vie. Un architecte témoin de son temps*. Stock., 1977, p.256.

³⁸ PAPILLAULT, Rémi. *Toulouse 1945/1975 ; la ville mise à jour*. Edições Loubatieres, Toulouse, 2009, p.147.

³⁹ Sendo estas habitações sociais, foram submetidas a uma legislação própria que influenciaram o resultado final. Uma das grandes alterações do projecto teve a ver com a



26. Vista aérea sobre o bairro de Bellefontaine
A vermelho: o edifício Le Tintoret.
Fonte: Câmara Municipal de Toulouse.



24. Fotografia dos painéis deslizantes das fachadas.
Fonte: Artigo, *Un pari tenu: Le Mirail*. Entreprise n°744, Dezembro 1969, p.9.



25. Fotografia aérea do edifício Le Tintoret.
Fonte: Google Maps.

habitações qualidades nunca antes atingidas em habitações sociais. Nestas habitações, G. Candilis introduziu noções de espaços flexíveis e maleáveis, tal como o espaço ligado à sala que poderia ser um quarto, um escritório ou uma extensão da própria sala. Assim, painéis deslizantes permitiam ao habitante transformar o espaço consoante as suas necessidades.

Outra característica fundamental destas habitações é a utilização de uma elevação de 50 centímetros que divide a parte baixa dedicada à reunião da família, e a parte alta, dedicada ao recolhimento e ao descanso⁴⁰. As duas fachadas destas habitações abrem para *lógias* que, graças aos painéis deslizantes da fachada, permitem à *loggia* transformar-se numa nova divisão exterior. (imagem 24)

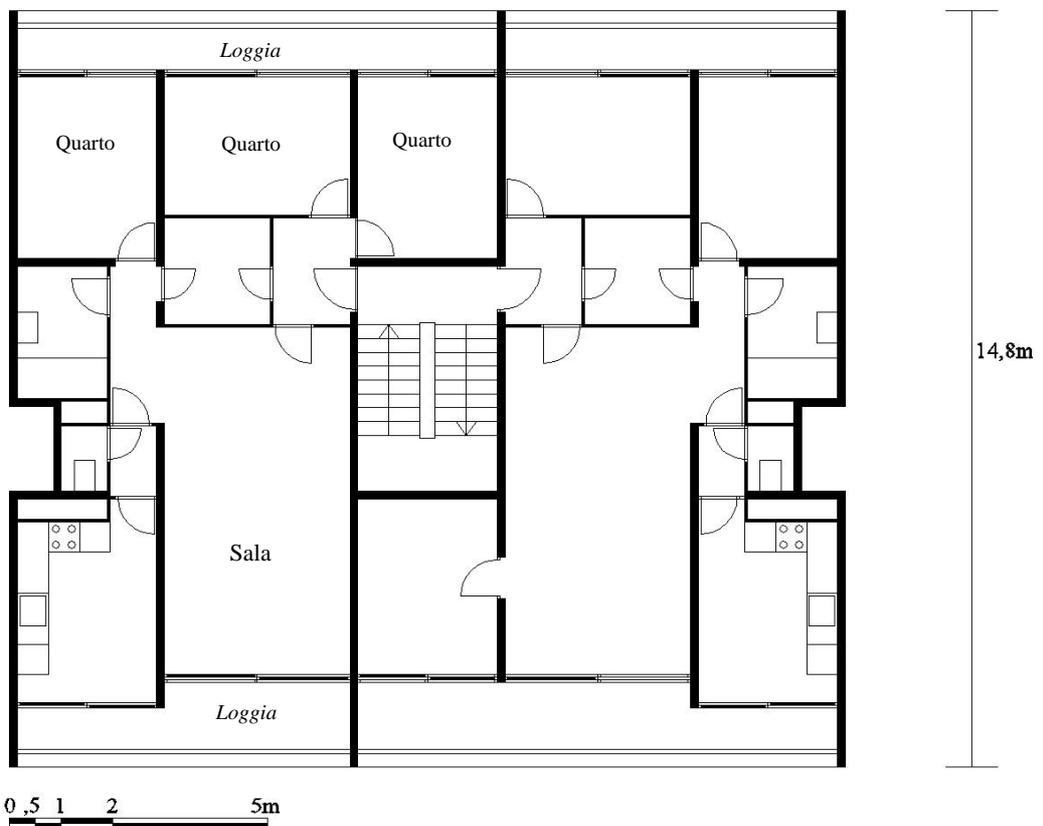
O edifício Le Tintoret

Este edifício, (imagem 25) cujo projecto é da autoria da *Association Paritaires d'Architectes* – APA – data de 1968. Dado ao facto de este edifício se estender sobre uma superfície muito elevada, este estudo limitar-se-á à parte situada na rua Cheminement le Tintoret e administrada pela sociedade HLM SA Les Chalets. (imagem 26)

Este edifício, ao contrário do edifício de G. Candilis acima referido, possuía uma laje – que G. Candilis chamava de centro linear - no rés-do-chão cuja maior parte foi destruída ao longo dos anos. Encontramos, no que diz respeito ao sistema de distribuição e das fachadas compostas por painéis deslizantes, grandes semelhanças em relação ao edifício Louis Pergaud do arquitecto G. Candilis.

superfície dos apartamentos. A legislação estipulava uma área máxima, e o arquitecto Georges Candilis teve por isso de reduzir a largura da trama central para 2.40m e reduzir também a dimensão da *loggia*.

⁴⁰ CANDILIS, Georges. *Bâtir la vie. Un architecte témoin de son temps*. Stock., 1977, p.258.



27. Planta do apartamento tipo do edifício Le Tintoret. Escritório APA. Escala: 1/150
 Fonte: Mickael G.

É no entanto nas habitações que se encontram as maiores diferenças. (imagem 27) Aqui, a habitação é simplificada em relação ao edifício Louis Pergaud. Os apartamentos são compostos por um único nível, não existe nenhum painel deslizante no seu interior e os painéis exteriores situam-se ao nível das caixilharias, o que não permite encerrar a *loggia*. No entanto, e ao contrário do edifício de G. Candilis, a profundidade da *loggia* varia consoante o espaço que serve.

MÉTODO DE ANÁLISE

A observação das diversas escalas do habitat e o encontro com os habitantes

Esta etapa constitui uma parte fundamental do trabalho. Consiste na observação das diferentes situações de apropriações dos espaços do Habitat em Bellefontaine, num caso reduzido de situações. Estas observações serão feitas, em ambos os sítios referidos, tendo como base uma mesma grelha de análise para cada um dos espaços observados. A observação dos diferentes espaços será feita não só ao nível das transformações arquitectónicas e espaciais aparentes mas também sobre os modos de vida, já que *não é possível imaginar tratar os espaços sem fazer referência também às suas utilizações*⁴¹ e aos seus utilizadores. As observações serão realizadas sobre vários dias e várias horas, de modo a compreender as transformações dos espaços consoante os dias da semana e as horas do dia.

A envolvente das habitações, os átrios de entrada e as galerias exteriores serão consideradas como sendo lugares que, ao contrário do espaço público, são apropriáveis pelos habitantes. Estes espaços possuem um papel importante, *são lugares de trocas, são ao mesmo tempo lugares de encontros e zonas exteriores à habitação, familiares e calmos*⁴². As observações serão então efectuadas sobre as transformações físicas, as utilizações dos espaços, o tipo de utilizadores e a frequência de utilização. Do mesmo modo, nas habitações, as observações serão feitas

⁴¹ CHÂTELET, Anne-Marie et ELEB, Monique. *Urbanité, sociabilité et intimité. Des logements d'aujourd'hui*. Edições de l'Épure, Paris, 1997, p.7.

⁴² Ibid, p.83.

ao nível das transformações físicas dos espaços, mas também sobre a sua organização espacial – definida pelo mobiliário por exemplo -, sobre os seus utilizadores ou destinatários, e sobre a alteração das suas funções.

Por fim, o último elemento de análise será a fachada da habitação. *A grande dimensão destas fachadas não permitia aos habitantes encontrar as suas habitações através da rua, acentuando assim o sentimento de perda de identidade*⁴³. Desse modo, cada um dos habitantes tem a possibilidade de se apropriar a fachada adicionando-lhe alguns elementos, ultrapassando assim os limites do privado.

As observações efectuadas em cada um dos sítios deverão ser completadas por “entrevistas” aos habitantes. Uma vez por mês, uma reunião de moradores é organizada em cada um dos edifícios. A participação a essas reuniões permitirá efectuar aos habitantes diversas perguntas que terão como objectivo compreender as suas relações com os espaços público, com os espaços comuns do edifício mas também com as suas habitações. Perguntas relativas à origem dos habitantes bem como ao tempo de presença neste bairro serão também essenciais para a compreensão destas relações. Perguntas sobre os pontos fortes e os pontos fracos dos edifícios e das habitações serão também colocadas aos habitantes de modo a compreender quais os elementos que merecem ser alterados nesses edifícios. Por fim, a participação a reuniões de apresentação aos moradores de projectos urbanos e arquitectónicos, organizadas por arquitectos e pelo município permitirá analisar as opiniões dos moradores quanto aos projectos desenvolvidos actualmente no bairro.

Os pontos comuns

Depois de uma observação das diferentes situações e do contacto com os habitantes, será necessário pesquisar nos dados recolhidos pontos comuns nas transformações e nas apropriações das diversas escalas. Partindo da hipótese de que algumas transformações são comuns a vários espaços, será então necessário pesquisar nos modos de vida das culturas

⁴³ CHÂTELET, Anne-Marie et ELEB, Monique. *Urbanité, sociabilité et intimité. Des logements d'aujourd'hui*. Edições de l'Épure, Paris, 1997, p.223.

Magrebinas uma possível explicação para essas transformações de modo a confirmar ou não, a hipótese de que a cultura de origem dos habitantes influencia efectivamente as transformações e as apropriações dos espaços do habitat em Bellefontaine.

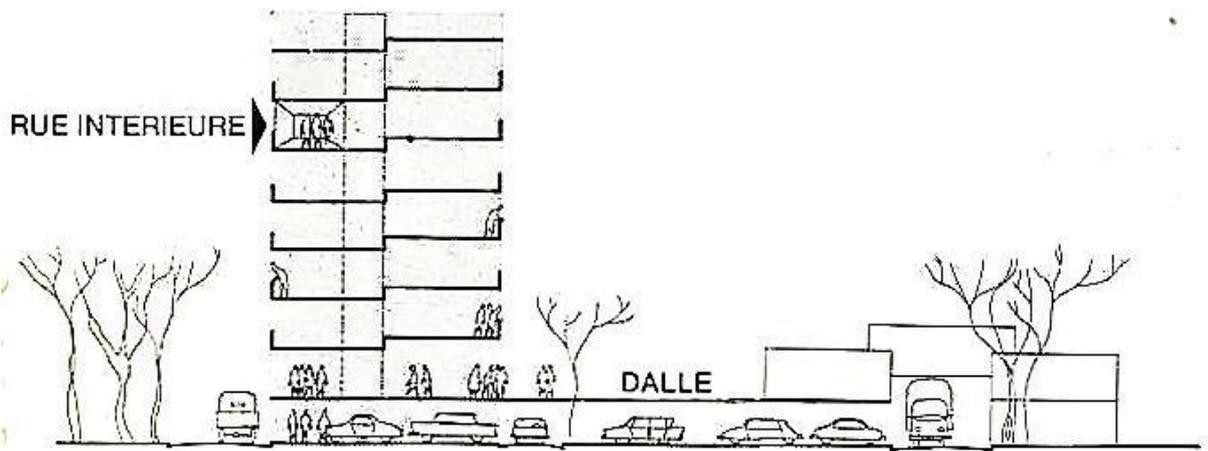
Caso essa hipótese seja confirmada, será então possível, em jeito de conclusão, determinar alguns elementos essenciais a ter em conta nos diversos projectos a realizar em Toulouse – Le Mirail, de modo a satisfazer a maior parte dos habitantes sem entrar em confronto com os modos de viver das diversas culturas.

Limitações

Este estudo padece sem dúvida de documentação fotográfica que mostre concretamente a acção e a presença dos habitantes no espaço. É no entanto importante referir a causa desta falha. Algumas interpretações mais radicais dos escritos Islâmicos, defendidas pelos Salafistas⁴⁴ defendem a proibição de qualquer tipo de representação humana, incluindo a fotografia. Apesar de não haver números oficiais sobre a quantidade de habitantes que defendem essa ideologia, a sua presença em bairros como Toulouse-Le Mirail é claramente ressentida. Ao longo deste estudo fui abordado várias vezes por diversos grupos de homens que exigiram ver as fotografias que estavam a ser tiradas de modo a confirmar que nenhum habitante estaria fotografado, o que segundo essas interpretações mais radicais seria considerado uma blasfémia. Apesar de, segundo as leis em vigor em França, isso não constituir nenhuma ilegalidade, fotografar pessoas poderia constituir um certo risco num bairro considerado problemático. É importante referir que a maioria dos habitantes de Bellefontaine tolera sem qualquer problema a representação humana no entanto, a presença de Salafistas é também elevada o que gerou algumas dificuldades a nível fotográfico. A maioria das fotografias deste trabalho, nas quais estão representados habitantes foram realizadas de maneira discreta de maneira a evitar qualquer tipo de situação problemática.

⁴⁴ O Salafismo é um movimento reformista Islâmico que reivindica um regresso ao Islão original. Existem várias tendências Salafistas, algumas interpretam o Corão – o livro sagrado do Islão – de modo radical e rejeitam qualquer tipo de influência Ocidental.

2. O BAIRRO DE BELLEFONTAINE



2. Corte esquemático sobre um edifício de Toulouse – Le Mirail com a dala e a rua aérea assinalada.
Fonte: Artigo, *Un pari tenu: Le Mirail*. Entreprise n°744, Dezembro 1969, p.7.

O BAIRRO DE BELLEFONTAINE

A EVOLUÇÃO DE UM PROJECTO DESMEDIDO

Para compreender as utilizações e as apropriações – realizadas pelos seus habitantes - dos diversos elementos que constituem o bairro de Bellefontaine, é necessário numa primeira fase entender de maneira objectiva o funcionamento da sua estrutura e das suas formas urbanas, bem como a sua relação com a restante cidade de Toulouse. O projecto, tal como o conhecemos hoje, que satisfaz amplamente alguns habitantes e pelo contrário revolta muitos outros - como veremos mais à frente - evoluiu e transformou-se ao longo das últimas décadas. Várias razões - sejam elas sociais, políticas ou económicas - levaram o bairro de Bellefontaine a afastar-se drasticamente do projecto original de G. Candilis. Assim, parece legítimo para compreender a situação actual e talvez antecipar uma situação futura, perceber também o passado deste bairro.

O projecto construído

Como já foi referido anteriormente, o projecto original previa a construção de 5 bairros (imagem 1) – que por razões económicas deveriam ser construídos em diversas fases - que estariam ligados entre si através de um dispositivo de circulações complexo, composto por uma *dalle* contínua, pedonal na sua superfície superior e destinada à circulação automóvel na sua parte inferior, associada a “ruas aéreas” que ligavam os diversos edifícios entre si. (imagem 2)

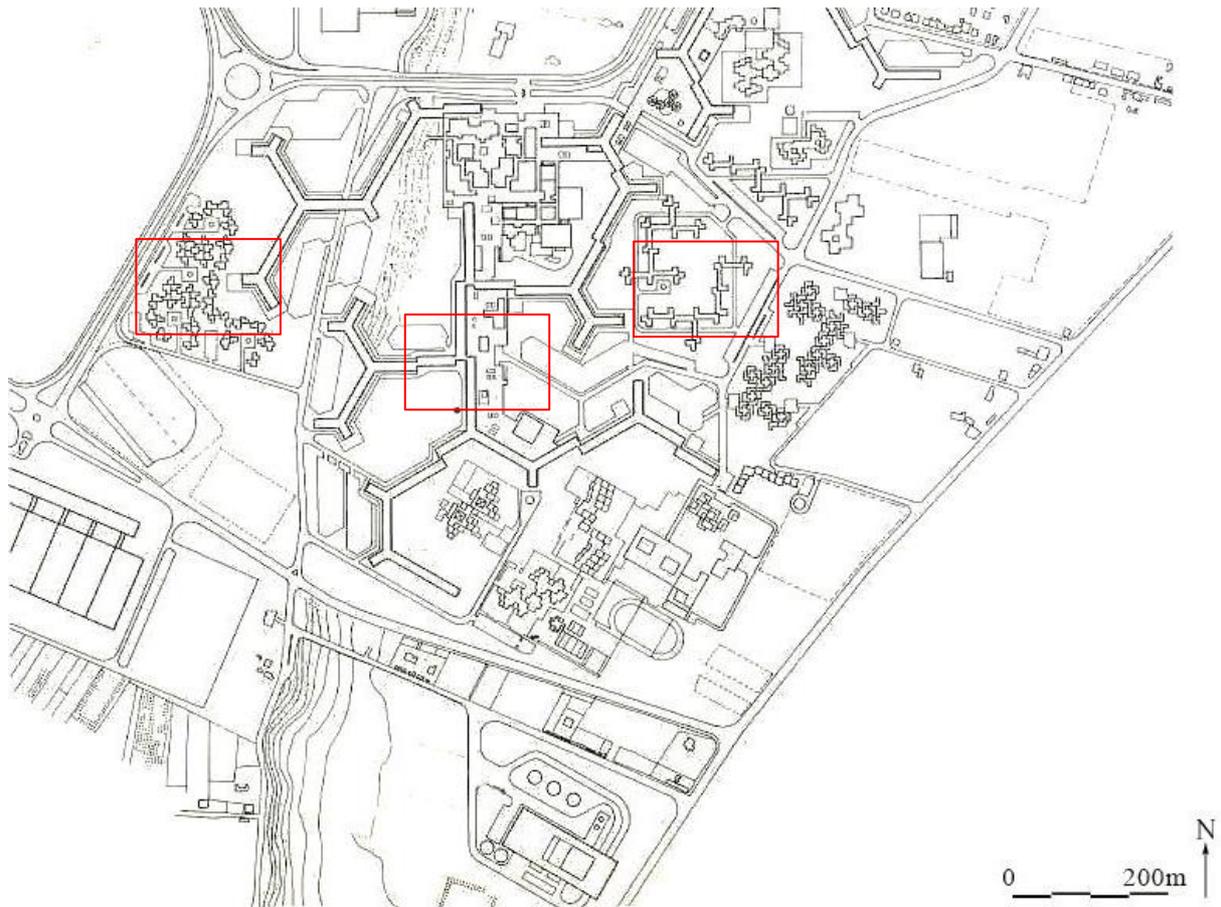
Para Georges Candilis, esta proposição, ao contrário do que muitos afirmavam naquela época, *não era uma obra de arte abstracta saída da imaginação dos arquitectos, mas sim uma construção ligada à realidade, e cada elemento, cada pormenor, possuía uma razão de existir.*¹ No entanto, à medida que as construções iam sendo realizadas, alguns dos elementos eram postos em causa, comprometendo assim toda a lógica e unidade do projecto original.



1. Planta do projecto de Toulouse-Le Mirail. À direita a primeira parte que previa a construção de 3 bairros e à esquerda a 2 fase.

Fonte: GRUET, Stéphane et PAPILLAULT, Rémi. *Le Mirail, Mémoire d'une ville*. Edições Poiésis, Toulouse, 2008, p.89.

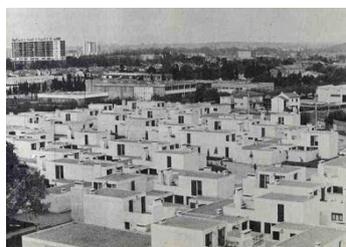
¹ CANDILIS, Georges. *Bâtir la vie. Un architecte témoin de son temps*. Stock., 1977, p.250.



5. Planta do projecto original de Bellefontaine.

Assinalados a vermelho: as três tipologias de habitação existentes em Bellefontaine. À medida que as construções se afastam do centro linear, a densidade diminui.

Fonte: Artigo, *Ville ou quartier? Toulouse – Le Mirail*. Bâtir nº162, Dezembro 1967, p. 78.



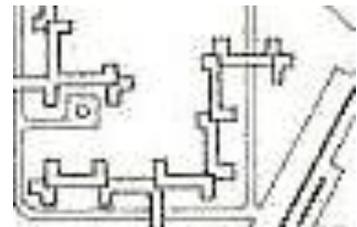
6. Fotografia das habitações individuais.

Fonte: Artigo, *Ville ou quartier? Toulouse – Le Mirail*. Bâtir nº162, Dezembro 1967, p. 80.



7. Fotografia dos grandes prédios de habitação.

Fonte: Artigo, *Ville ou quartier? Toulouse – Le Mirail*. Bâtir nº162, Dezembro 1967, p. 80.



8. Fotografia dos pequenos edifícios colectivos.

Fonte: Artigo, *Ville ou quartier? Toulouse – Le Mirail*. Bâtir nº162, Dezembro 1967, p. 80.

Durante os anos seguintes, percebendo que toda a integridade do projecto estava posta em causa, a equipa vencedora teve apenas um objectivo: *salvaguardar o essencial, preservar tanto quanto possível o espírito daquela proposta, não por questões de orgulho, mas sim porque todos se tinham comprometido perante os habitantes de Toulouse e por isso sentiam o peso da responsabilidade*⁷.



4. Fotografia de Bellefontaine. À direita: os edifícios, ao centro: os equipamentos sobre a *dalle*.
Fonte: Artigo, *Ville ou quartier? Toulouse – Le Mirail*. Bâtir n°162, Dezembro 1967, p. 75.

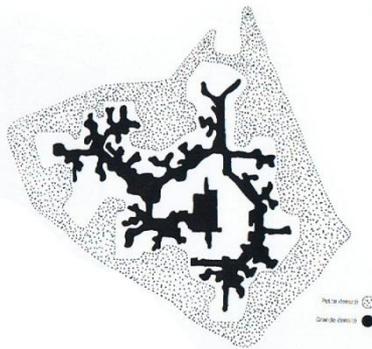
Depois de terem efectuado as alterações necessárias, sacrificando alguns elementos do projecto inicial, de modo a obter as autorizações necessárias, iniciou-se finalmente a construção da primeira fase, constituída pelo bairro de Bellefontaine. A construção das habitações e dos equipamentos, situados em cima da *dalle* (imagem 4) que constituía um centro linear contínuo, iniciou-se ao mesmo tempo.

Sendo naquela época a casa individual, a tipologia de habitação favorita da maioria dos Franceses, Georges Candilis pretendeu no seu projecto balançar e equilibrar três tipologias de habitações de modo a que as pessoas com possibilidades financeiras para adquirirem uma casa individual não vivessem em condições superiores àqueles que não podiam. Assim, cada uma das formas de habitação presente em Bellefontaine possuía características, vantagens e inconvenientes que lhe eram próprias. (imagem 5) Os grandes prédios de habitação (imagem 7) – cuja altura variava entre seis, dez e catorze pisos que possuíam acessos rápidos como elevadores e ruas aéreas, estavam directamente ligados às circulações viárias e aos parques de estacionamento, e *beneficiavam de todas as vantagens de equipamentos socioculturais, educativos e comerciais presentes no centro linear*⁸.

A segunda tipologia de habitação era constituída pelos pequenos edifícios de habitação colectiva (imagem 8) compostos por oito a doze apartamentos, e cuja densidade era mais baixa. A escala desses pequenos edifícios era segundo o seu arquitecto mais “humana”. No entanto, eles eram afastados do centro linear e consequentemente, dos serviços e equipamentos.

⁷ CANDILIS, Georges. *Bâtir la vie. Un architecte témoin de son temps*. Stock., 1977, p.253.

⁸ CANDILIS, Georges. In, GRUET, Stéphane et PAPILLAULT, Rémi. *Le Mirail, Mémoire d'une ville*. Edições Poiésis, Toulouse, 2008, p.250.



9. Esquema. A preto: a zona de grande densidade, associada ao centro linear. À cinzento: a zona de baixa densidade.

Fonte: GRUET, Stéphane et PAPILLAULT, Rémi. *Le Mirail, Mémoire d'une ville*. Edições Poiésis, Toulouse, 2008, p.84.

Por fim, a última tipologia de habitação, *reservada aos solitários e àqueles que procuram a tranquilidade e o isolamento*⁹, era constituída pelas habitações individuais, (imagem 6) com os seus jardins-pátio. Estas habitações encontravam-se mais afastadas do centro linear do que as anteriores, e para aceder aos equipamentos, tornava-se já necessário atravessar estradas e parques de estacionamento tornando os percursos mais longos e perigosos do que para aqueles que viviam nos grandes edifícios colectivos. (imagem 9)

Esta distribuição das diferentes tipologias de habitação permitia, segundo Georges Candilis, *evitar as distinções entre as diversas classes sociais, permitindo assim às pessoas coabitar a um nível de igualdade, num conjunto concebido para todos*¹⁰ mas, rapidamente essas noções de coabitação e de igualdade se esvaneceram.

Os primeiros investimentos financeiros obtidos para a realização de Bellefontaine destinavam-se à construção das habitações sociais - os chamados HLM - o que rapidamente levou este projecto a ser considerado um “escândalo”. Aos olhos da opinião pública, *Toulouse-le Mirail iria tornar-se a referência daqueles que vivem nos HLM*¹¹.

Devido à opinião negativa que aos poucos se formava acerca de Bellefontaine, rapidamente os promotores privados, que previam a construção de várias habitações nesse território, foram anulando os seus investimentos por medo dessa inquietante promiscuidade com os habitantes dos HLM. A construção de Bellefontaine terá durado dez anos, ao longo dos quais *novas condições económicas, atrasos nos pagamentos, alterações de financiamentos e modificações na legislação*¹², obrigaram a equipa de Georges Candilis a efectuar inúmeras alterações ao projecto inicial. No entanto, fiel às convicções iniciais, o arquitecto rejeitou sistematicamente todas as contrapropostas impostas por alguns técnicos que iriam destruir o projecto e afirmou até ao final da sua vida que em Bellefontaine, *salvou-se o essencial*.¹³

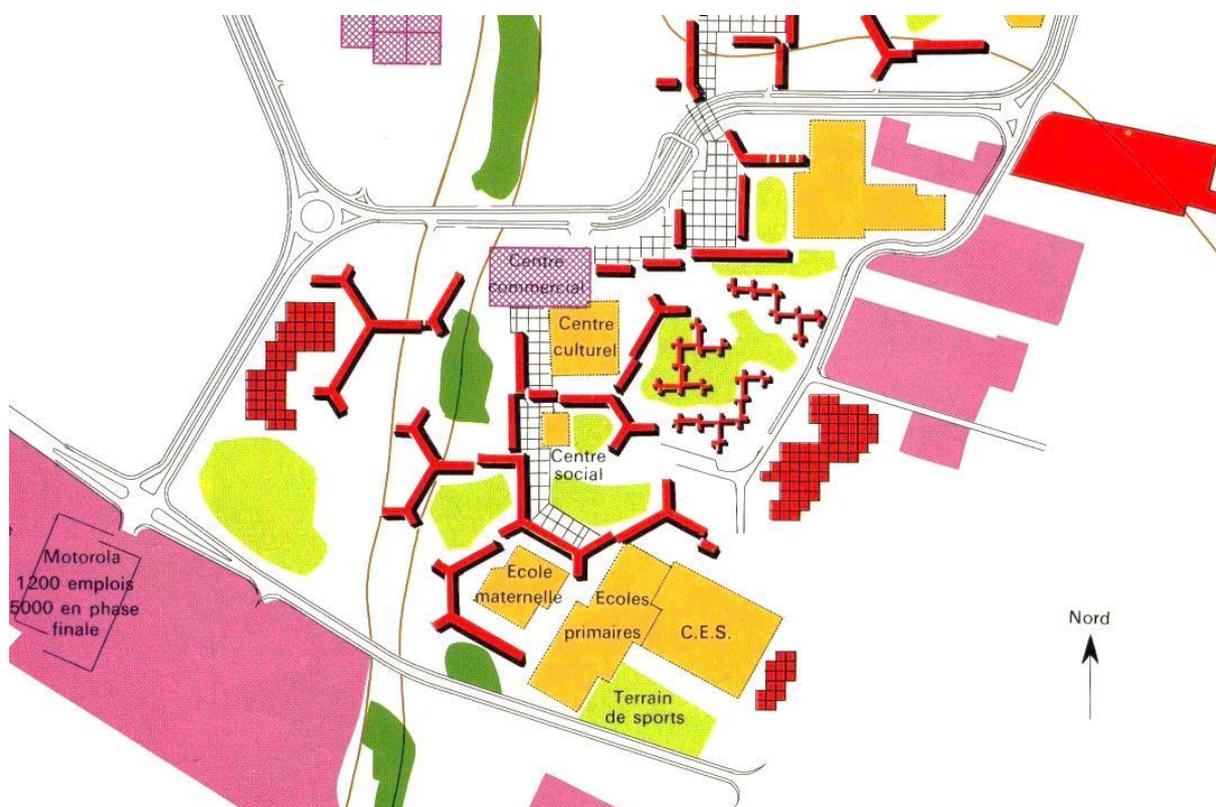
⁹ CANDILIS, Georges. In, GRUET, Stéphane et PAPILLAULT, Rémi. *Le Mirail, Mémoire d'une ville*. Edições Poiésis, Toulouse, 2008, p.250.

¹⁰ CANDILIS, Georges. *Bâtir la vie. Un architecte témoin de son temps*. Stock., 1977, p.255.

¹¹ Ibid, p.254.

¹² Ibid, p.263.

¹³ MARRET, Mario. Filme, *Le Mirail année zéro : 1970-1971*.



10. Planta do projecto construído de Bellefontaine.

- A vermelho: as habitações;
- A verde: os parques naturais e jardins;
- A amarelo: os equipamentos;
- A rosa: os serviços.

Fonte: Artigo, *Une ville nouvelle, Toulouse – Le Mirail*. Documentation Géographique pédagogique, n° 183, Fevereiro 1971, p. 8.

O ano de 1971, ano de eleições Municipais, viria no entanto alterar radicalmente o desenvolvimento e a construção de todo o projecto de Toulouse - Le Mirail. Nesse ano, concluía-se a construção do bairro de Bellefontaine, o único a ser construído sob a direcção de Georges Candilis. Foi aí que, durante quase uma década, 3500 pessoas trabalharam para construir 3000 habitações, um centro cultural, um centro desportivo, um centro comercial, vários comércios de rua, infantários e escolas primárias. (imagem 10)

Esta realização foi o resultado de um *entendimento profundo entre o Presidente da Câmara, Louis Bazerque, e o Arquitecto Georges Candilis, que permitiu vencer muitos obstáculos*¹⁴. Em Março desse mesmo ano, realizaram-se as eleições Municipais. Na segunda volta opunham-se o então Presidente da Câmara Louis Bazerque, do partido Socialista, ao seu antigo adjunto, Pierre Baudis¹⁵ do partido Centrista. Durante toda a sua campanha à Presidência de Toulouse, Pierre Baudis multiplicou as críticas à construção de Le Mirail. Para Raymond Malebranche, colaborador de Georges Candilis neste projecto, *Pierre Baudis ganhou as eleições atacando ferozmente Le Mirail, afirmando que havia demasiadas habitações sociais*¹⁶. A 21 de Março de 1971, Pierre Baudis, aproveitando os votos dos partidos de direita, derrotou Louis Bazerque na segunda volta das eleições Municipais, foi então que o projecto de *Le Mirail começou a “cair”*¹⁷.

Um mês após a sua eleição, Pierre Baudis manifestou numa conferência de imprensa, a sua vontade de alterar o rumo do projecto de Le Mirail. Para ele, este não poderia ser um novo bairro social nem uma nova zona elitista, *teria de haver um pouco dos dois, e os edifícios teriam de ser adaptados à escala humana*¹⁸. A sua ideia era clara, reduzir o número de habitações sociais, aumentando as construções de promotores privados e alterar as premissas do projecto original.

¹⁴ Artigo do jornal *Le Monde*, 7 de Maio de 1971.

¹⁵ Nascido em 1916, Pierre Baudis, foi adjunto do Presidente da Câmara de Toulouse Louis Bazerque contra o qual se apresentou nas eleições de 1971, as quais venceu à segunda volta com 58% dos votos. Morre em Toulouse em 1997.

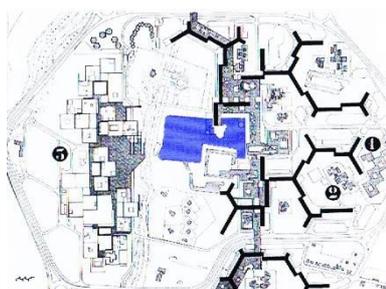
¹⁶ MALEBRANCHE, Raymond. In, GRUET, Stéphane et PAPILLAULT, Rémi. *Le Mirail, Mémoire d'une ville*. Edições Poiésis, Toulouse, 2008, p.164.

¹⁷ Ibid.

¹⁸ Artigo do jornal “la Dépêche” datado de 28 de Abril de 1971. In, GRUET, Stéphane et PAPILLAULT, Rémi. *Le Mirail, Mémoire d'une ville*. Edições Poiésis, Toulouse, 2008, p.166.



11. Planta da primeira parte da construção de Le Mirail que deveria ser composta por 3 bairros. Destaca-se o bairro de Reynerie que correspondeu ao segundo a ser construído.
Fonte: Artigo, *Un pari tenu: Le Mirail*. Entreprise n°744, Dezembro 1969, p.1.



12. Planta do projecto de Reynerie.

A azul, o lago de Reynerie.

Fonte: GRUET, Stéphane et PAPILLAULT, Rémi. *Le Mirail, Mémoire d'une ville*. Edições Poiésis, Toulouse, 2008, p.164.



13. Fotografia do lago de Reynerie. À direita: os edifícios construídos destinados à venda a particulares.

Fonte: Mickael R.

O jornal Francês *Le Monde* rapidamente reagiu, afirmando que *as probabilidades de Le Mirail ser construído segundo as doutrinas, as plantas e as regras impostas pelos seus criadores eram poucos... e sem elas, este projecto não seria nada senão apenas mais um daqueles grandes “edifícios dormitórios” que surgem na periferia das grandes cidades*¹⁹.

Foi nesse mesmo momento que se iniciava então a construção da segunda parte de Le Mirail, o chamado bairro de Reynerie, (imagem 11) que deveria acolher cerca de 9000 habitantes. A construção do bairro de Reynerie foi a primeira batalha perdida para o escritório de Georges Candilis. A nova Municipalidade acusara os arquitectos da equipa de Georges Candilis de *contribuir para a segregação dos mais pobres, construindo exclusivamente habitações sociais*²⁰. Foi então que os promotores privados começaram a construir em todos os terrenos disponíveis em torno do lago de Reynerie (imagem 12 e 13) – elemento característico do bairro – edifícios destinados à venda a particulares, *criando assim um bairro de “ricos”, fabricando essa segregação tão temida*²¹, já que a percentagem de habitações sociais foi reduzida consideravelmente. A organização viária do novo bairro foi também alvo de fortes críticas. Os arquitectos da equipa vencedora opuseram-se ferozmente à construção de uma via de circulação primária²² em torno do bairro de Reynerie, e perderam esta batalha²³. Em Bellefontaine, apenas existia uma via de circulação primária em frente ao centro comercial, de modo a que toda a circulação se efectuasse através do centro linear, esse era o espírito do projecto, que no Bairro de Reynerie se perdeu. Foi então que vários colaboradores do escritório de Georges Candilis *decidiram que não trabalhariam neste novo bairro, porque nada de bom poderia ser feito*²⁴.

¹⁹ Artigo do jornal *Le Monde*, 7 de Maio de 1971.

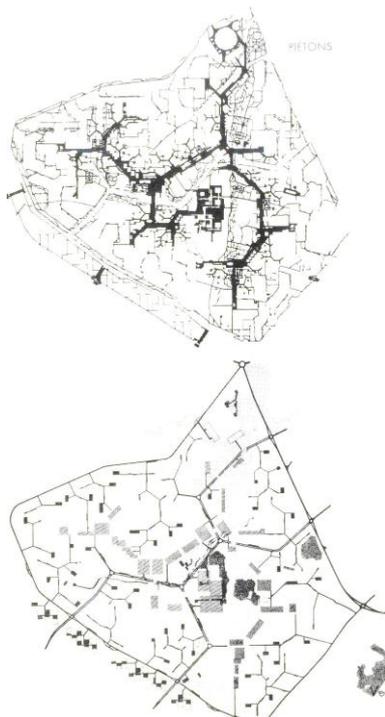
²⁰ CANDILIS, Georges. *Bâtir la vie. Un architecte témoin de son temps*. Stock., 1977, p.264.

²¹ *Ibid*, p.265.

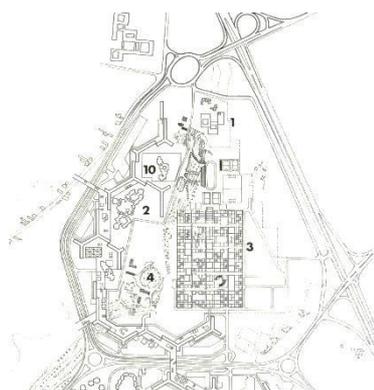
²² Considerar-se-á como sendo via de circulação primária qualquer via automóvel com duas faixas de rodagem em ambos os sentidos.

²³ DESGREZ, Paul. MALEBRANCHE, Raymond. In, GRUET, Stéphane et PAPILLAULT, Rémi. *Le Mirail, Mémoire d'une ville*. Edições Poiésis, Toulouse, 2008, p.164.

²⁴ *Ibid*



14. Plantas de circulações.
Em cima: as circulações pedonais;
Em baixo: as circulações viárias.
Fonte: Documentos apresentados
no concurso, Candilis, Josic,
Woods. Março 1961, p.1.



15. Planta do bairro de Mirail –
Université.
Fonte: Artigo, *Ville ou quartier?
Toulouse – Le Mirail*. Bâtir n°162,
Dezembro 1967, p. 78.

Em Bellefontaine, Georges Candilis estabeleceu uma rede de circulação automóvel à escala de todo o conjunto. (imagem 14) Esta rede de circulação era totalmente independente das circulações pedonais e do centro linear e as linhas rectas tinham sido voluntariamente quebradas para reduzir a velocidade de circulação. Os especialistas do Ministério da Construção achavam a solução muito retrógrada e pouco eficaz a longo prazo²⁵, mas Georges Candilis manteve a sua posição. Todavia, no bairro de Reynerie, esses mesmos especialistas do Ministério conseguiram aplicar as suas ideias e Le Mirail, originalmente pensado à escala do ser Humano passou a ser construído à escala do automóvel.

Assim, rapidamente a rede de vias de circulação primária tornou o bairro de Reynerie num conjunto de avenidas de grande dimensão que criaram uma ruptura urbana com a envolvente, e tornaram as ligações pedonais perigosas²⁶.

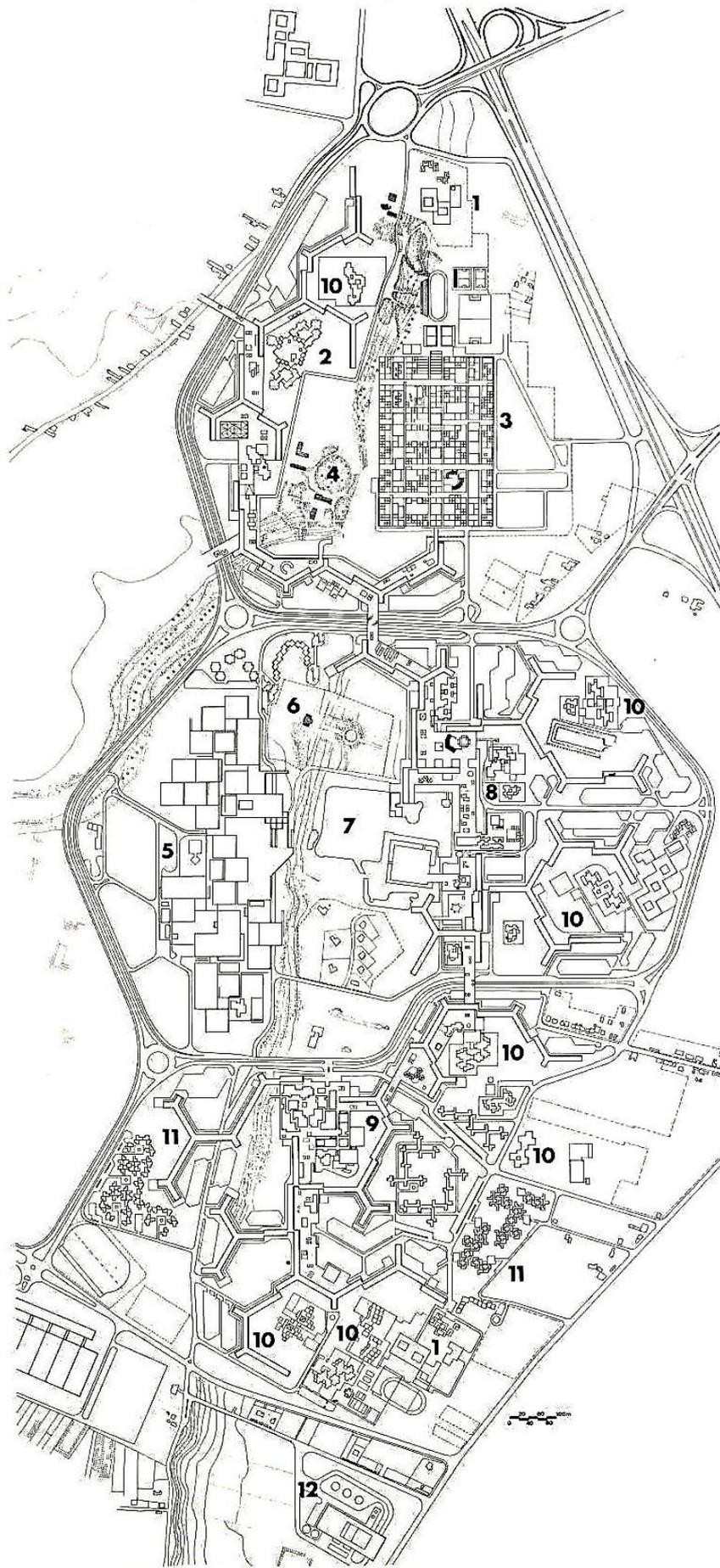
No início da década de 70, iniciou-se – juntamente com a construção do bairro de Reynerie – a construção do bairro de Mirail-Université. (imagem 15) Este seria o terceiro bairro do conjunto de cinco que formariam Toulouse – Le Mirail. No entanto, por falta de interesse por parte da municipalidade mas também por falta de financiamentos, a segunda fase da construção, composta pelos dois últimos bairros, apenas viria a ser construída na década de 80 e resultou, na realidade num projecto totalmente independente em relação ao anterior.

Mirail-Université que, com a instalação de uma nova universidade para 10.000 estudantes, deveria trazer mais vida ao conjunto de Toulouse – Le Mirail²⁷, marcou num entanto o afastamento definitivo da Municipalidade em relação ao projecto original. Sendo este bairro, o mais afastado geograficamente de Bellefontaine e o mais próximo do centro de Toulouse, optou-se aqui pela construção exclusiva de habitações destinadas à venda a particulares e pela construção de uma dalle – ou centro linear – apenas no limite entre Reynerie e Mirail-Université. O sistema viário foi, à semelhança de Reynerie, constituído

²⁵ CANDILIS, Georges. *Bâtir la vie. Un architecte témoin de son temps*. Stock., 1977, p.261-262.

²⁶ Revista GPV. *Grand Projet de Ville*. Agence Nationale pour la Rénovation Urbaine, Toulouse, 2011.

²⁷ CANDILIS, Georges. *Bâtir la vie. Un architecte témoin de son temps*. Stock., 1977, p.263.



16. Planta dos 3 bairros construídos.

Fonte: Artigo, *Ville ou quartier? Toulouse – Le Mirail*. Bâtir n°162, Dezembro 1967, p. 78.

por vias de circulação primária que acabaram por isolar o bairro. A única ligação entre estes era efectuada através de viadutos que atravessavam as perigosas vias automóveis.

Georges Candilis pretendia que Toulouse –Le Mirail fosse construído de modo a que não *houvesse nenhum bairro isolado e que todos os habitantes vivessem nas mesmas condições*²⁸. Na realidade, este projecto ambicioso, e sem dúvida desmedido, resultou na construção de três bairros separados, isolados, e cujos habitantes - de diversas classes sociais - viviam em condições bem diferentes. (imagem 16)

As campanhas de renovação urbana

Durante os anos que se seguiram à conclusão das obras, pouco ou nada mudou em Toulouse-Le Mirail. A década de 80 viria no entanto marcar uma grande mudança a nível de população residente. Foi nessa década que os habitantes de classe média que viviam em Toulouse-Le Mirail e que trabalhavam em fábricas e empresas na periferia de Toulouse, tiveram a oportunidade de aceder à compra habitações particulares nos arredores da cidade e *as políticas de repartição de habitações sociais levaram à concentração, em Toulouse-Le Mirail, de famílias com grandes dificuldades económicas*²⁹ o que conduziria a um empobrecimento definitivo das populações residentes neste bairro.

A década seguinte viria marcar uma revolução em Toulouse – Le Mirail. Em meados dos anos 90, a chegada da linha A do Metro de Toulouse aos bairros de Mirail-Université, Reynerie e Bellefontaine, viria ligar estas zonas ao centro da cidade, o que até agora só era possível graças ao automóvel. De facto, *a questão dos transportes públicos nunca fora abordada pela equipa de Georges Candilis*³⁰. O metro não fora inicialmente planeado para esta zona e os autocarros não podiam circular sob a dala. No entanto, esta revolução chegaria tarde demais. A acumulação de famílias com grandes dificuldades económicas e a *cristalização, comum neste tipo de bairros, das relações entre os jovens*

²⁸ CANDILIS, Georges. *Bâtir la vie. Un architecte témoin de son temps*. Stock., 1977, p.246.

²⁹ Revista bimestral. *Revue Urbanisme. Grand Toulouse, métropole en projets*, nº40. Paris, Publications d'Architecture et d'Urbanisme, 2011, P.31.

³⁰ GRUET, Stéphane et PAPILLAULT, Rémi. *Le Mirail, Mémoire d'une ville*. Edições Poiésis, Toulouse, 2008, p.177.



18. Fotografia sobre a dala e os dois níveis de circulação. Jean Dieuzaide.

Fonte: Artigo, *Une ville nouvelle, Toulouse – Le Mirail*. Documentation Géographique pédagogique, n° 183, Fevereiro 1971.

e as forças policiais, que levariam à morte de um jovem no final da década de 90 e conseqüentemente a violentas revoltas³¹, que se alastraram em todo o país³², acabariam por marginalizar definitivamente os habitantes de Toulouse – Le Mirail no pensamento dos habitantes da restante cidade. Estes fenómenos acabariam por isolar ainda mais os habitantes deste bairro. Toulouse – Le Mirail, que deveria inicialmente ser uma extensão da cidade de Toulouse, parecia tornar-se aos poucos, numa cidade independente, isolada e problemática. Face a estes problemas, a Municipalidade dos finais da década de 90 limitou-se a realizar algumas destruições de partes do centro linear, que pouco ou nada mudaram à situação.



17. Fotografia sobre a dala.
Fonte: Artigo, *Ville ou quartier? Toulouse – Le Mirail*. Bâtir n°162, Dezembro 1967, p. 79.

O centro linear – ou *dalle*– era, nas décadas de 70 e 80, apreciado pelos seus habitantes. (imagem 17) De facto, os moradores que vivem há várias décadas neste bairro recordam a *dalle* como sendo um espaço de convívio, até ao momento em que a Municipalidade parou de gerir esse espaço. *Permitia a separação entre as pessoas e os automóveis e era um espaço agradável, que pertencia e era gerido pelo Município*³³.

No entanto, esta separação, (imagem 18) que constituía naquela época um verdadeiro avanço, era na realidade *uma utopia demasiado cara*³⁴. Os custos para o Município eram demasiado elevados o que rapidamente conduziu ao abandono por parte da Câmara das suas responsabilidades. O centro linear tornou-se assim num espaço deserto e sujo que os habitantes deixavam aos poucos de utilizar. Este fenómeno conduziu então na década de 90 à destruição de grande parte desta dala.

Foi necessário esperar pelo início do século XXI para que grandes mudanças fossem realizadas.

³¹ Revista bimestral. *Revue Urbanisme. Grand Toulouse, métropole en projets, n°40*. Paris, Publications d'Architecture et d'Urbanisme, 2011, P.32.

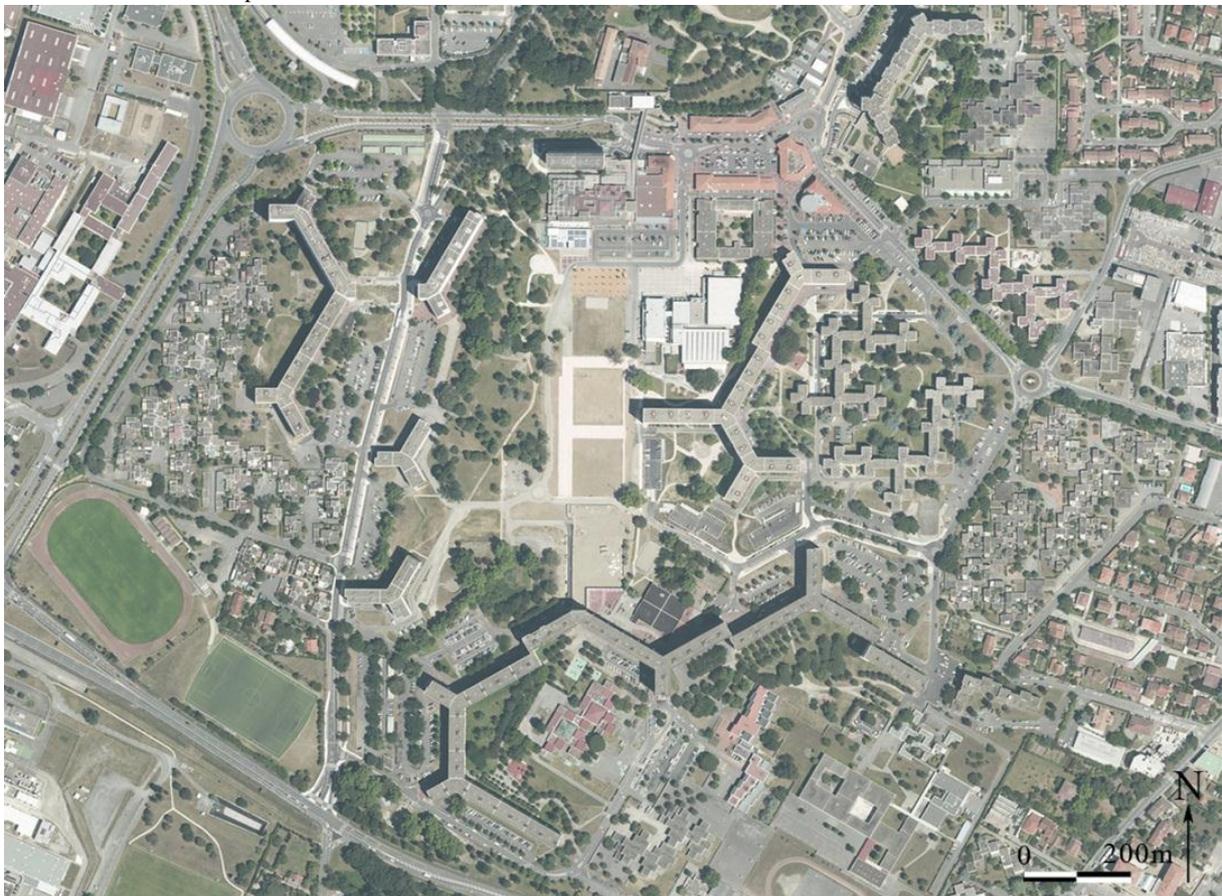
³² Em 1998, a morte de um jovem habitante de Le Mirail, abatido enquanto tentava fugir às autoridades provocou uma série de revoltas e acidentes – nomeadamente incêndios de automóveis – que se alastraram por todo o país e levaram à aplicação de medidas de segurança extraordinárias.

³³ BRUZY, Bernard. In, GRUET, Stéphane et PAPILLAULT, Rémi. *Le Mirail, Mémoire d'une ville*. Edições Poiésis, Toulouse, 2008, p.173.

³⁴ LECLERC, Daniel. In, GRUET, Stéphane et PAPILLAULT, Rémi. *Le Mirail, Mémoire d'une ville*. Edições Poiésis, Toulouse, 2008, p.173.



19. Fotografia aérea do bairro de Bellefontaine antes da realização do GPV.
Fonte: Câmara Municipal de Toulouse



20. Fotografia aérea do bairro de Bellefontaine actualmente.
Fonte: Câmara Municipal de Toulouse

Para Claude Touchefeu³⁵, *as cidades precisam de bairros sociais capazes de acolher as populações em dificuldades, mas isso não tem de ser sinónimo de ghettos. É necessário favorecer as circulações entre os diversos bairros e favorecer as “misturas” sociais*³⁶. Esta é a ambição do novo *Grand Projet de Ville – GPV*³⁷ - que tem vindo a incluir Toulouse – Le Mirail nas suas prioridades. Assim, desde 2003, dois escritórios de arquitectura, AARP³⁸ e Urbane³⁹, têm vindo a desenvolver projectos de renovação urbana para todo o conjunto de Le Mirail, que a longo prazo visam devolver a todo o conjunto qualidades necessárias para os habitantes. Até agora, o GPV conduziu sobretudo à destruição de alguns edifícios e de partes do centro linear ainda existentes. (imagens 19 e 20)

Mais de 50 anos passaram, e Toulouse – Le Mirail atravessa uma nova fase da sua história.

A RELAÇÃO COM O ESPAÇO PÚBLICO

Os dados que de seguida serão apresentados foram obtidos através de três métodos. O primeiro consistiu na observação directa e objectiva da realidade do bairro de Bellefontaine – ao qual este estudo se limita. Estas observações foram efectuadas a diversas horas e em vários dias da semana, de modo a compreender a evolução dos hábitos, das utilizações e das apropriações dos diversos espaços ao longo do tempo. O segundo método consistiu em questionar directamente os habitantes do bairro. Uma vez por mês, uma reunião de bairro é organizada pelos habitantes de modo a discutir alguns temas e problemas ligados à habitação. Essas reuniões constituíram uma base importante do trabalho, já que permitiram questionar directamente vários habitantes sobre os temas abordados neste trabalho. O terceiro método consistiu na participação a duas reuniões de apresentações de projectos, realizadas pelo gabinete de

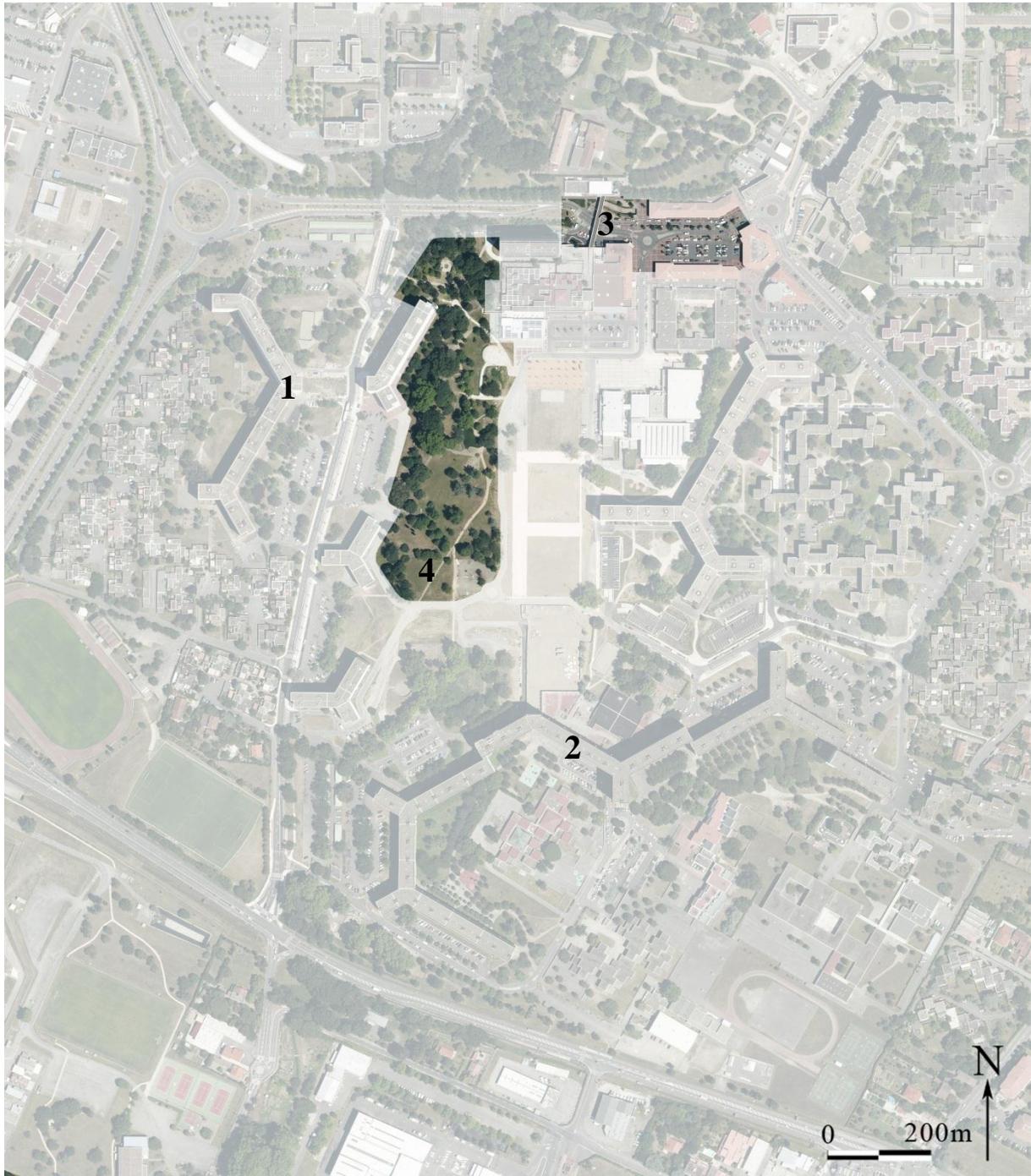
³⁵ TOUCHEFEU, Claude. Adjunta do Presidente da Câmara de Toulouse. In. Revista bimestral. *Revue Urbanisme. Grand Toulouse, métropole en projets*, n°40. Paris, Publications d'Architecture et d'Urbanisme, 2011, p.32.

³⁶ Ibid.

³⁷ O objectivo deste procedimento é de redefinir os projectos existentes em diversos bairros da cidade – incluindo Bellefontaine – em diversas escalas temporais – 1, 5, e 15 anos – de modo a efectuar uma renovação urbana ao serviço da transformação social.

³⁸ Gabinete de Arquitectura de Rémi Papillaut.

³⁹ Gabinete de Arquitectura de Françoise Favarel.



Planta 1. Vista aérea do bairro de Bellefontaine com o parque e a praça de Bellefontaine assinalados.
1 – Edifício Louis Pergaud; 2 – Edifício Le Tintoret; 3 – Praça de Bellefontaine; 4 – Parque de Bellefontaine.
Fonte: Mickael R.



21. Fotografia do parque de Bellefontaine.
Fonte: Mickael R.

arquitectura AARP⁴⁰, responsável pelo projecto de renovação urbana do bairro de Bellefontaine. Nestas reuniões, a equipa de arquitectos, os responsáveis do Município e os chamados *bailleurs sociaux*⁴¹, apresentavam aos habitantes de Bellefontaine várias propostas para a renovação do bairro de modo a que sugestões pudessem ser feitas pelos moradores. Estas reuniões permitiram não só conhecer as opiniões dos habitantes sobre os diversos espaços que constituem Bellefontaine, mas também saber quais as alterações que os habitantes querem ou não ver realizadas.

Bellefontaine: uma cidade dentro de outra

Com uma área de cerca de 100 hectares para 10000 habitantes, Bellefontaine possui uma das maiores densidades populacionais de Toulouse. No entanto, sendo cerca de 98% da habitação do tipo colectiva⁴², cuja altura pode alcançar os 14 pisos, é também um dos bairros de Toulouse que possui a maior área de espaço não construído.



22. Fotografia da praça de Bellefontaine.
Fonte: Mickael R.

É precisamente nesta área não construída, constituída na maioria por espaço públicos, *que reside um dos grandes potenciais de Bellefontaine*⁴³. Para os seus habitantes, o pequeno parque de Bellefontaine (imagem 21) e a pequena praça situada perto da estação de metro (imagem 22) constituem espaços que estruturam não só o bairro mas também os modos de vida dos habitantes (planta 1) – como veremos mais à frente.

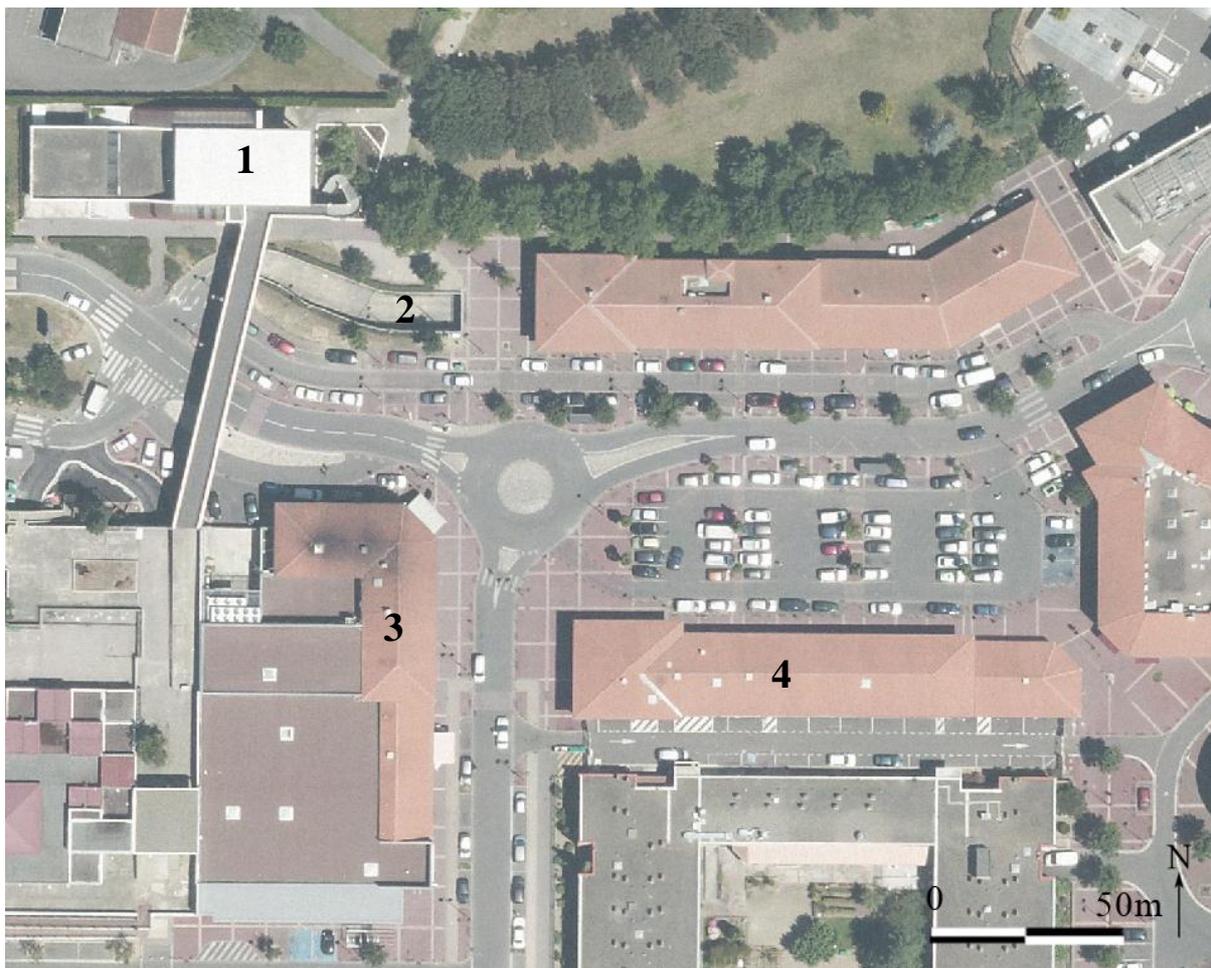
De acordo com os seus habitantes, a elevada quantidade de infra-estruturas e equipamentos – metro, escolas, centro comercial, mesquita, etc... - é também uma das características mais apreciadas em Bellefontaine.

⁴⁰ Gabinete do arquitecto Rémi Papillaut.

⁴¹ Trata-se das entidades dependentes do estado que têm por missão gerir as habitações reservadas a pessoas com recursos pouco elevados.

⁴² DESBORDES, F ; JACQUIN, J ; JAILLET, M.C ; LAUMIERE, F ; e DE SORBIER, P. *Infléchir les politiques de peuplement dans les quartiers de Reynerie et de Bellefontaine*. Centre interdisciplinaire de Recherches Urbaines et Sociologiques, Toulouse, 2004.

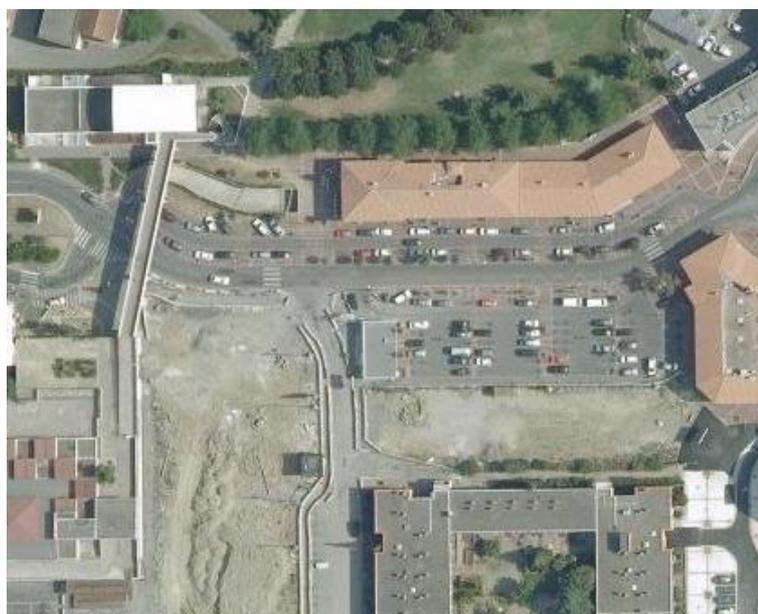
⁴³ Revista GPV. *Grand Projet de Ville*. Agence Nationale pour la Rénovation Urbaine, Toulouse, 2011.



Planta 2. Vista aérea sobre a praça de Bellefontaine.

1 – Estação de Metro de Bellefontaine; 2 – Rampa de acesso ao parque de estacionamento subterrâneo; 3 e 4 – Edifícios de comércio e restauração construídos recentemente. É possível ver na planta situada abaixo que os passeios foram alargados de modo a instalar esplanadas.

Fonte: Câmara Municipal de Toulouse.



Vista aérea sobre a praça de Bellefontaine antes da construção dos novos edifícios.

Fonte: Google Maps.

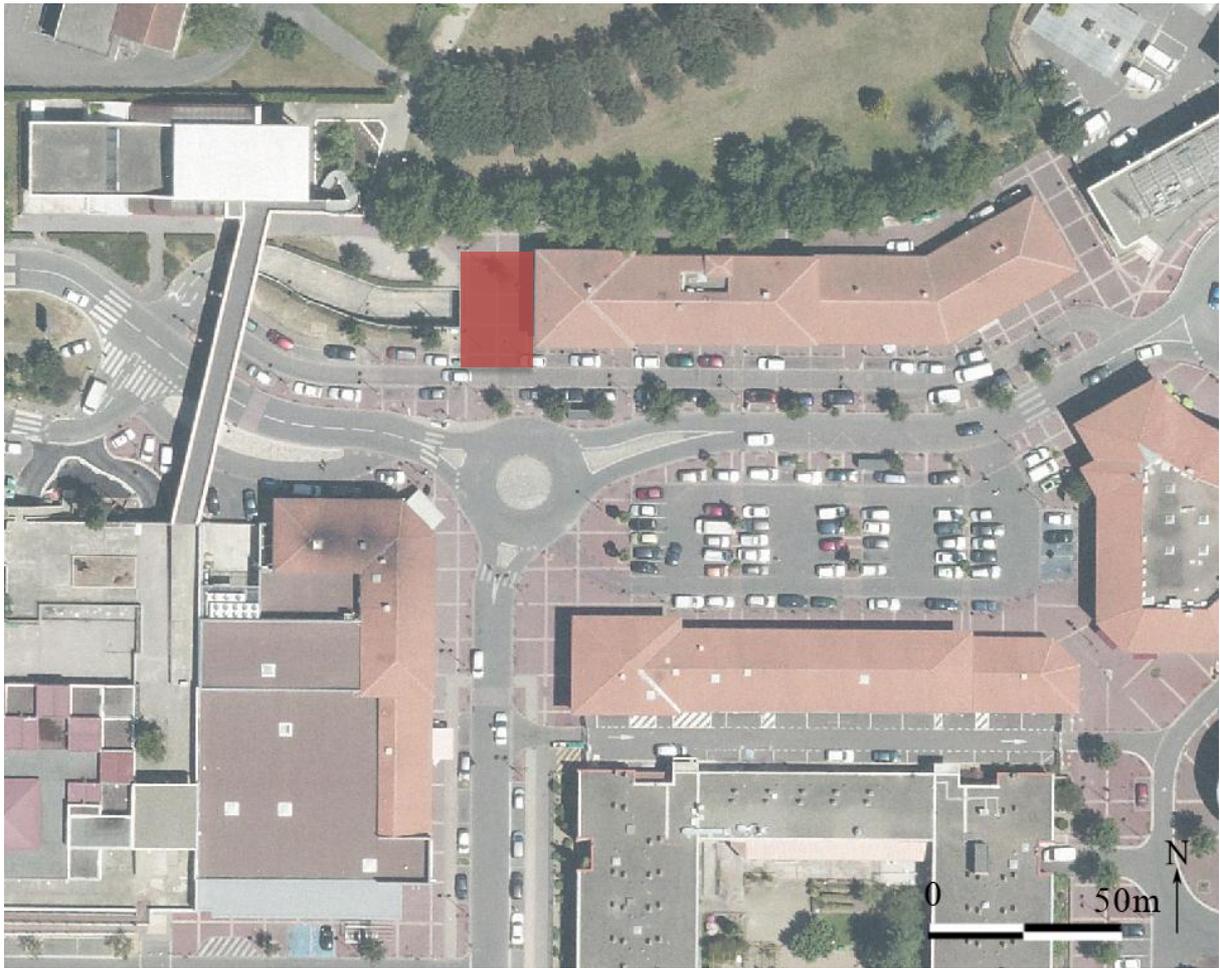
Com estas características, a maioria dos habitantes interrogados afirma que raramente necessitam de se deslocar fora dos limites do bairro, excepto para trabalhar, embora a percentagem de desempregados atinja os 34%⁴⁴. O bairro de Bellefontaine torna-se assim, no pensamento dos seus habitantes, numa espécie de cidade independente, com todos os serviços e equipamentos necessários.

A praça de Bellefontaine: um território masculino

Pouco depois de ter iniciado este estudo, começaram a surgir noções pouco usuais, tanto no vocabulário português como no francês. Essas noções dizem respeito à sexualização dos espaços, aos seus utilizadores e ao território que cada um pode ou não frequentar. Embora não haja regras “oficiais” afirmando que um determinado espaço seja destinado ao sexo masculino ou feminino, os comentários e afirmações dos habitantes de origem Magrebina – aos quais diz respeito este estudo – bem como as observações efectuadas, demonstraram que nos seus pensamentos, estas noções estão bem presentes. É importante acentuar o facto de que as distinções que possam existir nos diversos espaços consoante o género do seu utilizador, em nada constituem numa discriminação, e em nada têm a ver com a superioridade ou inferioridade de um dos sexos. Estas distinções são o resultado de uma cultura dos habitantes que, de modo consciente ou inconsciente, dita os seus comportamentos.

O primeiro espaço estruturante do bairro de Bellefontaine, claramente apropriado e utilizado pelos habitantes - e que poderemos também apelidar de espaço sexuado - é a praça de Bellefontaine. Situada imediatamente em frente à estação de metro do bairro e à principal paragem de autocarros, esta praça é o primeiro espaço público com o qual somos confrontados ao chegar a Bellefontaine. (planta 2)

⁴⁴ Revista GPV. *Grand Projet de Ville*. Agence Nationale pour la Rénovation Urbaine, Toulouse, 2011.



Planta 3. Vista aérea sobre a praça de Bellefontaine.

A vermelho: a zona da praça utilizada pelos habitantes apesar de existirem vários espaços de estar em toda a praça.

Fonte: Mickael R.



23. Fotografia sobre a rampa na praça de Bellefontaine.
Fonte: Mickael R.

De proporções sensivelmente rectangulares, esta praça é atravessada por uma rampa de acesso a um parque de estacionamento subterrâneo (imagem 23) que obriga os habitantes a efectuar um percurso pouco comum para a atravessar. É também dividida por uma larga via de circulação automóvel - que os habitantes consideram perigosa devida à sua largura - e por uma pequena via que serve de acessos aos comércios e ao estacionamento. No centro da praça, encontra-se um parque de estacionamento público para cerca de 70 automóveis. O espaço destinado aos automóveis é assim consideravelmente elevado, e é alvo de fortes críticas pelos habitantes já que a travessia desta praça é uma tarefa complexa e perigosa.

Delimitada, nas suas faces construídas, por pequenos comércios, cafés e restaurantes, esta praça evolui de maneira significativa ao longo do dia. Ela que, *a priori*, deveria ser um espaço de estar e de lazer encontra-se na maior parte do dia vazia. Foi possível constatar através de observações contínuas, que os habitantes que por aqui passam, apenas vêm para aceder à estação de metro ou efectuar algumas compras, e nem a presença de cafés e restaurantes parece vitalizar o espaço. No entanto, ao final da tarde, o cenário é totalmente diferente. A partir das 18 horas - horário que corresponde ao final do dia de trabalho - este espaço parece transformar-se numa autêntica praça, enquanto espaço de convívio, de estar e de lazer. É possível observar a partir dessa hora, uma grande quantidade de habitantes, de todas as faixas etárias, reunirem-se na praça de Bellefontaine. No entanto, várias questões merecem ser abordadas neste trabalho. A primeira diz respeito ao sexo dos utilizadores da praça, que são exclusivamente homens. A segunda diz respeito à zona da praça na qual se reúnem os habitantes, pois o único ponto realmente utilizado é o espaço situado entre a rampa do parque de estacionamento e o edifício que contém a estação de metro, deixando todo o restante espaço da praça praticamente vazio. (planta 3)

A última questão diz respeito aos dias em que os habitantes se reúnem nesta praça. De facto, só é possível observar habitantes aqui reunidos de segunda a quinta-feira e pontualmente ao fim de semana. À sexta-feira, este espaço encontra-se relativamente vazio ao longo de todo o dia e de toda a noite. A razão deste acontecimento é na realidade muito óbvia. Com uma população maioritariamente oriunda do norte de África, a

grande maioria dos habitantes de Bellefontaine é de religião Islâmica, sendo a sexta-feira o dia santo para os praticantes dessa religião. Assim, é nesse dia que os homens se deslocam à mesquita - situada também em Bellefontaine – para efectuar uma das várias rezas do dia, geralmente por volta das 18 horas, o que explica a falta de utilizadores nesta praça. Esta questão não constitui no entanto, um ponto relevante para este estudo.

Voltando à primeira questão, relacionada com o sexo dos utilizadores, é então necessário pesquisar nas práticas sociais da cultura Magrebina, uma possível causa, que poderia ajudar a compreender os modos de utilização deste espaço e que na realidade, o determinam.

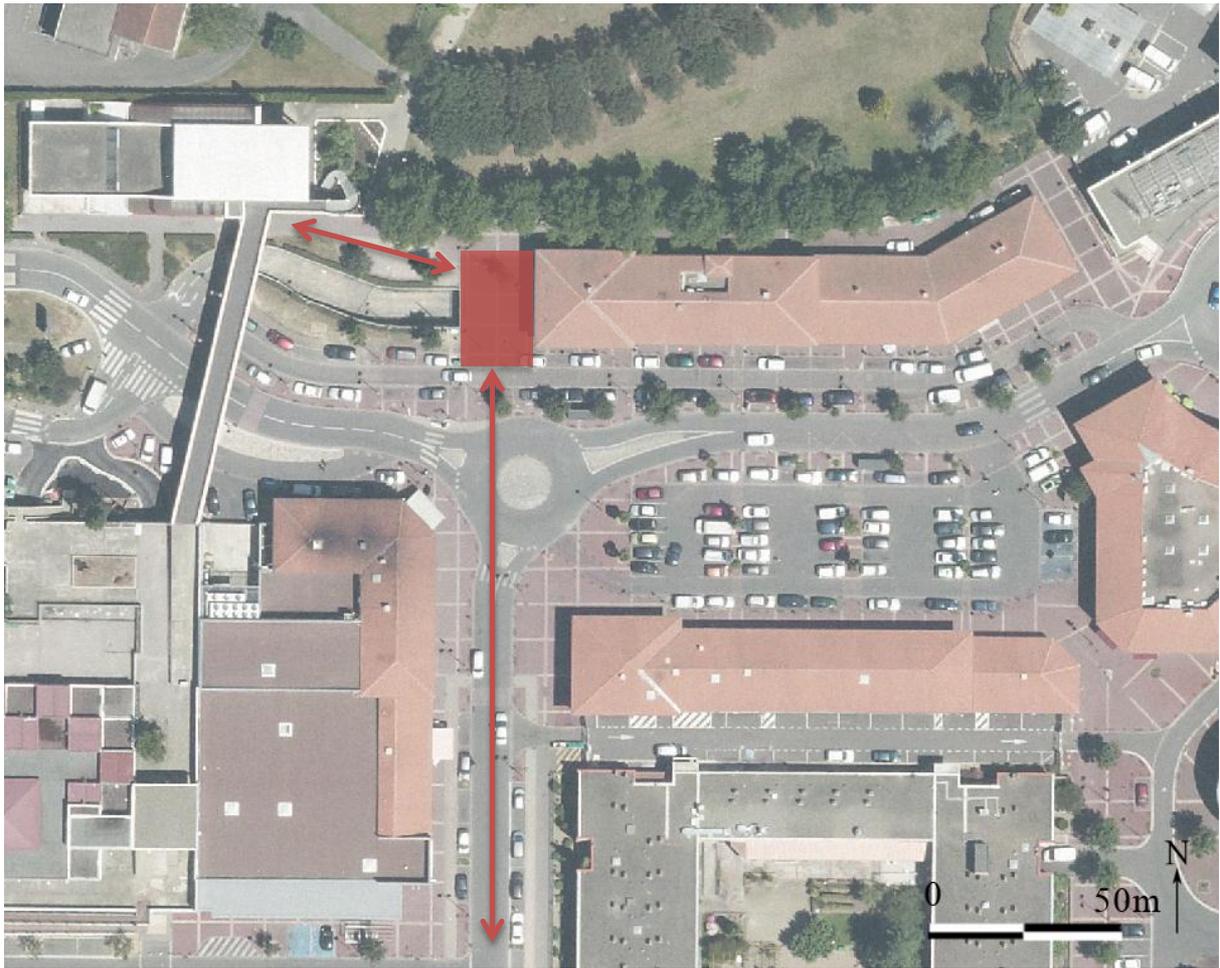
Na cultura Magrebina, existe uma distinção clara entre o homem e a mulher. No contexto da sociedade e do espaço Magrebino, *a mentalidade patriarca continua a definir os estatutos e a repartição dos papéis dos homens e das mulheres*⁴⁵. Impregnada na cultura dos habitantes, esta mentalidade encontra-se nos modos de habitar, ela mantém cada um dentro de determinados limites, evidentemente espaciais, mas também comportamentais: atitudes na interacção com os outros, códigos de vestimenta etc...

Deste modo, a habitação é nos países do Magreb, *um espaço feminino, é o lugar das mulheres*⁴⁶. Voltaremos mais à frente a referir a importância da habitação para o sexo feminino. Interessa-nos para já centrar-nos na questão do espaço público que, em oposição e ao mesmo tempo complemento da habitação privada, se torna num território masculino. De facto, nos hábitos e costumes das populações Magrebina, *os homens não devem permanecer em casa, excepto para dormir e receber os convidados: ele torna-se mesmo vítima de críticas e de desconfiança por parte das mulheres se passar demasiado tempo dentro da habitação*⁴⁷. Esta atitude qualifica e distingue sexualmente os espaços interiores dos espaços exteriores, e esta distinção parece ter importantes repercussões no espaço público, como é o caso da praça de Bellefontaine, onde a

⁴⁵ BEKAR, Rabia ; BOUMAZA, Nadir e PINSON, Daniel. *Familles maghrébines en France, l'épreuve de la ville*. Presse Universitaires de France, Paris, 1999, p.10.

⁴⁶ Ibid.

⁴⁷ Ibid, p.11.



Planta 4. Vista aérea sobre a praça de Bellefontaine. A visibilidade a partir do ponto de permanência sobre a praça é total e obriga quem sai da estação de metro a passar em frente aos grupos de habitantes
Fonte: Mickael R.

presença física muito elevada dos homens de origem Magrebina lhes confere uma visibilidade muito elevada no espaço público.

Esta explicação parece resolver a questão relativa ao sexo dos utilizadores da praça de Bellefontaine, no entanto, não justifica a presença desses habitantes num único espaço dessa praça. Esse fenómeno poderá estar pura e simplesmente relacionado com questões de visibilidade. Apesar existirem vários cafés, restaurantes e esplanadas em toda a praça, esses não parecem ser a causa da presença dos habitantes. Na realidade, *no mundo árabe, os cafés não existem. Estes são substituídos por pequenos restaurantes onde se pode beber um chá, mas em geral, são sítios não frequentáveis*⁴⁸. Isto poderá explicar o facto de a maior parte dos utilizadores da praça permanecerem em pé, no exterior e não no interior dos estabelecimentos ou nas esplanadas. Na cultura Magrebina a frequência deste tipo de espaços *de onde podemos ver e ser vistos, dá ao utilizador a sensação de viver plenamente a cidade e por vezes de pertencer a outro meio social*⁴⁹. É precisamente a questão relativa ao “ver e ser visto” que poderá explicar essa presença num único ponto.

A presença dos homens unicamente frente à saída da estação de metro - a oeste da rampa de acesso ao parque de estacionamento - poderá ter a ver com o facto de este ser um local estratégico do ponto de vista da visibilidade. Ao sair da estação de metro de Bellefontaine, o utilizador é obrigado a contornar a rampa para se dirigir para o centro do bairro, e conseqüentemente a passar em frente aos grupos que ali permanecem. Este é também o único ponto de vista que dá uma visibilidade total sobre a praça, já que a presença de edifícios impede essa mesma visibilidade através de outro ponto de vista. (planta 4)

Assim, este lugar estratégico poderá ser apreciado pelos habitantes do sexo masculino porque reforça a sua presença e a sua visibilidade num espaço público que consideram como um território que lhes é destinado.

⁴⁸ BEKAR, Rabia ; BOUMAZA, Nadir e PINSON, Daniel. *Familles maghrébines en France, l'épreuve de la ville*. Presse Universitaires de France, Paris, 1999, P.85.

⁴⁹ NAVEZ – BOUCHANINE, Françoise. *Habiter la ville marocaine*. Edições l'Harmattan, Paris, 1997, p.53.



24 e 25. Fotografias de várias mulheres de origem Magrebina no parque de Bellefontaine.
Fonte: Mickael R.

Esta hipótese foi reforçada numa das reuniões de consultoria à qual foi possível assistir. Actualmente, um projecto de reestruturação da praça de Bellefontaine está a ser desenvolvido pelo gabinete do arquitecto Remi Papillault. Este projecto tem por objectivo reduzir a presença dos automóveis e facilitar a travessia da praça. No dia 7 de Agosto de 2012, uma reunião foi então convocada pelo gabinete AARP, à qual participaram vários habitantes do bairro, bem como alguns representantes das associações de moradores. Ao apresentar a primeira versão do projecto aos habitantes, surgiram imediatamente comentários relativos ao percurso a efectuar para atravessar a praça, o qual deveria ser corrigido. Várias pessoas, essencialmente mulheres, fizeram referência às suas amigas ou vizinhas de origem Magrebina que se recusam a passar em frente aos homens presentes na praça de Bellefontaine⁵⁰.

Este “domínio” do espaço público e especialmente do ponto estratégico que constitui a praça de Bellefontaine parece assim confirmar-se. Este espaço é, no pensamento dos habitantes de origem Magrebina, destinado aos homens, e com essa ideia interiorizada, as mulheres tendem a preferir outras alternativas para evitar o contacto com o sexo masculino.

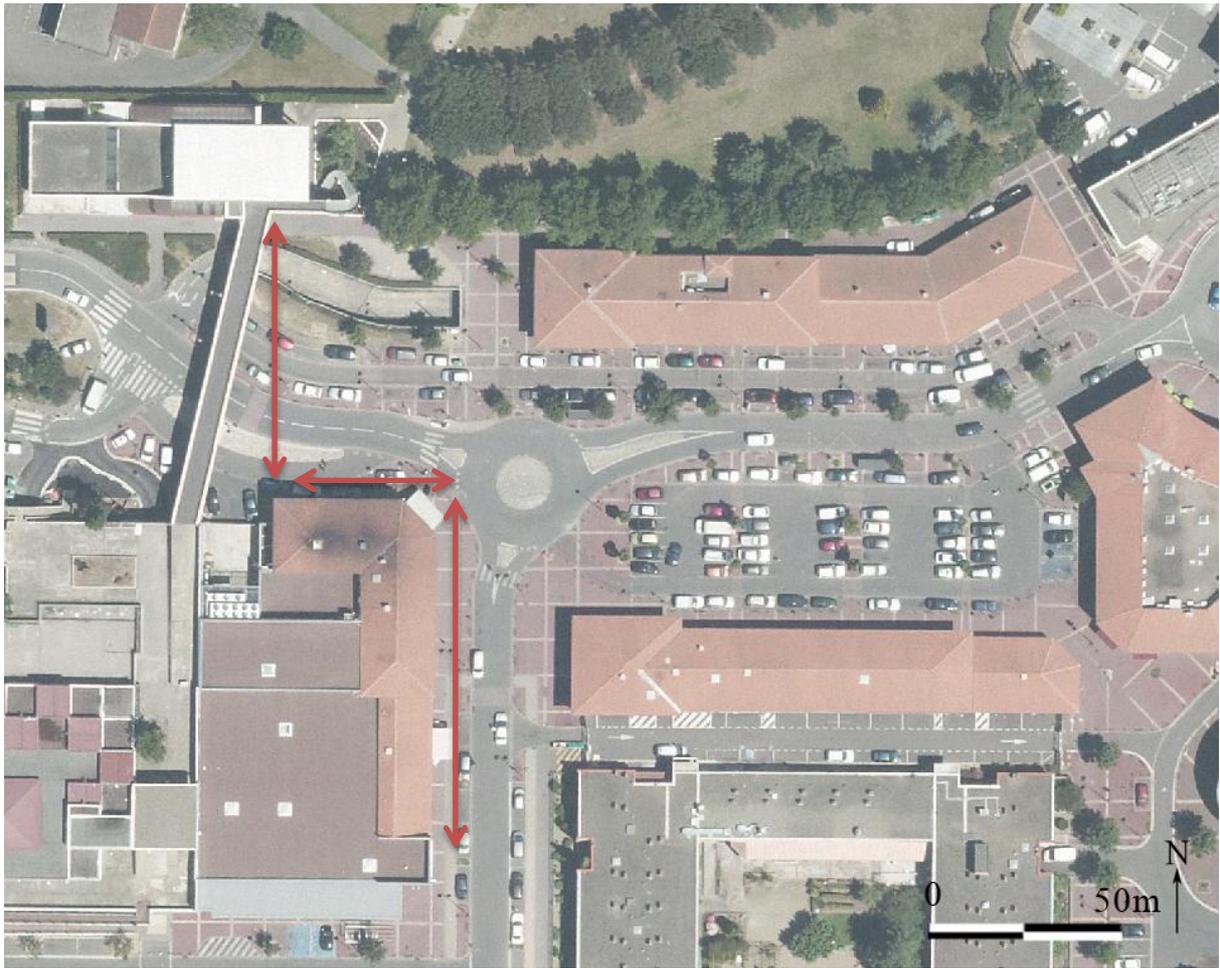
O parque de Bellefontaine: um espaço feminino

Rapidamente foi possível perceber que em geral, as mulheres de origem Magrebina optam por um percurso alternativo. A razão que as leva a optar por esse percurso estará então ligada à tentativa de evitar o contacto com os homens presentes na praça de Bellefontaine.

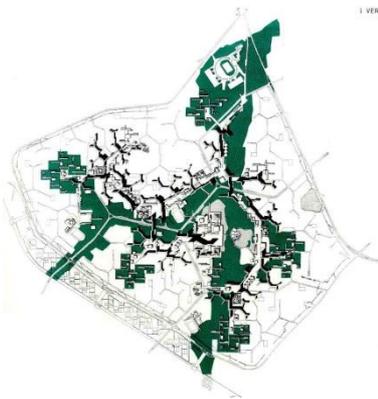
Algumas horas de observações demonstram que o percurso escolhido por estas habitantes para atravessar o bairro consiste em passar pelo parque de Bellefontaine. (imagens 24 e 25)

Este parque é um dos maiores da cidade de Toulouse, e faz parte de uma complexo esquema desenvolvido pela equipa vencedora. Esse esquema consistia em criar massas de árvores, aproveitar as fontes de

⁵⁰ Uma dessas afirmações foi feita pela Sra. Pierrette, de origem Francesa, que vive em Bellefontaine há mais de 30 anos. Referiu-se à sua vizinha e amiga de origem Argeliana que, ao sair da estação de metro, prefere efectuar um percurso bem mais longo, atravessando o pequeno parque, para evitar o contacto com os homens.



Planta 5. Vista aérea sobre a praça de Bellefontaine. Ao deslocar a rampa de acesso ao parque de estacionamento, a saída para Sul seria directa.
Fonte: Mickael R.



26. Esquema. A verde: as zonas vegetalizadas que acompanham o centro linear.

Fonte: Artigo, *Paris parallèle*, Architecture d'aujourd'hui, nº 101, Abril e Maio de 1962.

água e parques já existentes – como por exemplo o parque do pequeno palácio de Reynerie – de modo a criar uma estrutura para o bairro. Esta ideia resultou *numa das mais belas ideias do projecto realizado: a liberdade de circulação entre a grande densidade do centro linear e o passeio em plena natureza*⁵¹. (imagem 26)

Durante uma das reuniões de moradores, uma dessas habitantes de origem Magrebina do edifício Le Tintoret afirmou que gostava de passar pelo parque e que não se importava de percorrer uma maior distância.

A ideia de percurso alternativo era na realidade um desejo da equipa de G. Candilis. No entanto, hoje em dia esse percurso é pouco cómodo e obriga a grandes desvios. É de facto possível sair pelo piso superior da estação de metro e, para evitar a praça de Bellefontaine, é necessário passar por um viaduto (imagem 27) – construído depois da destruição da dala em 2007 e que deveria ser demolido pouco depois – para depois descer uma rampa estreita e muito inclinada, (imagem 28) de modo a poder atravessar o parque de estacionamento de um supermercado e finalmente aceder ao parque de Bellefontaine.

Ora, numa época em que a praça de Bellefontaine está a ser alvo de um projecto de reestruturação, uma alternativa a este percurso difícil poderia ser realizada tendo em conta as necessidades dessa cultura.

Como já foi dito, a praça de Bellefontaine é rasgada pela rampa de acesso a um parque de estacionamento subterrâneo. Uma das soluções possíveis seria então deslocar a entrada para o parque de estacionamento que se situa por baixo da praça alguns metros para Oeste. Desse modo, a totalidade da praça seria liberta, e à saída da estação de metro seria possível seguir directamente para sul, sem ter de passar em frente a todos os moradores do sexo masculino que se situam do lado Este da praça. (planta 5)

Este tipo de soluções sem dúvida poderia satisfazer as necessidades dos habitantes de várias culturas, pois não impede a utilização do espaço público e mantém a ideia de percurso alternativo que G. Candilis pretendia, sem que este seja desagradável.



27. Fotografia do viaduto frente à estação de metro de Bellefontaine.
Fonte: Mickael R.



28. Fotografia da rampa.
Fonte: Mickael R.

⁵¹ PAPILLAULT, Remi. In, GRUET, Stéphane et PAPILLAULT, Rémi. *Le Mirail, Mémoire d'une ville*. Edições Poiésis, Toulouse, 2008, p.187.

É por isso sem dúvida importante ter em conta os utilizadores, bem como a sua relação com o espaço, de modo a poder planear eficazmente a tarefa difícil que constitui uma intervenção num bairro como o de Bellefontaine.

3. OS ESPAÇOS INTERMÉDIOS

OS ESPAÇOS INTERMÉDIOS

Depois de abordar a ampla escala que representa o domínio público do bairro de Bellefontaine, e antes de abordar a esfera privada da habitação, é necessário reflectir e analisar a escala intermédia composta pela envolvente próxima dos edifícios. Vários termos são susceptíveis de definir esses espaços, no entanto, optaremos por lhes chamar “espaços intermédios”, em referência à designação utilizada por Christian Moley no seu livro “*Les abords du chez-soi, en quête d’espaces intermédiaires*”¹.

Estes espaços, que permitem *a passagem entre a escala urbana e a escala doméstica*², ganham neste estudo uma dimensão particular já que, na cultura Magrebina, permitem também a passagem entre o “espaço masculino” e o “espaço feminino”.

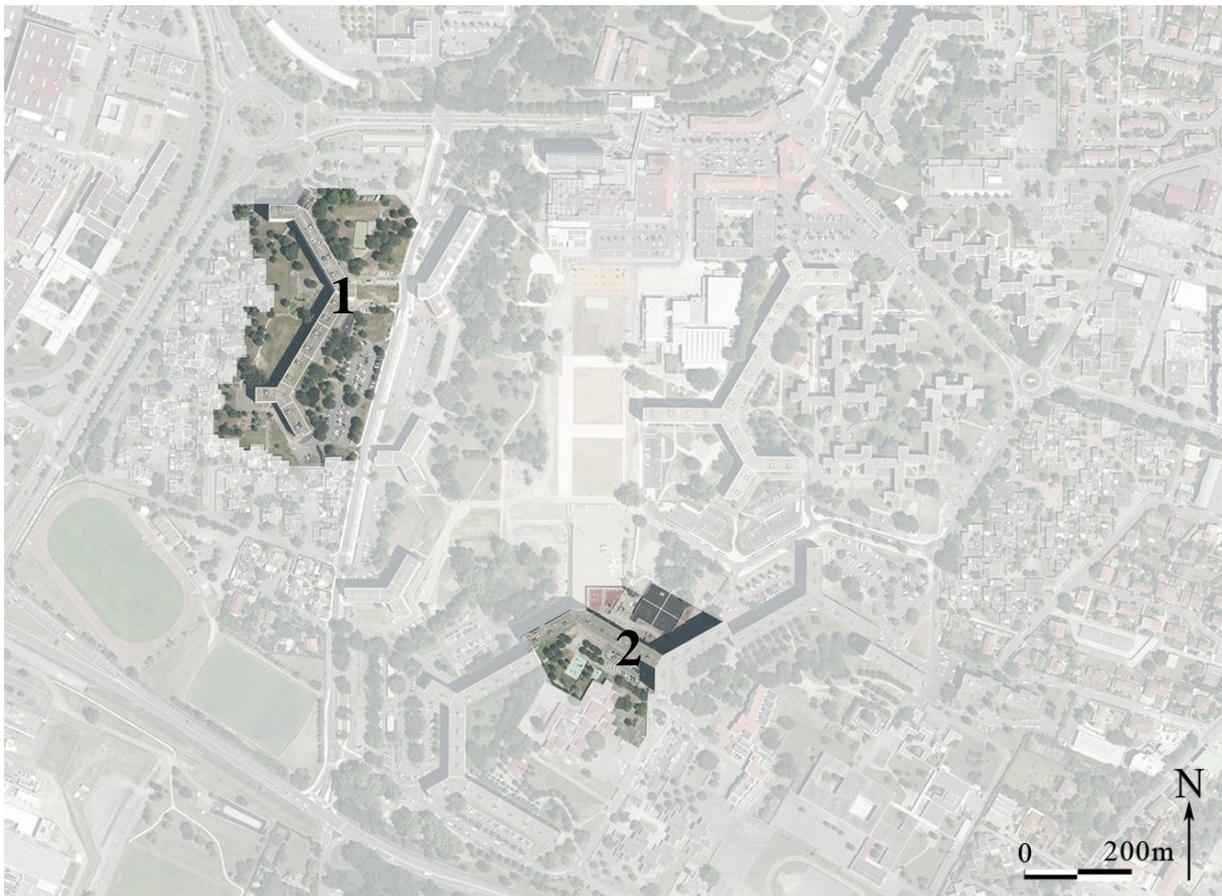
Os espaços intermédios são *o testemunho dos amplos esforços de recomposição, de extensão ou de protecção das fronteiras do privado realizadas pelos habitantes*³, e a sua análise na temática da apropriação torna-se por isso essencial na medida em que permitem compreender as consequências da sua criação - ou destruição – para os habitantes.

Os dados que de seguida serão apresentados foram obtidos através dos mesmos métodos que os dados apresentados no capítulo anterior. Esses métodos correspondem, como já foi dito, à observação directa e objectiva da realidade, ao questionamento directo de alguns habitantes, e à participação em várias reuniões de bairro e de apresentação de projectos aos habitantes que permitiram ouvir diversas opiniões de moradores, arquitectos e representantes da câmara.

¹ MOLEY, Christian. *Les abords du chez-soi, en quête d’espaces intermédiaires*. Edições de la Vilette, Paris, 2006.

² Ibid, p.6.

³ NAVEZ – BOUCHANINE, Françoise. *Habiter la ville marocaine*. Edições l’Harmattan, Paris, 1997, p.75.



Planta 1. Vista aérea do bairro de Bellefontaine com zonas de estudo assinaladas.
1 – Edifício Loui Perrgaud; 2 – Edifício Le Tintoret.
Fonte: Mickael R.

As diferenças relativamente ao capítulo anterior situam-se no território de estudo. Anteriormente, a totalidade do território que constitui o bairro de Bellefontaine era objecto de análise. Este capítulo limitar-se-á – como já foi dito – ao estudo das áreas envolventes de dois edifícios de Bellefontaine, o edifício Louis Pergaud e o edifício Le Tintoret. Consequentemente, os moradores interrogados para este capítulo foram também exclusivamente habitantes destes edifícios. (planta 1)

OS ESPAÇOS EXTERIORES COMUNS: TERRITÓRIOS DE APRENDIZAGEM

A grande dimensão dos edifícios Louis Pergaud e Le Tintoret – com alturas de 6 ou 10 pisos – permite a concentração de centenas de habitações numa área construída relativamente pequena. Daí resulta uma quantidade elevada de superfície não construída em torno dos edifícios. Sendo estes uns edifícios sociais, a câmara responsabiliza-se pela manutenção de todos os espaços exteriores situados seu redor mas, de um ponto de vista legal, estes estão dentro dos limites parcelares de cada um deles e por isso não possuem o estatuto de espaços públicos. São na realidade espaços comuns para os habitantes, geridos por uma entidade privada, que pertencem ao município.

A topografia do terreno onde se situam cada um dos edifícios referidos neste estudo determinou, no momento da construção de Bellefontaine, dois projectos de espaços envolventes muito distintos tanto a nível de forma como de funcionamento, mas onde na realidade actual, se encontram muitos pontos comuns.

Composto por 247 habitações, a construção do edifício Louis Pergaud, da autoria do arquitecto Georges Candilis, iniciou-se no ano de 1966. Situado no ponto altimétrico mais elevado de Bellefontaine, no topo de uma pequena colina, o edifício Louis Pergaud distanciou-se, desde a sua construção, dos outros edifícios construídos no bairro.



1- Corte pelo bairro de Bellefontaine no sentido Este – Oeste.
A vermelho: o edifício Louis Pergaud, com indicação do nível da *dalle* de Bellefontaine.

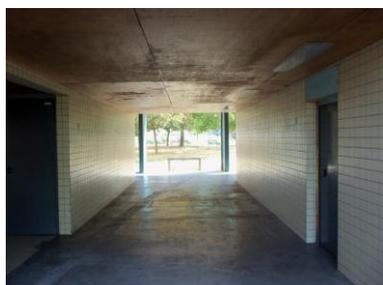
Como já foi dito anteriormente, o projecto inicial previa que os edifícios de grande dimensão estivessem ligados entre eles por uma *dalle*. Ora, o nível superior dessa dala coincidia, devido ao desnível do terreno, com o nível do rés-do-chão do edifício Louis Pergaud, tornando impossível a sua ligação directa aos outros edifícios. Desse modo, a dala nunca chegara a ser planeada nessa zona. (imagem 1)

O edifício Louis Pergaud foi por isso construído no centro de uma amplo espaço vazio e pouco organizado, tanto a nível de acessos como de tratamentos dos seus limites.



2. Fotografia do jardim do edifício Louis Pergaud.
Fonte: Mickael R.

A Oeste do edifício, encontra-se um jardim comum para os habitantes. Este é o único elemento que separa este prédio – com uma altura até 10 pisos – das pequenas casas individuais – com apenas 1 piso - que ali foram construídas na década de 60. (imagem 2) O acesso a este jardim é relativamente complexo. Era inicialmente previsto, *por questões de simplificação, que o edifício fosse construído sobre pilotis, o que gerava uma grande quantidade de superfície construída não utilizável bem como dificuldades técnicas que elevavam o custo da construção*⁴. Por questões económicas foram então construídos, ao nível do rés-do-chão, habitações e vários arrumos. Este jardim é por isso limitado a Norte, Sul e Este pela construção e é apenas acessível através de 3 pequenas entradas situadas nas articulações tripartidas. (imagem 3) O acesso ao jardim pelo lado Oeste é impossível devido à presença de muros que delimitam as habitações individuais.



3. Fotografia do acesso ao jardim do edifício Louis Pergaud.
Fonte: Mickael R.

A Nordeste do edifício situa-se outro jardim comum, no centro do qual se encontra um pequeno campo desportivo destinado aos habitantes, enquanto a Sudeste existe um parque de estacionamento - construído posteriormente ao edifício – no centro de mais um jardim comum. Por fim, a Sudoeste, confinado entre duas partes do edifício e os muros das habitações individuais encontra-se um pequeno parque infantil. (planta 2)

⁴ Relatório de 3 páginas enviado por Georges Candilis a Louis Bazerque. Não datado. Arquivo Municipal da cidade de Toulouse.



Planta 2. Vista aérea sobre a zona de estudo do edifício Louis Pergaud.
1 – Campo desportivo; 2 – Jardim; 3 – Parque de estacionamento; 4 – Parque infantil.
Fonte: Mickael R.

Apesar dos espaços que constituem a envolvente próxima do edifício Louis Pergaud serem espaços pouco tratados, e de algum modo desorganizados, que são actualmente alvo de um projecto de reestruturação ao qual participa o escritório do arquitecto Rémi Papillault, estes parecem, a nível de utilizações, espaços muito organizados.

Dia após dia, ao efectuar várias observações a diversas horas, foi possível constatar uma repetição quase diária das acções dos habitantes e uma coerência na utilização dos diversos espaços. Essa coerência revelou-se mais uma vez dependente do sexo do utilizador, mas também da sua idade.

Ao longo do dia, o pequeno parque infantil situado a Sudoeste do edifício encontra-se vazio. No entanto, a partir das 17h, várias mulheres de origem Magrebina⁵ permanecem ali enquanto os seus filhos de baixa idade brincam no parque.

Ao interrogar essas habitantes, apesar de ter sido aconselhado a não o fazer⁶, estas afirmavam que depois de ir buscar os seus filhos à escola, gostavam de vir para este parque nos dias de sol, conviver com as suas vizinhas. Curiosamente, ao perguntar as razões pelas quais utilizam este parque infantil, pequeno e pouco organizado, e não o de maior dimensão situado no parque de Bellefontaine, uma dessas habitantes respondeu imediatamente: *no parque de Bellefontaine há muita gente, prefiro estar com as minhas amigas*. Veremos mais à frente que este tipo de afirmações traduz a existência de fortes influências do espaço sobre os habitantes de origem Magrebina e vice-versa.

No campo desportivo situado a Nordeste do edifício, as observações contínuas demonstram que aqui, os utilizadores são bem diferentes. À semelhança do espaço anterior, este encontra-se quase sempre vazio durante o dia, à excepção dos períodos de férias escolares. No entanto, a partir das 17h, horário de fim de aulas, o campo desportivo é utilizado por várias crianças e adolescentes, todos eles do sexo masculino.

⁵ Reconhece-se que sejam de origem Magrebina devido à utilização do tradicional véu Islâmico por parte das mulheres.

⁶ Ao iniciar este estudo, numa das primeiras reuniões de moradores à qual foi possível participar, alguns habitantes informaram-me de que, no pensamento de alguns moradores, uma mulher não deve ser vista a conversar com um homem exterior à casa. Por isso, aconselharam-me a não interrogar os elementos do sexo feminino, de modo a evitar qualquer tipo de problemas.



2. Fotografia aérea do bairro de Bellefontaine antes da realização do GPV.
Fonte: Câmara Municipal de Toulouse



3. Fotografia aérea do bairro de Bellefontaine actualmente.
Fonte: Câmara Municipal de Toulouse



4. Fotografia aérea do edifício Le Tintoret antes da realização do GPV.

Fonte: Câmara Municipal de Toulouse

Ao questionar os utilizadores deste espaço, foi possível perceber que alguns não eram habitantes do edifício Louis Pergaud, mas sim moradores do edifício situado do outro lado da rua. Não tendo nenhum campo de desporto nesse edifício, optavam por utilizar o do edifício Louis Pergaud.

Por fim, o último espaço que parece amplamente utilizado pelos habitantes é sem dúvida o mais improvável. Trata-se do parque de estacionamento situado a Sudeste do edifício. As observações demonstraram que, à semelhança dos outros espaços, este encontra-se quase sempre vazio durante o dia. No entanto, tal como a praça de Bellefontaine, é a partir das 18h, amplamente utilizado por habitantes do sexo masculino. Ao interrogar esses habitantes sobre a razão que os levaria a permanecer neste espaço austero, destinado aos automóveis, nenhum parece ter de facto uma explicação, apenas afirmam em geral que gostam de se juntar aqui com os seus vizinhos e amigos depois do trabalho, sem saber exactamente porquê.

Apesar de possuir espaços envolventes bem diferentes a nível de forma e de tratamento, no edifício Le Tintoret, este tipo de utilizações do espaço parecem repetir-se.

Situado na cota mais baixa do bairro de Bellefontaine, o edifício Le Tintoret estava, no momento da sua construção, ligado a outros edifícios através de uma dala continua. Em 2007, o projecto de reestruturação do bairro de Bellefontaine, (imagens 2 e 3) realizado pelo arquitecto Rémi Papillault, levou à destruição de vários edifícios que estavam directamente ligados a Le Tintoret. Quatro anos depois, em 2011, parte da *dalle* que ligava esses edifícios foi também destruída. (imagens 4 e 5)

*O objectivo dessas destruições era permitir as travessias do bairro de Bellefontaine de Este para Oeste*⁷, o que antes não era possível.

Por essas razões, o espaço em torno do edifício Le Tintoret caracteriza-se, de alguma forma, pela sua falta de coerência. Actualmente, este espaço está a ser alvo de um projecto que visa a devolver-lhe as qualidades perdidas devido às destruições.



5. Fotografia aérea edifício Le Tintoret actualmente.

Fonte: Câmara Municipal de Toulouse

⁷ Revista GPV. *Grand Projet de Ville*. Agence Nationale pour la Rénovation Urbaine, Toulouse, 2011.



Planta 3. Vista aérea sobre a zona de estudo do edifício Le Tintoret.
1 – *Dalle* conservada com parque de estacionamento subterrâneo; 2 – Parque de estacionamento; 3 – Parque infantil; 4 – Infantário.
Fonte: Mickael R.



6. Fotografia da dala conservada no edifício Le Tintoret.
Fonte: Mickael R.

A Sul do edifício Le Tintoret, encontra-se um jardim no centro do qual se situa um infantário. Entre este jardim e o edifício, encontra-se um parque de estacionamento e uma antiga via de circulação que foi fechada ao trânsito nos últimos anos. Ao lado do infantário situa-se também, á semelhança do edifício Louis Pergaud, um pequeno parque infantil. Este amplo espaço, limitado em toda a sua área por altas construções, e ao qual o acesso é feito através de uma perfuração no edifício, revela assim uma total falta de hierarquia, na medida em que mistura espaços de lazer, espaços de aprendizagem e espaços destinados ao estacionamento de automóveis.

Por fim, a Norte do edifício encontra-se parte da *dalle* inicial. (imagem 6)
Em 2011, optou-se, no projecto de reestruturação de Bellefontaine, por conservar parte da dala por duas razões. A primeira deve-se ao facto de que esta não impede a travessia do bairro no sentido Este – Oeste, não era por isso necessário destruí-la. A segunda razão deve-se ao facto de existir um parque de estacionamento por baixo dessa dala, que se revela muito útil para este edifício. (planta 3)

A nível de utilização e de apropriação destes espaços pelos habitantes, encontram-se pontos comuns em relação ao edifício Louis Pergaud. Mais uma vez, os comportamentos dos habitantes parecem aqui organizados, hierarquizados consoante as idades e os sexos dos utilizadores.

A partir das 17h, tal como no edifício anterior, o pequeno parque infantil passa a ser utilizado por crianças que habitam este edifício. No entanto, uma diferença em relação ao caso anterior aparece aqui. No edifício Le Tintoret, as crianças parecem não estar acompanhadas pelas suas mães, ao contrário do que já foi visto, onde o parque infantil se tornava um ponto de encontro para as mulheres. Numa reunião de bairro à qual foi possível participar, foi perguntado duas mães de família, a razão que poderia levar a esta situação. A resposta foi muito simples, os apartamentos deste edifício possuem duas frentes, uma das quais virada directamente para o parque infantil. As mães de família podem assim observar os seus filhos desde a varanda do apartamento.

Entre um jardim e o edifício, no espaço destinada aos automóveis, a situação assemelha-se à do edifício Louis Pergaud. A partir das 18h, vários homens encontram-se aqui para conversar, geralmente durante cerca de uma ou duas horas. Passado esse tempo, voltam para as suas casas para jantar⁸.



7. Fotografia da dala do edifício Le Tintoret ocupada por um grupo de jovens.

Fonte: Mickael R.

Por fim, o último espaço claramente ocupado pelos habitantes é a *dalle*. Ao contrário dos outros espaços, não parece haver aqui nenhum “horário” específico de utilização. Ao longo do dia, vários jovens do sexo masculino encontram-se aqui onde permanecem durante várias horas. (imagem 7) Quando interrogados sobre a causa dessa presença na dala, apenas respondem que estão desempregados então passam aqui grande parte do dia. De facto, em Bellefontaine a percentagem de desemprego atinge os 33,2%⁹ contra 9,9%¹⁰ de média em Toulouse.

Apesar de muitos habitantes não conseguirem explicar com precisão as razões que os levam a utilizar determinado espaço, ou vice-versa a evitá-lo, parece haver, em ambos os edifícios, uma organização social que determina a utilização do espaço consoante o sexo e a idade dos utilizadores. Essa utilização poderá por sua vez, ser influenciada pelo próprio espaço. É então necessário procurar nos *modus vivendi* das culturas Magrebinas possíveis explicações para estes acontecimentos, de modo a poder planear ou simplesmente alterar estes espaços sem entrar em confronto com os habitantes.

A segregação sexual do espaço é como já vimos, uma realidade nos países do norte de África, e os espaços femininos nem sempre coincidem com os espaços masculinos. *Esta divisão sexual do espaço é, nos países de origem, transmitida às crianças através da educação, feita essencialmente pelas mulheres*¹¹. Esta educação parece de facto manter-se mesmo em situação de imigração.

⁸ Foi possível constatar em diversas ocasiões que os habitantes do sexo masculino que se encontram no exterior da habitação, são chamados por telefone pelas suas mulheres para ir para casa. Alguns habitantes chegaram a abandonar uma das reuniões de consultoria à qual estavam a participar afirmando que as suas mulheres estavam à espera.

⁹ Revista GPV. *Grand Projet de Ville*. Agence Nationale pour la Rénovation Urbaine, Toulouse, 2011.

¹⁰ Dados do Instituto Nacional de Estatística. 2011.

¹¹ BEKKAR, Rabia, *Usages différenciés et pratiques de cohabitation*. In, *La prise en compte de l'usage. Comment mettre les habitants, clients, citoyens, usagers au coeur des décisions*. Actes de séminaire CSTB, Ministère de l'Équipement et des Transports, 5 Octobre 1999, p.117.

O espaço doméstico em França é sem dúvida invadido pela esfera pública, devido à escolarização das crianças, à televisão, às práticas de desporto etc... Mas, os modelos de educação do país de origem que os adultos aprenderam enquanto crianças, continuam actualmente a ser ensinados aos jovens. Ora, *a transmissão dos valores do país de origem apoia-se sobre o respeito dos limites do território das mulheres e dos homens*¹². Segundo Rabia Bekkar¹³, aos jovens do sexo masculino, ensina-se a importância do espaço público e a importância simbólica que possui o facto rodeado de outros jovens do mesmo sexo. Às jovens do sexo feminino, pelo contrário, ensina-se não só a obrigação de permanecer em casa mas também os perigos decorrentes de uma presença no espaço público. *Constantemente encorajados a permanecer o maior tempo possível no exterior, os jovens rapazes são ejectados para fora do espaço das mulheres*¹⁴.

Os espaços intermédios, tal como o espaço público, são por isso espaços de socialização para os moradores do sexo masculino de origem Magrebina. No que diz respeito à utilização dos espaços exteriores pelos mais jovens, é importante acentuar o facto de que não se trata de um desleixe por parte dos pais no que diz respeito à educação. Trata-se na realidade de *uma divisão social e sexual do espaço claramente estabelecida*¹⁵. Na cultura Magrebina estas modalidades de ocupação do espaço possuem uma grande coerência. No longo processo que constitui a aprendizagem da importância da prática do espaço público para os rapazes, *são os irmãos ou primos mais velhos que possuem o papel de acompanhantes, e não os pais*¹⁶.

¹² BEKKAR, Rabia, *Usages différenciés et pratiques de cohabitation*. In, *La prise en compte de l'usage. Comment mettre les habitants, clientes, citoyens, usagers au coeur des décisions*. Actes de séminaire CSTB, Ministère de l'Équipement et des Transports, 5 Octobre 1999, p.117.

¹³ Socióloga do urbano e da imigração. É Professora na Universidade de Paris Oeste. Possui Doutoramento cujo tema é centrado sobre as mulheres Magrebina, e é autora de vários estudos sobre a internacionalização do Islão.

¹⁴ BEKKAR, Rabia, *Usages différenciés et pratiques de cohabitation*. In, *La prise en compte de l'usage. Comment mettre les habitants, clientes, citoyens, usagers au coeur des décisions*. Actes de séminaire CSTB, Ministère de l'Équipement et des Transports, 5 Octobre 1999, p.117.

¹⁵ Ibid

¹⁶ BORDET, J. In BEKKAR, Rabia, *Usages différenciés et pratiques de cohabitation*. Actes de séminaire CSTB, Ministère de l'Équipement et des Transports, 5 Octobre 1999, p.118.

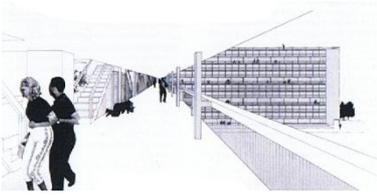


8. Fotografia do jardim do edifício Louis Pergaud. Este encontra-se vazio na maior parte do tempo.
Fonte: Mickael R.

Parece então óbvio que este contexto sociológico justifica a presença massiva de jovens e homens do sexo masculino no espaço público e nos espaços intermédios. No que diz respeito à forte utilização de determinados espaços tais como o parque de estacionamento do edifício Louis Pergaud, ou a dala do edifício Le Tintoret, e à não utilização do jardim situado a Oeste do edifício Louis Pergaud por exemplo – que permanece vazio ao longo de todo o dia e mostra claros sinais de não utilização (imagem 8) – poderá explicar-se, tal como na praça de Bellefontaine, por questões estratégicas de visibilidade. De facto, o jardim situado ao Oeste do edifício Louis Pergaud encontra-se totalmente encerrado e afastado do domínio público propriamente dito, enquanto o parque de estacionamento e a *dalle* possuem uma visão directa sobre a rua, o que poderá permitir aos homens reforçar o seu domínio sobre o espaço público através de relações visuais.

Esta hipótese poderá também explicar a utilização inversa desses espaços por parte das mulheres. De facto, as causas da permanência no parque infantil do edifício Louis Pergaud e da não permanência das mulheres Magrebinas no parque infantil do edifício Le Tintoret, poderão na realidade ultrapassar a questão da visibilidade através das varandas dos apartamentos mencionada mais acima. Na realidade, o parque infantil do edifício Louis Pergaud é totalmente isolado do resto dos espaços comuns, enquanto no edifício Le Tintoret, este encontra-se frente a um espaço amplamente utilizado pelos habitantes do sexo masculino. As questões relacionadas com a evitação do contacto com os homens que levam as mulheres a utilizar determinados percursos – como foi referido no capítulo anterior - poderão também levá-las a não utilizar determinados espaços – como por exemplo o parque infantil - de modo a não entrarem em contacto, de maneira prolongada, com elementos do sexo masculino.

OS ELEMENTOS DE CIRCULAÇÃO



9. SMITHSON, Alison e Peter, *Golden lane housing*, 1952.

Fonte: GRUET, Stéphane et PAPILLAULT, Rémi. *Le Mirail, Mémoire d'une ville*. Edições Poiésis, Toulouse, 2008, p.39.

Os últimos elementos que constituem os espaços intermédios, o entredois que separa o domínio público do domínio privado, são compostos pelo sistema de distribuições desenvolvido por G. Candilis. Esse sistema era, no momento da construção de Bellefontaine, uma grande novidade a nível nacional.

Georges Candilis introduziu de facto em Toulouse uma ideia totalmente nova desenvolvida pelos arquitectos ingleses Alison e Peter Smithson. *A partir da sua experiência sobre o habitat em Marrocos, estes arquitectos formularam uma aproximação mais contextual da arquitectura, mais próxima da identidade cultural e social dos lugares. Acreditavam que era necessário “elaborar uma hierarquia dos modos d’associações humanas, destinadas a substituir a hierarquia funcional da Carta de Atenas”¹⁷.*

Essas pesquisas levaram Alison e Peter Smithson a abordar, no início dos anos 50, o tema das ruas aéreas. (imagem 9) Este tema foi introduzido por G. Candilis e a sua equipa em Toulouse – Le Mirail. A presença dessas ruas aéreas no 5º, 9º e 12º piso de cada edifício, ligava as várias construções entre elas e permitia por isso atravessar o bairro de Bellefontaine, sem ter de descer ao nível do rés-do-chão.

A utilização deste sistema justificava-se também por questões económicas, pois reduzia a quantidade de elevadores necessários, estes encontravam-se apenas nas articulações tripartidas dos diversos edifícios.

Tal como uma verdadeira rua, G. Candilis pretendia que ao longo destas existissem *comércios e pequenas lojas*¹⁸. Este sistema de circulações foi efectivamente construído, mas as lojas e os comércios que o arquitecto pretendia construir nesses níveis nunca chegaram a ser realizados. Assim, estas ruas aéreas são na realidade galerias exteriores que servem as habitações. (imagem 10)



10. Fotografia da galeria exterior.
Fonte: Mickael R.

¹⁷ GRUET, Stéphane et PAPILLAULT, Rémi. *Le Mirail, Mémoire d'une ville*. Edições Poiésis, Toulouse, 2008, p.39.

¹⁸ MARRET, Mario. Filme, *Toulouse – Le Mirail*, 1962.

Apesar do sistema de distribuições dos edifícios Louis Pergaud e Le Tintoret ser idêntico, parece no entanto existir algumas diferenças na atitude dos habitantes em relação aos corredores exteriores e aos átrios de entrada.

As observações efectuadas ao longo de vários dias e em ambos os edifícios não revelaram nenhuma atitude repetida por parte dos habitantes que possa ser considerada determinante neste estudo. Os habitantes limitam-se em geral a passar pelos átrios de entrada e pelos corredores exteriores para aceder às suas habitações. Foi possível observar alguns jovens do sexo masculino permanecerem nos corredores exteriores do edifício Le Tintoret, mas este tipo de atitudes revelou-se ocasional e não constitui por isso um dado relevante.

Curiosamente, é no discurso dos moradores que se encontram nítidas divergências quanto à sua relação com estes espaços, e mais uma vez, essas variam consoante o sexo do utilizador.

Ao perguntar aos habitantes do sexo feminino as suas opiniões relativamente a estes espaços, estas tendem a relembrar o passado, quando os diversos edifícios ainda estavam ligados através das circulações do 5º, 9º e 12º piso. Durante uma reunião de bairro, a senhora Bounadja, que mora no edifício Le Tintoret há cerca de 20 anos, *afirma que era bom poder atravessar o bairro sem ter de descer até ao rés-do-chão*, enquanto a sua vizinha acrescenta que *para ir às compras, podiam passar pelas casas das suas amigas para irem juntas*. Lamentam o facto hoje, isso já não ser possível. As demolições de diversos edifícios bem como o encerramento de diversas circulações devido a questões de gestão dos edifícios obrigam os habitantes a passar pelo rés-do-chão.

Esta “melancolia” do passado por parte das mulheres pode mais uma vez estar relacionada com a cultura de origem. Nos países do Norte de África, estes espaços, que separam o interior privado do espaço exterior público, *possuem um estatuto especial para as mulheres. São espaços de encontros e de socialização associados à habitação*¹⁹.

¹⁹ BEKKAR, Rabia, *Usages différenciés et pratiques de cohabitation*. In, *La prise en compte de l'usage. Comment mettre les habitants, clients, citoyens, usagers au coeur des décisions*. Actes de séminaire CSTB, Ministère de l'Équipement et des Transports, 5 Octobre 1999, p.116.

Esta preferência das mulheres pelas circulações nos níveis elevados, poderá estar relacionada com *a vontade de criar espaços para sair, espaços que possam compensar a clausura da habitação e que possam de algum modo proteger estas mulheres não só dos olhares exteriores mas também de qualquer tipo de agressões da sociedade*²⁰.

Os comentários de várias mulheres que lamentam o encerramento das circulações poderão então mais uma vez estar ligado à protecção do sexo feminino em relação ao espaço público, território do homem.

Os comentários efectuados pelos habitantes do sexo masculino são bem diferentes. Quando se referem aos elementos de circulação, possuem um discurso muito mais crítico. No edifício Le Tintoret, a presença nos corredores durante a noite de alguns jovens é o motivo principal de queixas por parte dos moradores, que são por vezes incomodados durante a noite. Curiosamente, esta situação não acontece no edifício Louis Pergaud. É mais curioso ainda é o facto de que o acesso aos corredores do edifício Louis Pergaud é livre enquanto no edifício Le Tintoret, este é feito através de um código, o que leva alguns jovens exteriores ao prédio a tocar às campainhas a meio da noite para tentar aceder ao edifício. Este é um dos temas mais recorrentes nas reuniões de moradores e obriga os habitantes a desligar as suas campainhas para não serem incomodados a meio da noite.

A presença de jovens do sexo masculino na rua deve-se, como já foi visto, a questões culturais. Resta então saber o que leva alguns deles a permanecer nos corredores do edifício Le Tintoret e não nos corredores do edifício Louis Pergaud. A resposta a esta pergunta pode na realidade estar pura e simplesmente relacionada com os restantes espaços envolventes. No edifício Louis Pergaud, esses espaços são como já foi visto, hierarquizados. No entanto, no edifício Louis Pergaud, os espaços envolventes possuem um carácter mais menos hierarquizados, pois todos os espaços de convívio se encontram numa única zona. Essa falta de separações, de limites claros entre os diversos espaços poderá não só afastar as mulheres – que pretendem evitar “misturar-se” com os homens,

²⁰ BEKAR, Rabia ; BOUMAZA, Nadir e PINSON, Daniel. *Familles maghrébines en France, l'épreuve de la ville*. Presse Universitaires de France, Paris, 1999, P.157.

como também poderá levar alguns jovens a ultrapassar os limites do espaço que lhes é destinado e a apropriar-se os espaços de circulação, em busca de espaços que lhes possam ser destinados.

Depois desta análise, parece então evidente que estes “modelos” culturais possuem algumas características que influenciam directamente a utilização do espaço bem como o seu tratamento por parte dos habitantes.

O bairro de Bellefontaine tem sido nos últimos anos objecto de várias intervenções por parte de arquitectos. Parece então óbvio que o conhecimento desses *modus vivendi* poderá ajudar na definição e no tratamento desses espaços. A reflexão sobre os espaços de socialização que rodeiam os edifícios, e conseqüentemente o seu tratamento poderá na realidade passar *por uma hierarquização e uma distinção clara dos espaços: espaços de jogos para as crianças, lugares de encontro onde os jovens poderiam conversar e eventualmente praticarem desporto*²¹, e por fim, espaços mais “íntimos”, e resguardados como por exemplo jardins infantis dos quais qualquer mulher, seja qual for a sua origem, poderia desfrutar. Este tipo de abordagem não pretende satisfazer unicamente os habitantes de origem Magrebina, já que estas formas de hierarquização dos espaços são totalmente aceitáveis na cultura ocidental e poderiam por isso permitir aos habitantes viver numa única comunidade, tal como pretendia Georges Candilis.

²¹ BEKKAR, Rabia, *Usages différenciés et pratiques de cohabitation*. In, *La prise en compte de l'usage. Comment mettre les habitants, clients, citoyens, usagers au coeur des décisions*. Actes de séminaire CSTB, Ministère de l'Équipement et des Transports, 5 Octobre 1999, p.118.

4. A CASA

A APROPRIAÇÃO DA HABITAÇÃO

A última escala de análise deste trabalho diz respeito à habitação propriamente dita. É aqui, no meio mais privado do habitante, que a apropriação atinge o seu nível máximo. De facto, a habitação constitui um “conservatório das culturas”, um espaço privado protegido das influências exteriores, uma “cidadela doméstica” particularmente defendida nas culturas Magrebinas¹. Compreender o habitat através das práticas dos seus habitantes, pressupõe que os modos de apropriação possuem um papel activo e inovador nas formas de habitat. Essas formas, sejam elas boas ou más, são um recurso essencial que permite ser alterado. O utilizador, que efectua a acção de habitar, *apoia-se assim nas potencialidades que essas formas oferecem e procura neutralizar as suas deficiências*².

São precisamente essas deficiências, esses conflitos, que se tornam objecto deste estudo porque são eles que evidenciam a existência de duas acções: conceber e viver o habitat. *A primeira diz respeito a uma concepção doutrinal que integra diversos componentes relativos à arquitectura, ao urbanismo, e à gestão económica e social. A segunda diz respeito à prática dos habitantes que integram modelos culturais e dinâmicas de apropriação específicas*³.

Neste caso de estudo, é precisamente a compreensão da acção de viver o habitat, e conseqüentemente as suas apropriações por parte dos habitantes de cultura Magrebinas, que poderá permitir “melhorar” a acção de o conceber por parte dos arquitectos e urbanistas.

¹ BEKKAR, Rabia, *Usages différenciés et pratiques de cohabitation*. In, *La prise en compte de l'usage. Comment mettre les habitants, clientes, citoyens, usagers au coeur des décisions*. Actes de séminaire CSTB, Ministère de l'Équipement et des Transports, 5 Octobre 1999, p.111.

² NAVEZ – BOUCHANINE, *Françoise. Habiter la ville marocaine*. Edições l'Harmattan, Paris, 1997, p.1.

³ PINSON, Daniel. *Modèles d'habitat et contre-types domestiques au Maroc*. Ecole d'architecture de Nantes. Nantes, 1989, p.7.

A tipologia de Georges Candilis

O edifício Louis Pergaud, da autoria de Georges Candilis, é constituído por vários módulos de dois apartamentos associados entre eles cuja tipologia de base é a junção de dois apartamento tipo T3. Esta tipologia que constitui *uma das células de habitação mais inovadoras para aquela época*⁴, foi o resultado não só de uma longa pesquisa por parte do arquitecto, mas também de várias imposições regulamentares – nomeadamente em relação à superfície máxima das habitações sociais – e limitações financeiras⁵, contra as quais que Georges Candilis lutou de modo a manter os elementos que caracterizam esta tipologia.

Ao longo de toda a sua carreira, Georges Candilis manteve um certo afastamento face às normas e aos regulamentos. Tal como o seu “mestre” Le Corbusier – com o qual teve a oportunidade de trabalhar – Georges Candilis atacava constantemente nas suas publicações as imposições regulamentares que não se adequavam à modernidade. Para ele, *as normas eram por natureza atrasadas em relação ao seu tempo. Era e é normal para um arquitecto tentar de modo constante transgredi-las*⁶.

Como já foi dito, esta célula de habitação foi o resultado de vários estudos e projectos realizados por Georges Candilis nas décadas de 50 e 60. Curiosamente, todo este processo que conduziu a esta tipologia iniciou-se precisamente em Marrocos.

⁴ PAPILLAULT, Rémi. *Toulouse 1945/1975 ; la ville mise à jour*. Edições Loubatieres, Toulouse, 2009, p.147.

⁵ Carta de Georges Candilis ao Presidente da Câmara Louis Bazerque, na qual relata as alterações efectuadas ao projecto de modo a reduzir os custos da construção. 1964. Arquivo Municipal de Toulouse.

⁶ PAPILLAULT, Rémi. *Toulouse 1945/1975 ; la ville mise à jour*. Edições Loubatieres, Toulouse, 2009, p.148.



1. Edifício de habitação em Casablanca. G. Candilis, e S. Woods. 1952.

Fonte: CAPANNINI, Letizia. *Habitat collectif méditerranéen et dynamique des espaces ouverts. Cas d'étude en Europe et en Afrique du Nord*. Labortoire ACS- Universidade de Paris VIII.

Em 1951, Georges Candilis chega a Casablanca e conhece Michel Ecochard⁷, que o convida a trabalhar sobre a questão urgente da habitação para a grande quantidade de habitantes derivados do êxodo rural em Marrocos e que até ao momento se viviam em péssimas condições nas periferias das grandes cidades. Foi nesse momento que Georges Candilis, em conjunto com o ATBAT-África⁸ iniciaram os seus estudos sobre o habitat em Marrocos - cujos resultados foram publicados em Janeiro de 1953⁹ – e que conduziram a concepção de uma nova tipologia de habitação chamada *Sémiramis*.

Para os arquitectos, *segundo a ética e as condições climáticas, a habitação de uma família marroquina é composto de quartos que abrem para um pátio interior, inundado de luz. Este pátio é o verdadeiro “lar”, o espaço de convívio da família, ele responde à função de “reunir”, e é rodeado por paredes altas de modo a salvaguardar a intimidade da vida familiar. O problema que se colocou aos arquitectos foi o de encontrar uma solução similar na vertical onde o pátio seria também inundado de luz natural de modo a fornecer iluminação aos quartos*¹⁰. A solução proposta consistia por isso na organização das várias células de habitação às quais se acedia através de uma galeria. *Estas células organizavam-se em torno de pátios suspensos cuja posição se alternava de piso para piso de modo a obter um pé-direito duplo propício à boa iluminação e ventilação da casa.*¹¹ (imagem 1) Encontramos nas células de habitação de Bellefontaine o mesmo sistema de distribuição através de galerias bem como a dupla orientação das habitações, também presente na tipologia *Sémiramis*.

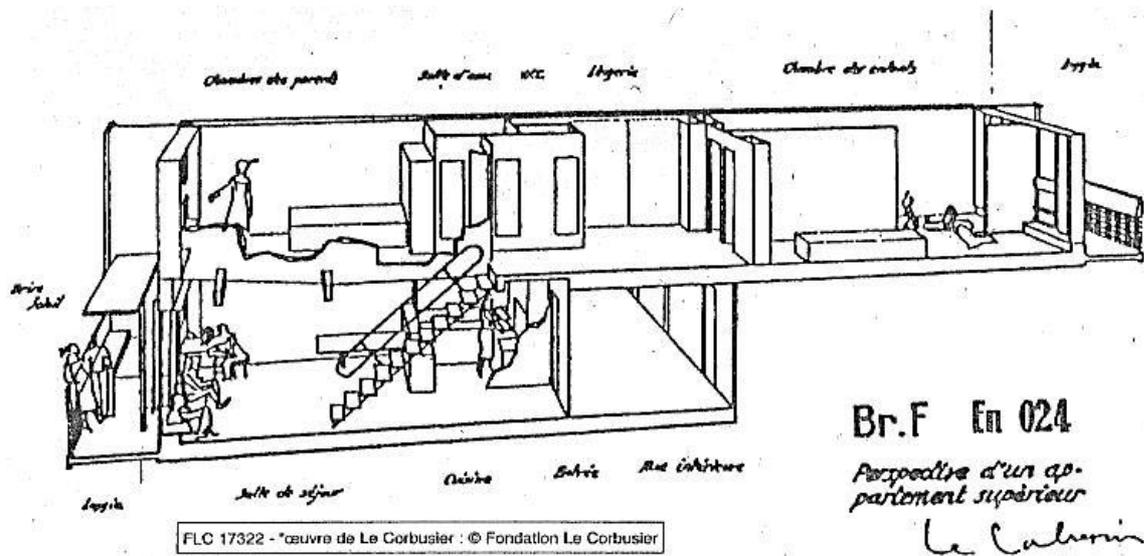
⁷ Michel Ecochar. (1905-1985). Foi Director do Urbanismo em Marrocos.

⁸ ATBAT – Atelier des Bâisseurs: Foi criado por Le Corbusier e Vladimir Bodiánsky em 1947. Este escritório pretendia definir uma nova relação entre arquitectos, engenheiros e empresas. Em 1949, ao convite de Michel Ecochard, Vladimir Bodiánsky e Marcel Iods criam a filial do ATBAT-Africa à qual Georges Candilis se junta em 1951.

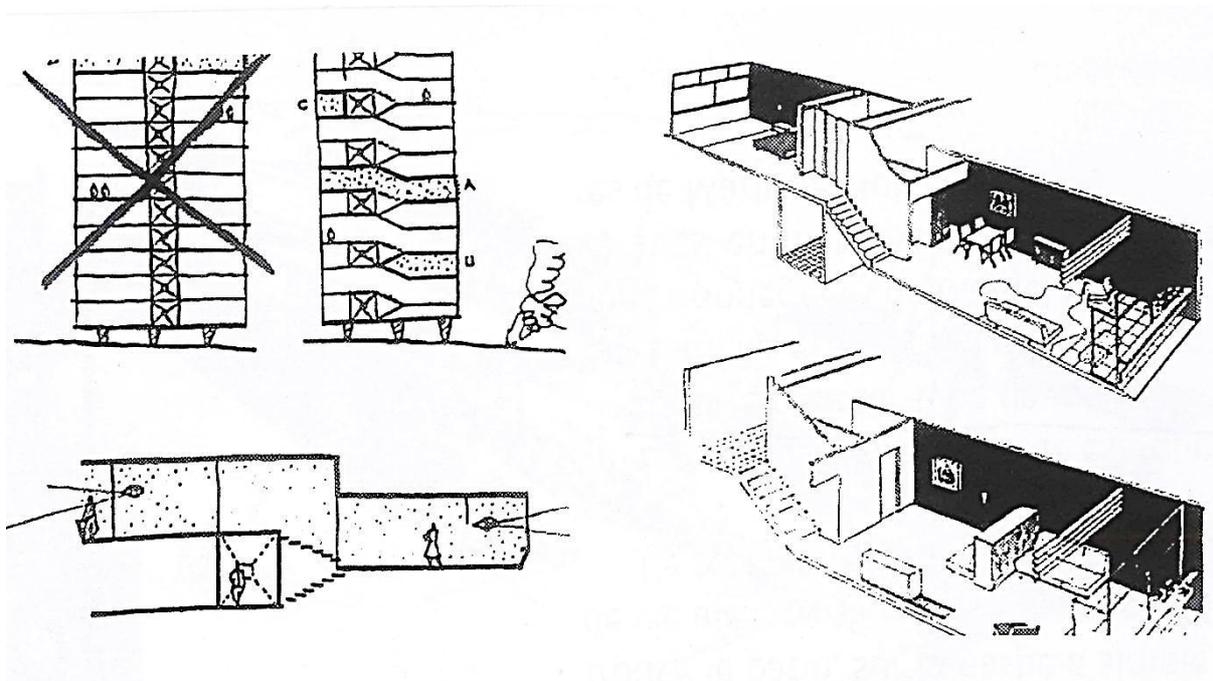
⁹ CANDILIS, Georges; WOODS, Shadrach; PIOT, Henri; com a supervisão de BODIANSKY, Vladimir. *Habitat collectif marrocaïn*. In, *Architecture d’Aujourd’hui*, nº46. Janeiro 1953, pp. 98-99.

¹⁰ *Ibid*, p.98.

¹¹ PAPILLAULT, Rémi. *Toulouse 1945/1975 ; la ville mise à jour*. Edições Loubatieres, Toulouse, 2009, p.149.



2. Perspectiva de um apartamento da *Unité d'habitation de Marseille*. Le Corbusier, 1945.
 Fonte: Site, *Fondation Le Corbusier*, consultado em 22 de Setembro de 2012.



3. Edifício MAUA, Oscar Niemeyer, 1952. Petrópolis. É possível ver nos cortes e nas axonometrias das células de habitação o princípio de meio-nível que terá servido de referência a Georges Candilis nas células de habitação de Bellefontaine.
 Fonte: PAILLAULT, Rémi. *Toulouse 1945/1975 ; la ville mise à jour*. Edições Loubatieres, Toulouse, 2009, p.150.

Paralelamente a esta tipologia, Georges Candilis desenvolveu durante a sua estadia em Marrocos um tipo de habitação mais “Europeu”. *Inspirado não só no projecto da unidade de habitação de Marselha de Le Corbusier mas também no projecto MAUA de Oscar Niemeyer em Petrópolis*¹², (imagens 2 e 3) Georges Candilis desenvolveu uma tipologia baseada num sistema de desnível similar àquele encontrado em Bellefontaine.

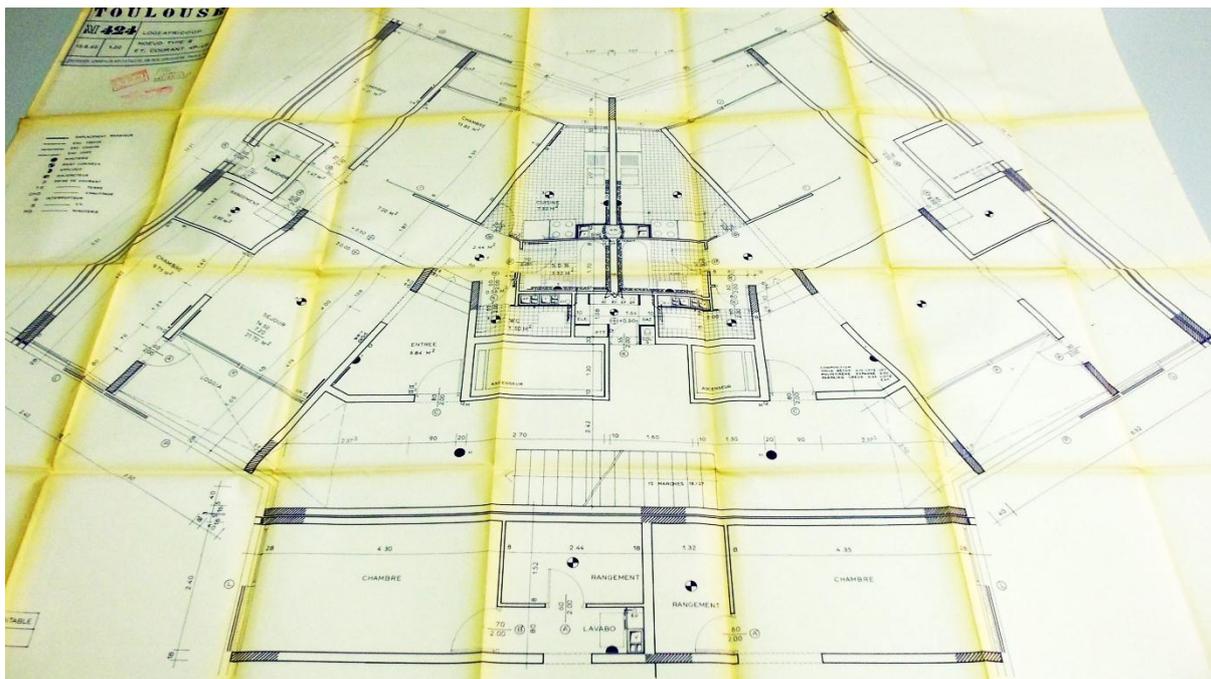
Nesse mesmo ano, Georges Candilis desenvolveu, com a equipa do ATBAT-África, uma tipologia de habitação num único nível chamada *Trèfle*. Esta possuía, à semelhança das anteriores, dupla-orientação e era composta por 3 tramas: a primeira – de 2,35m - *correspondia à cozinha, e casa de banho, e quarto*; A segunda – de 3,10m – *correspondia à sala e ao quarto dos pais*; e a terceira – de 2,35m *correspondia à loggia e quartos*¹³. Esta última trama situava-se na parte central de dois apartamentos e permitia ser atribuída por totalidade a uma das habitações ou dividida por metade entre duas, o que permite criar combinações de dois apartamentos tipo T3 ou de um apartamento tipo T4 associado a um T2. Este sistema encontra-se também na tipologia desenvolvida em Bellefontaine.

A combinação dos sistemas desenvolvidos em Marrocos permitiram sem dúvida a Georges Candilis desenvolver as células de habitação de Toulouse – Le Mirail. No entanto, a primeira proposta do projecto de habitações, realizada em 1964 foi rapidamente recusado. A área dos apartamentos ultrapassava as medidas estipuladas, um apartamento tipo T3 deveria ter uma área compreendida entre 61 e 77m². Numa carta de Georges Candilis enviada ao então presidente da Câmara Louis Bazerque¹⁴ é possível constatar que várias modificações foram efectuadas ao projecto original de modo a reduzir os custos. As alterações às quais o arquitecto faz referência têm a ver com a construção de habitações ao nível do rés-do-chão – que inicialmente era construído sobre pilotis, com

¹² PAPILLAULT, Rémi. *Toulouse 1945/1975 ; la ville mise à jour*. Edições Loubatieres, Toulouse, 2009, p.150.

¹³ Ibid.

¹⁴ Carta de Georges Candilis ao Presidente da Câmara Louis Bazerque, na qual relata as alterações efectuadas ao projecto. 1964. Arquivo Municipal de Toulouse.



4. Fotografia da planta dos apartamentos tipo T3 situados nos nós tripartidos dos edifícios projectados por Georges Candilis.

Fonte: Arquivo Municipal de Toulouse.



5. Planta do apartamento tipo do edifício Louis Pergaud. Arquitecto G. Candilis. Escala: 1/150

Fonte: Mickael G.

a construção de apartamentos nos nós tripartidos dos edifícios (imagem 4) onde inicialmente eram previstos unicamente acessos verticais e arrumos, e com a redução da trama central dos módulos para 2,40m, permitindo assim reduzir a superfície total do apartamento. Diversas alterações relativas aos equipamentos das habitações foram também realizadas de modo a reduzir os custos da construção como por exemplo *a redução da superfície envidraçada ou a remoção das condutas de lixo presentes em cada cozinha que passaram a estar presentes no exterior das habitações*¹⁵.

Assim, como resultado de uma longa pesquisa mas também de várias questões legais, o módulo de base de Toulouse – Le Mirail (imagem 5) é constituído por 5 tramas – 3m, 3.60m, 2.40m, 3.60m e novamente 3m. Esta regra repete-se geralmente por todo o edificio. Entre duas tramas de 3m, que correspondem aos quartos e às cozinhas, situam-se as caixas de escadas, as tramas de 3.60 correspondem às salas e as de 2.40 correspondem também a quartos. Este sistema de tramas assemelha-se ao sistema *Trèfle* desenvolvido em 1953.

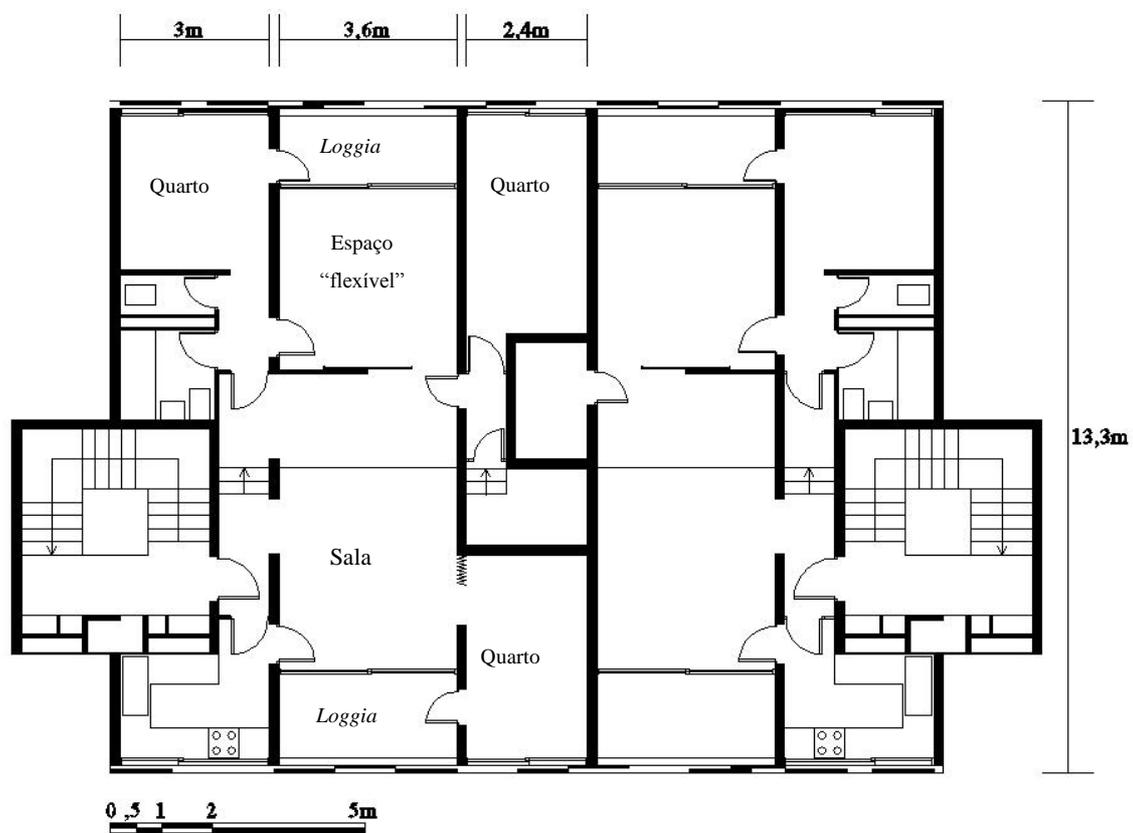
Uma das características mais importantes destes apartamentos, da qual Georges Candilis sempre recusou abdicar¹⁶, é a presença de um desnível de 50 centímetros no apartamento – à semelhança de uma das tipologias desenvolvidas em Marrocos - que permite criar dois espaços diferentes. Veremos mais à frente que esse desnível é objecto de muitas críticas por parte dos habitantes de origem Magrebina.

A organização interior demonstra uma grande simplicidade funcional. Todos os apartamentos deste edifício possuem dupla orientação, o que permitia um bom aproveitamento da luz¹⁷ - tal como nas tipologias desenvolvidas em Marrocos. Ao entrar no apartamento, é possível aceder através da entrada à cozinha e às casas de banho - que se organizam em torno das caixas de escadas de modo a facilitar as passagens das diversas tubagens – à sala e a um quarto. A sala divide-se em dois níveis e dá

¹⁵ PAPILLAULT, Rémi. *Toulouse 1945/1975 ; la ville mise à jour*. Edições Loubatieres, Toulouse, 2009, p.155.

¹⁶ Carta de Georges Candilis ao Presidente da Câmara Louis Bazerque, na qual relata as alterações efectuadas ao projecto. 1964. Arquivo Municipal de Toulouse.

¹⁷ Ibid.



6. Planta de uma variação da tipologia base do edifício Louis Pergaud. Arquitecto G. Candilis. Escala: 1/150
 Fonte: Mickael G.

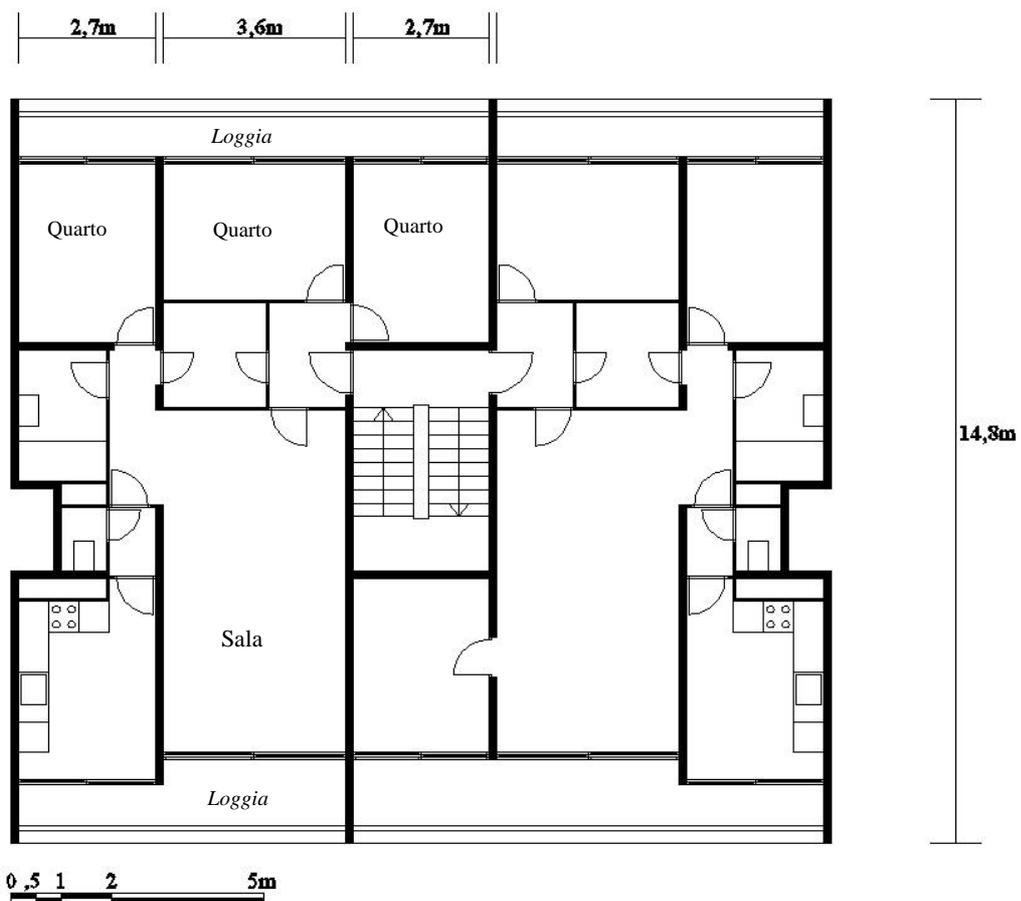
acesso a uma divisão que possui um carácter indefinido. A presença de um painel deslizante que separar esta divisão da sala dá ao habitante inúmeras possibilidades de flexibilidade que Georges Candilis pretendia. Através da sala acede-se também a um último quarto e a uma despensa, articulados com outro apartamento.

Existem também neste edifício outras associações de apartamentos como por exemplo a associação das tipologias T2 e T4. (imagem 6) Nesse caso, os quartos presentes na trama de 2.40 metros são ambos destinados a um único apartamento, mais uma vez encontra-se aqui uma referência à tipologia *Trèfle* desenvolvida na década de 50.

Todas as divisões – com excepção das casas de banho e das despensas – dão acesso a uma *loggia*. Cada apartamento possui assim uma área exterior de 12m² ou seja, 15,5% da sua superfície total. Esses espaços exteriores eram para G. Candilis uns espaços indispensáveis.

Como já foi dito, é possível constar em alguns documentos escritos pelo arquitecto durante a fase de desenvolvimento do projecto que as dimensões das *loggias* foram postas em causa de modo a reduzir a superfície total do apartamento, mas nunca a sua utilidade foi posta em causa. Veremos mais à frente que é possível actualmente colocar essa questão.

A nível construtivo, é possível ver nas plantas do projecto original presentes no arquivo Municipal da cidade de Toulouse, que G. Candilis previa a construção dos apartamentos com o tradicional sistema de vigas e pilares de betão, e paredes de tijolo. No entanto, no momento da construção do edifício, foi proposto ao arquitecto a construção desses apartamentos graças a um sistema de paredes portantes em betão, o que baixaria o custo da construção.



7. Planta do apartamento tipo do edifício Le Tintoret. Escritório APA. Escala: 1/150
 Fonte: Mickael G.

A tipologia da APA

O edifício Le Tintoret da autoria do gabinete de arquitectura APA é, à semelhança do edifício anterior, constituído por associações de módulos cuja base é a associação de dois apartamentos tipo T3. O programa para a construção deste edifício foi definido em 1967 pelo arquitecto G. Candilis e possuía uma série de regras a respeitar – tais como os sistemas de distribuição por “ruas aéreas”, a presença de varandas nos apartamentos ou os painéis deslizantes nas janelas – que condicionavam de maneira importante as possibilidades do gabinete APA. Assim, o projecto desses arquitectos aproxima-se, de maneira geral, da composição já realizada pelo arquitecto G. Candilis, apesar de ter simplificado essa tipologia.

Este módulo de base (imagem 7) é constituído por 5 tramas – 2.7m, 3.6m, 2.7m, 3.6m e novamente 2.7m. Ao contrário dos apartamentos projectados por G. Candilis, aqui as distribuições verticais situam-se na trama central de 2.7m, que correspondem também aos quartos suplementares que se podem adicionar ou subtrair a ambos os apartamentos, de modo a criar uma associação de um T2 com um T4. As tramas de 3.60m correspondem às salas e a um quarto mas também a uns arrumos e as últimas tramas de 2.7m correspondem às cozinhas, quartos e salas de banho.

Ao contrário dos apartamentos projectados por G. Candilis, estes possuem apenas um nível, e a sua organização demonstra também uma grande simplicidade. A partir da entrada acede-se a um ou dois quartos consoante a tipologia, aos arrumos e à sala, através da qual se efectua a restante distribuição.

Mais uma vez, os apartamentos possuem dupla orientação – que era uma das regras definidas pelo programa de G. Candilis – mas o sistema de *loggia* é alterado. Os painéis deslizantes situam-se ao nível das janelas, o que impede os habitantes de “fechar” a varanda em relação ao exterior.

Cada apartamento possui assim uma área exterior de 16m² ou seja 18.6% da sua superfície total. Ao contrário do projecto anterior, aqui a profundidade dos espaços exteriores variam consoante o espaço que servem.

A nível construtivo, estes apartamentos possuem, devido a razões económicas, o mesmo sistema de paredes portantes do que o edifício anterior, e os problemas que daí resultam são similares.

A CASA: UM TERRITÓRIO PROIBIDO PARA O HOMEM “ESTRANGEIRO”

Ao longo deste trabalho tem-se confirmado o facto de que é quase impossível realizar um estudo sobre o habitat e a sua relação com a cultura Magrebina, sem efectuar também uma referência à noção de “família”. As questões relativas à sua importância na sociedade, ao lugar que cada individuo ocupa e a relação que estabelecem ambos os sexos, têm-se revelado essenciais para este estudo.

Vários autores fazem referência, no que diz respeito à cultura Magrebina, à *clausura inerente à habitação, lugar de assignação da mulher, que possui o papel de protectora da família e essencialmente da descendência*¹⁸.

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, várias situações iam confirmando a existência dessa clausura. De maneira consciente ou inconsciente, os habitantes de origem Magrebina demonstravam - como veremos mais à frente - que a habitação é de facto um território feminino. Essa condição da habitação gerou várias dificuldades, na medida em que este trabalho é realizado por uma pessoa do sexo masculino, exterior às famílias residentes nessas habitações.

Limitações do estudo

Ao iniciar este estudo foi possível perceber dolorosamente que a análise das habitações, do território mais privado, seria uma tarefa complicada. Ao longos das diversas reuniões de moradores às quais foi possível participar, vários moradores do sexo masculino - pois geralmente as mulheres não participam nessas reuniões - aceitaram abrir as portas da sua intimidade de modo a poder realizar este estudo. No entanto, em inúmeras ocasiões, estes recusavam depois de terem

¹⁸ PINSON, Daniel. *Modèles d'habitat et contre-types domestiques au Maroc*. Ecole d'architecture de Nantes. Nantes, 1989, p.42.

conversado com as suas mulheres, que não aceitavam receber um convidado “estranho” em casa.

Um dos habitantes do edifício Le Tintoret, presidente da associação de moradores – de origem Paquistanesa – informou-me de que as mulheres de origem Magrebina recusariam sem dúvida receber uma pessoa do sexo masculino em suas casas.

Esta dificuldade parece resultar mais uma vez do papel que a cultura Magrebina atribui às mulheres. *Excluídas do poder político e do poder económico, o papel social das mulheres está claramente definido: são consignadas a um serviço doméstico, sexual e sobretudo procriador. Apenas uma mulher que tiver realizado de maneira correcta este serviço merece o reconhecimento masculino e apenas uma mulher que dê à luz um rapaz será a única reconhecida pelos homens*¹⁹.

Este papel social fundamental para a mulher faz com que a habitação se torne num espaço sagrado e excessivamente protegido pois ela é o lugar onde se realiza o acto de procriação e de educação da descendência essencial para as famílias Magrebina. Ao mesmo tempo, este papel essencial da mulher e a protecção da habitação que daí deriva *contribui para valorizar a mulher neste tipo de funções domésticas centradas sobre a procriação que tendem a agir de modo voluntário para proteger esse estatuto*²⁰.

Assim, o espaço doméstico torna-se de algum modo num território proibido, dificultando a análise da escala da habitação.

Algumas famílias aceitaram no entanto abrir as portas das suas habitações para a realização deste estudo, o que permitiu observar alguns fenómenos repetidos. Mais uma vez a participação em diversas reuniões de moradores permitiu interrogar os habitantes de origem Magrebina de modo a perceber quais os pontos mais negativos das suas habitações, que constituem uma verdadeira oposição às suas culturas.

Por fim, foi também possível interrogar o arquitecto Benoît Chansson que foi encarregue da reabilitação de vários edifícios de Bellefontaine.

¹⁹ BOURDIEU, Pierre. *Le sens pratique*, p.97. In, PINSON, Daniel. *Modèles d'habitat et contre-types domestiques au Maroc*. Ecole d'architecture de Nantes. Nantes, 1989, p.58.

²⁰ PINSON, Daniel. *Modèles d'habitat et contre-types domestiques au Maroc*. Ecole d'architecture de Nantes. Nantes, 1989, p.58.

A experiência deste arquitecto e os inúmeros casos de transformações das habitações dos quais foi testemunho permitiram confirmar algumas situações visíveis nos apartamentos visitados ou referidos pelos habitantes nas reuniões de moradores.

AS TRANSFORMAÇÕES DAS CÉLULAS DE HABITAÇÃO

Os espaços de estar: o desnível posto em causa

Apesar das duas tipologias de habitação analisadas possuírem uma organização funcional praticamente semelhante, uma das maiores distinções situa-se ao nível do seu perfil, pois a habitação desenvolvida por Georges Candilis desenvolve-se sobre dois níveis enquanto que a habitação desenvolvida pelo escritório APA desenvolve-se sobre um único nível. Ora, este desnível presente na tipologia de Georges Candilis é sem dúvida um dos elementos mais contestados e contrariados pelos habitantes de origem Magrebina presentes em Bellefontaine, que tentam, através de diversos dispositivos, “apagar” ou anular o impacto desse desnível no espaço.

Ao questionar, nas diversas reuniões de moradores, os habitantes sobre as qualidades e defeitos das suas habitações, os comentários variavam consideravelmente consoante o edifício no qual nos encontrávamos. No que diz respeito às salas de estar, o espaço central da casa, os habitantes do edifício Le Tintoret, projectado pelo escritório APA tendiam a valorizar a sua dimensão. Com uma área de 24,5m², estas possuem sem dúvida uma superfície superior à média desses espaços nos edifícios de habitação social em Toulouse, que geralmente ronda os 19m². O único motivo de descontentamento referido pelos habitantes acerca desse espaço diz respeito ao pavimento de linóleo – já desgastado pelo uso - que alguns habitantes gostariam de ver substituído. Este elemento não parece no entanto ser relevante para este estudo.



8 e 9. Fotografias do interior de dois apartamento do edificio Le Tinoret.
Fonte: Mickael G.

Durante as visitas efectuadas em diversos apartamentos do edifício Le Tintoret, foi possível constatar que de facto não existia qualquer tipo de transformação visível desse espaço, o que traduz de algum modo uma certa adequação às necessidades dos habitantes. A organização espacial dessas salas revelou-se, em todos os casos visitados idêntica. O mobiliário escolhido pelos habitantes para estes espaços é sistematicamente do tipo “oriental”. Longos sofás encontram-se encostados às paredes laterais da sala e uma ou duas mesas²¹ situam-se em posições aleatórias e permitem ser movidas consoante as necessidades. (imagens 8 e 9)

No caso do edifício Louis Pergaud, da autoria de Georges Candilis, a situação revela-se mais complicada. Ao serem questionados sobre as qualidades e defeitos das suas habitações, a questão do desnível é imediatamente colocada. Na maioria dos casos, os habitantes de origem Magrebina que foi possível interrogar, não conseguem perceber a utilidade desse desnível na sala, chegando até a questionarem-se sobre a razão que levaria um arquitecto a projectar uma sala que consideram disfuncional. Segundo os habitantes interrogados, o desnível que divide a sala não permite a colocação de determinado tipo de mobiliário – referindo-se claramente aos longos sofás orientais.

Ao contrário do caso anterior, nestas habitações, as marcas de transformação são claramente visíveis, confirmando assim uma inadequação aos modos de vida das culturas Magrebina.

O primeiro tipo de transformação deste espaço parece consistir numa tentativa de anulação do desnível. Ao projectar esta célula de habitação, Georges Candilis pretendia uma continuidade entre o espaço “flexível” e a sala, que ao abrir o painel deslizante poderiam estar directamente ligados. Ora, é precisamente a situação contrária que parece acontecer. Não foi possível encontrar nenhum apartamento onde o painel deslizante ainda estivesse presente. Ao longo dos anos, os habitantes parecem ter sistematicamente encerrado o espaço “flexível” em relação à sala

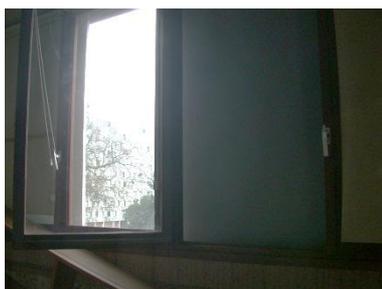
²¹ Em diversas ocasiões foi possível constatar que os habitantes instalam rodas nas pernas das mesas de modo a poder movê-las consoante as suas necessidades. Assim, esse mobiliário serve não só para refeições mas também como banca para a preparação dos alimentos quando as “matriarcas” decidem acompanhar a restante família enquanto se dedica à preparação.



10. Fotografia do interior de um apartamento do edifício Louis Pergaud onde é visível a instalação de uma guarda que separa os dois níveis.
Fonte: Mickael G.

separando o nível superior do nível inferior. O arquitecto Benoît Chansson relata ainda alguns casos, mais raros, com o qual se deparou durante a reabilitação dos edifícios de Bellefontaine, onde alguns habitantes com poucas possibilidades financeiras tentavam dividir esse níveis com alguns materiais leves e baratos colados com fita-cola. Esta é sem dúvida uma tentativa desesperada de anular esta ligação entre os dois pisos. Nos casos visitados o nível superior da sala é assim atribuído ao espaço “flexível” que os habitantes separam do nível inferior através de mobiliário ou da instalação de guardas no desnível. (imagem 10) Devido a essa separação, a superfície da sala é assim reduzida de 20,5m² para 14m².

Na tentativa de resolver os problemas derivados da redução de área da sala, nomeadamente a colocação do mobiliário, foi possível constatar ao longo deste estudo que alguns habitantes com capacidades financeiras mas elevadas optavam por soluções mais “radicais” e nem sempre realizadas de modo legal. De facto, foi possível constatar que alguns moradores retiravam as caixilharias da sala e instalavam novas caixilharias ao nível da fachada do edifício, abdicando da *loggia*, aumentando assim a superfície da sala de 5,8m² passando assim a ter uma sala de 19,8m². (imagem 11)



11. Fotografia de uma nova caixilharia instalada junto à fachada.

Fonte: arquitecto Benoit Chansson.

Resta então saber se a anulação recorrente da diferença de nível poderá ou não estar relacionada com a cultura de origem dos habitantes.

Nos países do Norte de África, *os espaços de recepção das habitações, destinados aos convidados e às pessoas exteriores à família tendem a estar claramente separados dos restantes espaços destinados à restante família*²². Segundo Daniel Pinson, as tipologias que não respeitam essa separação clara entre a zona dedicada à família e a zona dedicada às pessoas estrangeiras à habitação são geralmente alteradas pelos habitantes *de modo a que determinadas barreiras sejam estabelecidas conforme as práticas que regulam a relação do “estrangeiro” para com a família*²³. Por fim, existe nos países do Norte de África uma preferência pelos espaços de recepção de proporções

²² PINSON, Daniel. *Modèles d'habitat et contre-types domestiques au Maroc*. Ecole d'architecture de Nantes. Nantes, 1989, p.221.

²³ Ibid.

oblongas. A explicação para essa preferência poderá ser puramente antropológica, pois essas proporções associadas ao mobiliário tipicamente oriental composto por longos sofás de lado e outro do espaço permite uma proximidade que facilita as conversas²⁴.

Estas poderão então ser as razões que levam os habitantes de Bellefontaine não só a tentar dividir de modo claro os dois níveis da tipologia de Georges Candilis como também a procurar estender a superfície da sala, abdicando assim do espaço exterior.

Parece sem dúvida inconcebível adaptar totalmente os espaços de estar à cultura Magrebina, o que entraria em confronto com a cultura ocidental. No entanto, parece necessário oferecer aos habitantes aquilo que Georges Candilis pretendia, *serem arquitectos das suas próprias casas*²⁵, mas que na realidade não parece ter sido totalmente aplicado. A instalação de um painel deslizante não é de maneira alguma suficiente para dar aos habitantes a possibilidade de organizar este espaço, pois a presença do desnível de 50 centímetros limita claramente as possibilidades de acção. É por isso sem dúvida necessário pensar e reflectir sobre diversos dispositivos capazes de serem realmente adaptáveis pelos habitantes de modo a que com uma mesma tipologia, uma família “Ocidental” possa viver num espaço mais aberto enquanto que uma família de origem Magrebina possa estabelecer determinadas barreiras entre o espaço de recepção destinado aos convidados e entre o espaço destinado à família.

²⁴ PINSON, Daniel. *Modèles d'habitat et contre-types domestiques au Maroc*. Ecole d'architecture de Nantes. Nantes, 1989, p.253.

²⁵ CANDILIS, Georges. *Bâtir la vie. Un architecte témoin de son temps*. Stock, 1977, p.257.

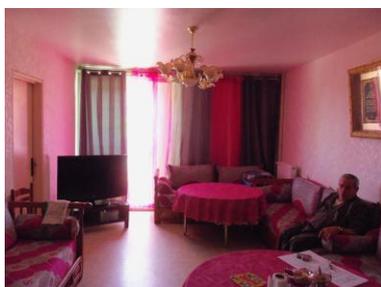


11. Fotografia de uma *loggia* do edifício Le Tintoret.
Fonte: Mickael G.

As loggias: um espaço exterior desnecessário?

O segundo elemento presente em ambas as tipologias estudadas, que de algum modo parece entrar em conflito com as práticas dos habitantes de origem Magrebina de Bellefontaine, corresponde às *loggias*. Este elemento para o qual Georges Candilis batalhou - de modo a manter a maior superfície de área exterior possível em cada apartamento²⁶ - parece afastar-se do conceito de *loggia que poderia transformar-se em quarto exterior graças à utilização dos painéis deslizantes que permitia regular a dimensão da abertura e a quantidade de luz*²⁷.

Ao interrogar os habitantes de Bellefontaine sobre os seus apartamentos, estes espaços exteriores nunca são referenciados nem como positivos nem como negativos. Em nada parecem melhorar as qualidades da habitação. Ao efectuar algumas visitas aos apartamentos de ambos os edifícios, foi possível constatar que os habitantes dão a estes espaços várias funções. Na maioria dos casos, tanto no edifício Le Tintoret como no edifício Louis Pergaud, os habitantes usam este espaço como um “arrumo” exterior, onde se amontoam móveis antigos, máquinas de lavar roupa, arcas frigoríficas etc. (imagem 11) Ao contrário do que Georges Candilis pretendia, este espaço não é uma prolongação do interior, parece na realidade representar uma verdadeira quebra entre o “dentro” e o “fora”. Em vários casos foi possível constatar a colocação de peças de mobiliário em frente às caixilharias tornando assim o acesso ao espaço exterior difícil. (imagem 12)



12. Fotografia do interior de um apartamento do edifício Le Tintoret. É visível nesta fotografia uma grande quantidade de mobiliário frente às caixilharias.
Fonte: Mickael G.

Ao questionar os habitantes desses apartamentos acerca dessa utilização relativamente curiosa das *loggias*, a questão da privacidade foi imediatamente abordada. Na maioria dos casos, os moradores recusam a ideia de tornar esse espaço num prolongamento do interior simplesmente porque este ser demasiado aberto para o exterior e sobretudo demasiado visível através do espaço público. Preferem por isso utilizá-lo como “arrumos” já que a utilização de cortinas opacas e de mobiliário impede que esses elementos sejam visíveis desde o interior do apartamento.

²⁶ Carta de Georges Candilis ao Presidente da Câmara Louis Bazerque, na qual relata as alterações efectuadas ao projecto. 1964. Arquivo Municipal de Toulouse.

²⁷ CANDILIS, Georges. *Bâtir la vie. Un architecte témoin de son temps*. Stock, 1977, p.259.

A questão da privacidade parece por isso estar na origem dessa utilização que de alguma maneira contrasta com a utilização dos espaços exteriores nos países do norte de África.

Na cultura Magrebina, os espaços exteriores possuem uma importância fundamental para as mulheres. São para o sexo feminino não só *espaços de trabalho mas também de reunião com outras mulheres, espaços de descanso, de contacto com o céu e com o sol*²⁸. A importância deste espaço nos países do Norte de África para o sexo feminino está sem dúvida relacionado com a clausura doméstica a que as mulheres estão sujeitas, imposta pelas regras sociais da sociedade. Assim, para Daniel Pinson, esses espaços exteriores podem na realidade ser *compensatórios da clausura feminina*²⁹.

Uma outra característica desses espaços exteriores nas habitações do norte de África tem a ver com a protecção que estes oferecem em relação ao exterior. Segundo Georges Candilis, o espaço exterior tradicionalmente Marroquino – que corresponde a um pátio – *é rodeado por altos muros que salvaguardam a intimidade da família*³⁰. Esta questão da intimidade aproxima-se das críticas efectuadas pelos habitantes acerca da visibilidade excessiva das *loggias* através do exterior.

Este tipo de análise dos espaços exteriores poderá sem dúvida levar os arquitectos a questionarem-se sobre a utilidade destes espaços, de facto, dois cenários são possíveis. O primeiro consistiria em integrar nos projectos espaços exteriores íntimos e resguardados, dos quais tanto os habitantes de origem Ocidental como de origem Magrebina poderiam usufruir. O segundo corresponderia a uma supressão total dos espaços exteriores que, num país como França, não são muito relevantes de um ponto de vista climático. A primeira hipótese poderia no entanto fermentar os comportamentos de clausura do sexo feminino inerentes às culturas Magrebina que atribuem o espaço exterior ao sexo masculino,

²⁸ PINSON, Daniel. *Modèles d'habitat et contre-types domestiques au Maroc*. Ecole d'architecture de Nantes. Nantes, 1989, p.282.

²⁹ Ibid, p.284.

³⁰ CANDILIS, Georges; WOODS, Shadrach; PIOT, Henri; com a supervisão de BODIANSKY, Vladimir. *Habitat collectif marrocaïn*. In, *Architecture d'Aujourd'hui*, nº46. Janeiro 1953, p.98.



12. À esquerda: o estado original do apartamento. À direita: alterações efectuadas pelos habitantes que consistem em encerrar o espaço flexível e retirar as caixilharias existentes aumentando a superfície da sala.
 Fonte: Mickael G.



13. À esquerda: o estado original do apartamento. À direita: alterações efectuadas na casa de banho de um dos apartamentos do edifício Le Tintoret. A entrada passou a ser efectuada pela lateral, e o acesso é fechado através de uma cortina.
 Fonte: Mickael G.

os quais se afastam drasticamente dos comportamentos Ocidentais. A segunda hipótese corresponderia a uma quebra total com as tradições e com a cultura Magrebina, que não só poderia gerar críticas e controvérsias, como também poderia em oposição levar as populações a aproximar-se da cultura ocidental atribuindo como espaços exteriores ao sexo feminino unicamente o espaço público. (imagem 12)

Os espaços de higiene íntima

Por fim, o último espaço da habitação que parece entrar em conflito com a cultura de origem dos habitantes de Bellefontaine corresponde aos espaços dedicados à higiene íntima. Este conflito só é no entanto visível numa das tipologias.

Nenhum habitante fez referência a esses espaços ao longo deste estudo no entanto, as suas atitudes em relação a eles demonstram uma certa inadequação face a esta cultura.

No edifício Louis Pergaud, da autoria de Georges Candilis, não foi possível constatar nenhuma alteração significativa das casas de banho propriamente ditas nem da sua relação com as restantes divisões da habitação. No entanto, no edifício Le Tintoret, da autoria do escritório APA, parece haver por parte dos habitantes uma tentativa de “apagar” a existência desse espaço face às restantes divisões da habitação. Na tipologia desenvolvida pelo APA, acede-se à casa de banho através de um pequeno átrio directamente ligado à sala. Ao contrário da tipologia desenvolvida por Georges Candilis, não existe aqui nenhuma porta que separe a sala e o átrio de distribuição. Constata-se que a maioria dos habitantes colocam cortinas opacas que separam esses dois espaços anulando assim a visão directa entre a sala e a casa de banho. Num caso mais extremo que foi possível visitar, os moradores optaram por destruir a parede lateral da casa de banho, criando um novo corredor de modo a efectuar a entrada para a casa de banho através da lateral, reduzindo assim a superfície dessa divisão. (imagem 13)

Na cultura Magrebina, os espaços reservados à higiene íntima tais como a casa de banho ou o WC – que em França se distinguem em dois espaços – são considerados de algum modo como espaços proibidos. Na cultura do Norte de África, *estes possuem uma conotação escatológica,*

*ou até sexual*³¹. Lugares de purificação, de evacuação das impurezas, possuem *um aspecto contraditório na medida em que se penetra neles de uma forma impura e sai-se de lá purificado*³². Segundo Daniel Pinson, estes espaços situam-se, nos países do Norte de África, afastados na maioria dos casos das divisões principais, *porque uma porta de casa de banho ou de WC demasiado visível, seria amplamente criticada pelos habitantes*³³. Esta conotação negativa dos espaços associados à higiene íntima poderá justificar as alterações realizadas pelos habitantes do edifício Le Tintoret que através de cortinas opacas ou da destruição de uma parede com já vimos, tentam anular o impacto da porta da casa de banho visível através do espaço de convívio, o que já não acontece no edifício Louis Pergaud. De facto, ao comparar as duas tipologias analisadas, a diferença entre elas consiste unicamente na colocação de uma porta entre a sala e o átrio de distribuição no caso da tipologia desenvolvida por Georges Candilis. Essa simples porta, sem dúvida adaptada aos modos de vida ocidentais, torna também esta tipologia aceitável aos olhos dos habitantes de cultura Magrebina. Uma delimitação clara de cada espaço, permitindo o seu encerramento por parte do habitante consoante as suas necessidades, seria sem dúvida mais adaptada aos moradores de Bellefontaine.

³¹ PINSON, Daniel. *Modèles d'habitat et contre-types domestiques au Maroc*. Ecole d'architecture de Nantes. Nantes, 1989, p.286.

³² Ibid.

³³ Ibid, p.287.

5. CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

Ao longo deste estudo foi possível concluir que um determinado modelo de habitat não determina necessariamente um modo de habitar. O processo de adaptação aos novos modelos de habitat, composto por recomposições, destruições e reconstruções de determinados modos de habitar pelo qual passam famílias derivadas da imigração é sem dúvida longo, e transmite-se de geração para geração. Num momento em que Toulouse-Le Mirail é objecto de várias campanhas - que visam não só melhorar a qualidade de vida dos habitantes através de requalificações urbanas, mas também atrair outros tipos de populações construindo habitações destinadas à venda a particulares - cabe agora sem dúvida aos arquitectos e urbanistas em Bellefontaine projectarem novos modelos, tendo em conta as particularidades da cultura Magrebina, sem no entanto os adaptar totalmente a essa cultura. Neste caso de estudo, o tratamento de alguns espaços estruturantes do bairro – como por exemplo a praça de Bellefontaine – permitiria a livre escolha de percursos por todos os habitantes. Em relação aos espaços intermédios, é sem dúvida necessária a criação de espaços cuja função esteja claramente definida e cuja posição em torno dos edifícios seja hierarquizada de modo a que cada habitante pudesse usufruir de um espaço que lhe seja destinado. No caso da habitação, como foi possível constatar, cada tipologia possui vantagens e inconvenientes. Enquanto que o edifício Le Tintoret se revela facilmente transformável pelos habitantes devido à sua grande simplicidade funcional, as particularidades do edifício Louis Pergaud geram na realidade barreiras para essas transformações. Apesar de existir uma divisão “flexível”, a presença de um desnível condiciona a organização espacial da célula por parte dos habitantes. A criação de um modelo de habitat destinado a habitantes de origem Magrebina não poderia corresponder de maneira alguma aos modos e vida Ocidentais e sem dúvida fermentaria a segregação e a estigmatização. Do mesmo modo, um modelo de habitat demasiado adaptado à cultura Magrebina poderia também fermentar atitudes que em pouco ou nada se aproximam dos comportamentos Ocidentais, o que prejudicaria a integração dessas famílias. No caso do espaço público, dar aos habitantes a possibilidade de escolher diversos percursos livremente permitiria uma utilização do

espaço por parte de todos os habitantes, independentemente do seu sexo. Sem impor determinados percursos, as condutas “ditadas” pelos modelos culturais levariam os habitantes a organizar o espaço de um modo quase inconsciente. O tratamento de todos esses percursos é por isso necessário. No caso dos espaços intermédios, uma hierarquização parece sem dúvida importante. Sem especializar cada espaço de modo demasiado rígido, uma hierarquização e organização dos espaços envolventes consoante as suas funções – desporto, estar, lazer, etc. – permitiria reatribuir aos espaços de circulação e aos parques de estacionamento a sua função inicial. Por fim, no caso da habitação, parece mais uma vez óbvio ponderar a necessidade de criar habitações adaptáveis a todas as culturas. Sem impor um modelo demasiado Ocidental ou demasiado Magrebino, a aposta em espaços moduláveis e flexíveis seria sem dúvida mais segura. A possibilidade de abrir ou encerrar os espaços permitiria satisfazer todas as populações, fermentando a hibridação das culturas sem impor modelos demasiado rígidos.

BIBLIOGRAFIA

- BEKAR, Rabia ; BOUMAZA, Nadir e PINSON, Daniel. *Familles maghrébines en France, l'épreuve de la ville*. Presses Universitaires de France, Paris, 1999.

- BEKKAR, Rabia, *Usages différenciés et pratiques de cohabitation*. In, *La prise en compte de l'usage. Comment mettre les habitants, clientes, citoyens, usagers au coeur des décisions*. Actes de séminaire CSTB, Ministère de l'Équipement et des Transports, 5 Octobre 1999, p.111-123.

- CANDILIS, Georges. *Bâtir la vie. Un architecte témoin de son temps*. Stock, 1977.

- CHÂTELET, Anne-Marie e ELEB, Monique. *Urbanité, sociabilité et intimité. Des logements d'aujourd'hui*. Edições de l'Épure, Paris, 1997.

- DESBORDES, F ; JACQUIN, J ; JAILLET, M.C ; LAUMIERE, F ; et DE SORBIER, P. *Infléchir les politiques de peuplement dans les quartiers de Reynerie et de Bellefontaine*. Relatório realizado pelos finalistas de 2003-2004 do DESS : Habitat e políticas de planeamento. Centre interdisciplinaire de Recherches Urbaines et Sociologiques, Toulouse, 2004.

- GRUET, Stéphane et PAPILLAULT, Rémi. *Le Mirail, Mémoire d'une ville*. Edições Poiésis, Toulouse, 2008.

- Revista bissemestral. *Revue Urbanisme. Grand Toulouse, métropole en projets, n°40, hors-série*. Paris. 2011.

- Revista GPV. *Grand Projet de Ville*. Agence Nationale pour la Rénovation Urbaine, Toulouse, 2011.

- MOLEY, Christian. *Les abords du chez-soi, en quête d'espaces intermédiaires*. Edições de la Villette, Paris, 2006.

- NAVEZ – BOUCHANINE, Françoise. *Habiter la ville marocaine*. Edições l'Harmattan, Paris, 1997.

- PAPILLAULT, Rémi. *Toulouse 1945/1975 ; la ville mise à jour*. Edições Loubatieres, Toulouse, 2009.

- PINSON, Daniel. *Modèles d'habitat et contre-types domestiques au Maroc*. Ecole d'architecture de Nantes. Nantes, 1989.

- RÉMY, Jean. *Dédoublement des espaces sociaux et problématiques de l'habitat*. In BONNIN, P e De VILLANOVA, R. *D'une maison à l'autre. Parcours résidentielles*. Edições Creaphis, Grane, 1999. P : 315-345.

- SERFATY – GARZON, Perla. *Le Chez-soi : habitat et intimité*. In BRUN, Jacques ; DRIANT, Jean-Claude e SEGAUD, Marion. *Dictionnaire critique de l'habitat et du logement*. Edições Armand Colin, Paris, 2003. P : 65-69.

REVISTAS

- Artigo, «Paris parrallèle», *Achitecture d'aujourd'hui*, n° 101, Abril e Maio de 1962.

- Artigo, «Ville ou quartier? Toulouse – Le Mirail». *Bâtir*, n°162, Dezembro 1967, p.75-81.

- Artigo, « Un pari tenu : Le Mirail ». *Entreprise*, n°744, Dezembro 1969, p.1-12.

- Artigo, «M. Louis Bazerque aux promoteurs toulousains: “C’est le moment d’intervenir au Mirail», *Officiel du bâtiment et des travaux publics de Toulouse*, n°67, Fevereiro de 1970, p. 23-29.

- Artigo, «Une ville nouvelle, Toulouse – Le Mirail». *Documentation Géographique pédagogique*, n° 183, Fevereiro 1971, p. 3-16.

- Artigo, « Le Mirail », *Neue Heimat*, Hamburg, Maio de 1973.

FILMOGRAFIA

-MARRET, Mario. Toulouse - Le Mirail – 1962. 1962.

-MARRET, Mario. *Le Mirail année zéro* : 1970-1971. 1971

